



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

HIGOR TEIXEIRA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES TU/VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO EM
LUANDA (ANGOLA)**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Feira de Santana-BA
2025

HIGOR TEIXEIRA DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES TU/VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO EM
LUANDA (ANGOLA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

Feira de Santana-BA
2025

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Santos, Higor Teixeira dos
S235v A variação dos pronomes tu/você no português falado em
Luanda (Angola) / Higor Teixeira dos Santos. - 2025.
124f.: il.

Orientador: Alexandre António Timbane

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de
Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
2025.

1. Português de Luanda. 2. Português angolano. 3.
Sociolinguística variacionista. 4. Pronomes tu/você. I. Timbane,
Alexandre António, orient. II. Universidade Estadual de Feira de
Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
III. Título.

CDU: 806.90-24

TERMO DE APROVAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
A VARIAÇÃO DOS PRONOMES TU/VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO EM
LUANDA (ANGOLA)

HIGOR TEIXEIRA DOS SANTOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa “Variação e mudança linguística”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



ALEXANDRE ANTONIO TIMBANE
Data: 18/03/2026 16:20:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientador

Documento assinado digitalmente



SILVANA SILVA DE FARIAS ARAUJO
Data: 18/03/2026 16:32:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinadora Interno

Prof. Dr. João Muteteca Naege
Universidade Lueji A'Nkonde - Angola
Examinador Externo

Dedico este trabalho à minha avó, Maria Alice, que se encontra em outro plano espiritual, mas que olha por mim. Além disso, dedico com satisfação ao povo angolano, minha eterna gratidão e admiração. Ao meu orientador e pai acadêmico, Prof. Dr. Alexandre António Timbane. Ademais, reverencio aos corpos negros que me fizeram chegar até aqui, especialmente, aos que fazem pesquisa. Assim como, agradeço a Deus e os orixás.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me sustentar e fortalecer ao longo desta trajetória.

À minha avó, Maria Alice, pelo apoio constante aos meus estudos e por sempre acreditar no valor da educação em minha vida. À minha mãe e a toda a minha família — tios, tias, primos e primas — pelo incentivo, carinho e compreensão durante este percurso.

Aos meus amigos, pelo apoio e pela presença nos momentos desafiadores e nas conquistas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre António Timbane, pela orientação segura, pelo apoio constante e pela confiança depositada neste trabalho.

À minha ex-orientadora de Iniciação Científica, Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida, com quem iniciei meu percurso acadêmico, pelo incentivo e pelas bases fundamentais para minha formação.

À Profa. Dra. Huda Santiago, pelas contribuições na área de metodologia científica e pelo apoio acadêmico. À Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo, pelas valiosas contribuições. Ao Prof. Dr. João Muteteca Naege, pela significativa colaboração na apresentação do projeto e na qualificação. À Profa. Dra. Sabrina Balsalobre, pelas trocas acadêmicas e pela postura sempre solícita ao longo deste percurso.

Aos amigos que conquistei durante a pós-graduação, especialmente Lorena Moura, Luzinha Brígida de Jesus e Abias Alberto Catito, pela parceria e companheirismo.

À turma de pós-graduação 2024, composta por pessoas admiráveis, pela convivência enriquecedora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento à pesquisa.

Ao povo angolano, dedico com satisfação este trabalho.

RESUMO

Angola é um país africano composto por povos falantes de mais de vinte línguas, das quais se destaca o português como a única língua oficial (Art.19º) da Constituição da República (2010). O português é uma língua mais prestigiada uma vez que é utilizada na documentação burocrática, na justiça, na educação e na comunicação formal do Estado. O português chegou em Angola pelo processo de colonização e, hoje, é uma variedade com características próprias que carregam a identidade própria angolana. Os usos dos pronomes *tu/ você* variam de variedade para variedade a depender da “padronização” aplicável em cada variedade, daí que se questiona: de que forma são utilizados os pronomes da segunda pessoa do singular na variedade angolana do português? O presente trabalho busca estudar as formas pronominais *tu/você* no português de Luanda, para assim, entender a variação da realidade sociolinguística. Além disso, descrever essas formas pronominais a partir de entrevistas por meio de um estudo em tempo aparente e discutir as razões sócio-históricas para os usos tendo em conta as interferências das línguas locais. A realização da investigação provém da tentativa de estabelecer um estudo significativo sobre o português angolano contribuindo com os seus aspectos sócio-histórico-culturais trazendo como consequência projeção para a pesquisa científica e estimulando futuras pesquisas no campo desta investigação. Seguindo da sua relevância que é constituir um panorama atual das formas de tratamento existentes no território angolano (as mais usadas e as não tão utilizadas), descrevendo as expressões emergentes que não fazem parte das formas de tratamento consideradas clássicas influenciadas pelo estrato social. Serão utilizadas para análise entrevistas, tipo DID (Diálogo entre informante e Documentador) -estratificadas por faixa etária, sexo, escolaridade, língua materna e local de nascimento do informante. O *corpus* a ser utilizado neste estudo é constituído por amostra de fala vernácula da cidade de Luanda, capital e maior centro urbano de Angola, e pertence ao banco de dados do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”. Os corpora são constituídos por dois tipos de amostras de fala, sendo uma de falantes de português como língua materna, totalizando 32 entrevistas, e a outra de falantes que têm português como segunda língua, composta por 24 entrevistas. Portanto, na pesquisa aqui projetada, serão utilizadas 56 entrevistas, todas já transcritas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEFS), com o número de parecer favorável 7.109.599 e de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE: 83267824.6.0000.0053. A investigação foi conduzida através dos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da variação e mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov (2008 [1972]) da Sociolinguística variacionista. Em pesquisas sobre o fenômeno em estudo verifica-se que o *tu* está cada vez menos utilizado pelos falantes angolanos, sobretudo, os informantes não escolarizados, que preferem o uso de *você*, cada vez mais produtivo e utilizado por escolarizados e não escolarizados. Portanto esta pesquisa demonstra o favorecimento de *você* em praticamente em todas as variáveis revelando explicações de ordem linguística e social. A variável interna concordância verbal se mostrou como uma das categorias que teve o *você* com maiores percentuais em relação a não concordância (*você*, 93.9%; *tu*, 6.1%). A variável etária se mostrou uma das mais representativas quando se fala em variáveis sociais, possuindo resultados muito elevados de *você* nas faixas jovem (71.4%), meia idade (91.9%) e idoso (84.5%). De modo geral observou-se uma tendência ao favorecimento do pronome *você* em determinados contextos sociais e discursivos, o que aponta para uma possível expansão dessa forma no português falado em Luanda. Já o pronome *tu*, por sua vez, mostrou-se restrito a contextos específicos, a exemplo, da variável preenchimento de sujeito.

Palavras-chave: Tu/você; Português de Luanda; Português angolano; Sociolinguística variacionista.

ABSTRACT

Angola is an African country composed of peoples who speak more than twenty languages, of which Portuguese stands out as the only official language (Art. 19) of the Constitution of the Republic (2010). Portuguese is a more prestigious language since it is used in bureaucratic documentation, justice, education, and formal communication by the State. Portuguese arrived in Angola through colonization and today is a variety with its own characteristics that carry Angola's unique identity. The uses of the pronouns *tu/você* vary from variety to variety depending on the “standardization” applicable in each variety, hence the question: how are second-person singular pronouns used in the Angolan variety of Portuguese? This study seeks to examine the pronoun forms *tu/você* in the Portuguese of Luanda in order to understand the variation in sociolinguistic reality. In addition, it describes these pronoun forms based on interviews through a study in apparent time and discusses the socio-historical reasons for their use, taking into account the interference of local languages. The research stems from an attempt to establish a meaningful study on Angolan Portuguese, contributing to its socio-historical-cultural aspects, resulting in projections for scientific research and stimulating future research in this field. Following its relevance, which is to provide a current overview of the forms of address existing in Angolan territory (the most used and the less used), describing emerging expressions that are not part of the forms of address considered classic, influenced by social stratum. DID (Dialogue between Informant and Documenter) interviews will be used for analysis, stratified by age group, gender, education, mother tongue, and place of birth of the informant. The corpus to be used in this study consists of a sample of vernacular speech from the city of Luanda, the capital and largest urban center of Angola, and belongs to the database of the project “In search of the roots of Brazilian Portuguese.” The corpora consist of two types of speech samples, one from speakers of Portuguese as their mother tongue, totaling 32 interviews, and the other from speakers who have Portuguese as a second language, consisting of 24 interviews. Therefore, in the research project described here, 56 interviews will be used, all of which have already been transcribed. The research was submitted to the Research Ethics Committee (CEP/UEFS), with favorable opinion number 7,109,599 and Certificate of Presentation for Ethical Review - CAAE: 83267824.6.0000.0053. The investigation was conducted using the theoretical and methodological assumptions of the theory of linguistic variation and change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov (2008 [1972]) of variationist sociolinguistics. Research on the phenomenon under study shows that *tu* is increasingly less used by Angolan speakers, especially uneducated informants, who prefer the use of *você*, which is increasingly productive and used by both educated and uneducated speakers. Therefore, this research demonstrates the preference for *você* in practically all variables, revealing explanations of a linguistic and social nature. The internal variable verbal agreement proved to be one of the categories in which *você* had the highest percentages in relation to non-agreement (*você*, 93.9%; *tu*, 6.1%). The age variable proved to be one of the most representative when it comes to social variables, with very high results for *você* in the young (71.4%), middle-aged (91.9%), and elderly (84.5%) age groups. In general, there was a tendency to favor the pronoun *você* in certain social and discursive contexts, which points to a possible expansion of this form in the Portuguese spoken in Luanda. The pronoun *tu*, on the other hand, was restricted to specific contexts, such as the subject filling variable.

Keywords: *Tu/você*; Portuguese of Luanda; Angolan Portuguese; Variationist sociolinguistics.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Angola com indicações de províncias e capitais	23
Mapa 02	Área de fixação e ação dos três movimentos	25
Mapa 03	Grupos Etnolinguísticos de Angola	33
Mapa 04	Localização geográfica dos países africanos de línguas bantu	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Porcentagem das atividades militares dos movimentos em 1972	24
Gráfico 02	Uso do tu\ você de acordo com a língua materna	87
Gráfico 03	Uso do tu\ você de acordo com a escolaridade	88
Gráfico 04	Uso do tu\ você de acordo com local de nascimento	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Quadro nº 1: Família linguística das línguas bantu	34
Quadro 02	FT no Português de Angola	60
Quadro 03	Os pronomes pessoais	61
Quadro 04	Estratificação da amostra de fala do português falado em Luanda segundo as variáveis sociais	77
Quadro 05	A (não) concordância verbal no quimbundo	98
Quadro 06	Concordância no português de Luanda e português de Portugal	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 –	Uso de tu\ você em relação a concordância verbal	80
Tabela 02-	Uso tu\ você de acordo com o tipo de sujeito	81
Tabela 03-	Uso de tu\ você de acordo com a faixa etária	83
Tabela 04-	Uso do tu\ você de acordo com a variável sexo	85
Tabela 05-	Língua materna	93
Tabela 06-	Tipo de sujeito	94
Tabela 07-	Escolaridade	95
Tabela 08-	Faixa etária	95
Tabela 09-	Sexo	96
Tabela 10-	Concordância verbal	97

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
DID	Diálogo entre Informante e Documentador
ELNOA	Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana
EUA	Estados Unidos
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
FT	Forma de Tratamento
INE	Instituto Nacional de Estatística
LGA	Língua Gestual Angolana
MFA	Movimento das Forças Armadas
MIA	Movimento para Independência de Angola
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
UNITA	União Nacional para independência Total de Angola
ONU	Organização das Nações Unidas
OUA	Organização da Unidade Africana
PB	Português Brasileiro
PDA	Partido Democrático de Angola
PE	Português Europeu
PLUA	Partido de Luta Unida dos Estados Africanos de Angola
PVA	Português Vernacular de Angola
SN	Sintagma Nominal
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA	21
2.1 ANGOLA: DADOS SÓCIO-HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS.....	21
2.2 POLÍTICA LINGUÍSTICA DE ANGOLA.....	26
2.3 REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA NO SÉCULO XXI E O CONTATO LINGUÍSTICO	31
2.4 CONTATO LINGUÍSTICO EM ANGOLA	39
3. SOCIOLINGUISTICA VARIACIONISTA	47
3.1 PRINCÍPIOS GERAIS DA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	47
3.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	50
3.3 SOCIOLINGUÍSTICA DE CONTATO.....	53
3.4 CONCEITOS DE NORMA PADRÃO, NORMA CULTA E IDEOLOGIA.....	55
4. OS PRONOMES TU\ VOCÊ NO PORTUGUÊS DE LUANDA (ANGOLA)	58
5. FORMAS DE TRATAMENTO EM ANGOLA E RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS LOCAIS.....	61
6. PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO: DIÁLOGOS COM A VARIAÇÃO PRONOMINAL ANGOLANA.....	69
6.1 PESQUISAS SOBRE O PORTUGUÊS EUROPEU E CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS DE ANGOLA.....	69
6.2 ESTUDOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SOBRE <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> : CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DA VARIEDADE ANGOLANA	72
7. ASPECTOS METOLÓGICOS	76
7.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA: APRESENTAÇÃO\CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	76
7.2 DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS	78
7.2.1 A variável dependente.....	78

7.2.2 As variáveis linguísticas.....	78
7.2.3 As variáveis independentes (As variáveis sociais/ extralinguísticas)	79
8. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
8.1 DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS POR VARIÁVEIS	80
8.2 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS E TERMINOLOGIA DA ANÁLISE VARIACIONISTA	91
8.2.1 ANÁLISE RODADA 27 (<i>Best stepping up run: #27</i>).....	93
8.3 ANÁLISE DE EXEMPLOS DO CORPUS.....	97
9. OUTRAS FORMAS DE TRATAMENTO OBSERVADAS NO CORPUS	106
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS.....	114

1 INTRODUÇÃO

Angola é um país da África Austral que, de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas de Angola, possui 36 604 681 de habitantes, com uma extensão territorial de 1.246.700 km² e composto por povos de origem khoisan e bantu. A maioria da população habita na zona urbana (sendo 17 931 985 homens e 18 672 696 mulheres); já na zona rural observa-se o seguinte: 6 195 718 são homens e 6 417 575 são mulheres (INE, 2025). Segundo Mingas (2000), em “Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda”, o país apresenta um clima úmido, caracterizando-se por duas estações bem distintas: a estação da chuva e a estação seca. Além disso, o país possui riquezas do subsolo como o petróleo, o carvão e diamantes. Sobre os dados históricos, Angola vem de um passado de dominação colonial feita por portugueses, o que resultou em uma série de conflitos chamados de “Guerras de Ocupação”. Os colonos portugueses tinham vantagem que era o seu desenvolvimento tecnológico fazendo com que os angolanos se tornassem submissos a esses colonizadores, em contrapartida, os angolanos foram resistentes de tal forma que mesmo com a presença dos portugueses desde o século XV, somente em 1884/1885 que os colonialistas puderam finalizar a partilha de África e realizando o domínio dos territórios. Foi na Conferência de Berlim, na Alemanha (1884/1884) que a África passou a ser mais explorada, mais ideologizada pelo sistema colonial. As ideologias coloniais marcavam a superioridade dos europeus em prejuízo dos africanos, espalhando a ideia de que os africanos não tinham cultura, tradições, civilização muito menos línguas, senão dialetos. O povo angolano reagindo a imposição portuguesa e, impôs uma guerra iniciada em 4 de fevereiro de 1961 que culminou com vitória cuja proclamação da independência ocorreu, no dia 11 de novembro de 1975. Anos após, a independência surgiu uma nova guerra, a guerra civil entre angolanos, conflito que gerou um grande processo migratório interno para as grandes cidades, como por exemplo, a cidade de Luanda. Para além da fuga da guerra, as pessoas buscavam oportunidades de emprego, de formação profissional e de habitação, o que fez com que as cidades fossem mais populosas. Luanda, capital do país possui (8.817.297 de habitantes), de acordo com INE (2025). A população que migrou do interior em direção às grandes cidades angolanas tem sido difusora do português aprendido de forma emergencial, visto que há necessidade de sobrevivência na cidade.

O português sendo uma língua que chegou com a colonização tem ocupado um espaço mais privilegiado no Estado angolano. Desta forma, as cidades são os espaços mais importantes na difusão e na formação da variedade, que é diferente daquela que é falada em Portugal. O português é uma língua de origem europeia que chegou no território que hoje se chama Angola e que desempenha papéis importantes na burocracia, no funcionamento do estado e sobretudo na educação.

O foco principal da pesquisa é o uso dos pronomes de tratamento TU/VOCE na variedade angolana de português. Esta pesquisa está inserida no quadro teórico da *Sociolinguística* variacionista, sobretudo na linha de pesquisa *Variação e Mudança Linguística no Português Brasileiro*. O corpus a ser utilizado neste estudo foi construído por amostra de fala vernacular do português angolano, falado na cidade de Luanda, capital de Angola, e pertence ao banco de dados do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana. Trata-se de um corpus coletado e oficializado em 2009, por meio da Portaria 036/2009 expedida por seu Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Portaria CONSEPEP/UEFS 13.04.2009).

A investigação propõe-se a analisar a variação no português luandense, mais precisamente, o uso das formas pronominais *Tu/Você*. Como objetivos específicos, a pesquisa visa: a) descrever o uso da segunda pessoa do singular na variedade linguística usada em Luanda a partir de entrevistas por meio de um estudo em tempo aparente, especificamente, a variação entre as formas pronominais *tu* e *você*; b) discutir as razões sócio-históricas dos usos desses pronomes tendo em vista as interferências das línguas locais; por fim (c) explicar os usos dos pronomes na fala da variedade angolana de português.

Dessa forma, será observada a variação linguística entre pessoas com “nula” ou “baixa escolaridade” e as variedades usadas por pessoas com escolaridade alta, analisando quais formas de tratamento variam, as mais recorrentes ou não e as emergentes entre os falantes da variedade angolana do português. No estudo, serão consideradas as línguas em contato especialmente, o contato do português com as línguas do grupo bantu.

Sobre a questão linguística, Mingas (2000) afirma que a nação angolana é multilíngue, uma vez que integra línguas estruturalmente diferentes umas das outras convivendo num território e algumas dessas línguas são internacionais, uma vez que são faladas em países vizinhos de Angola. Existe no país línguas do grupo bantu, do Grupo Khoisan, a Língua Vatwa e kwisi (ainda sem classificação) e a Língua Gestual Angolana. A estas línguas, junta-se o português que desde 1975 (ano da independência) é a única língua oficial angolana. No período

colonial, o português foi imposto pelo Decreto-Lei nº 39.666 de 20 de maio de 1954 que foi o “Estatuto dos Indígenas Portugueses das províncias de Guiné, Angola e Moçambique”. Foi o Art. 56º que obrigou o uso da língua para “Extinção da condição de Indígena e da aquisição da cidadania”. Cidadãos que reuniam os requisitos ascendiam de estatuto e eram chamados de “assimilados”. Foi a partir desta obrigatoriedade que cidadãos angolanos, guineense e moçambicanos passaram a aprender o português e **felizmente** não conseguiram falar como portugueses, o que contribuiu para a formação das variedades do português da África. Destacamos a palavra ‘felizmente’, porque uma variedade é uma marca de identidade de uma comunidade de fala, muitas vezes influenciada pela cultura, pelas tradições e pelas línguas maternas de origem africana.

O pesquisador Kukanda (2000) descreve a diversidade linguística em Angola com as línguas locais que são: o *Kikongo*, que conta com quatorze variantes: *Vili*, *Yombe*, *Kakongo* e *Woyo* na província de Cabinda; *Solongo* e *Kisikongo* faladas na província do Zaire; *Soso*, *Kango*, *Zombo*, *Suku*, *Pombo*, *Gwenze*, *Paka* e *Koji* faladas na província do Uige; Kibumdu, com as seguintes variantes na província de Luanda - *Ambundu*, *Ntemu* e *Kisama*, faladas na província do Bengo - *Hungu*, *Luangu*, *Dembu* e *Ambundu* faladas no Kwanza-Norte - *Puna*, *Jinga* ou *Ngola*, *Bando*, *Mbangala*, *Holo*, *Kari*, *Xinje*, *Minungu*, *Songo*, *Bambara* e *Sende* faladas na província de Malanje - *Libolu*, *Kíbaia* e *Haku* faladas no norte da província de Kwanza-Sul; o *Cokwe*; *Ngangela*, *Nyanelca-humbi*; *Ambo*; *Herero*; *Oxindonga*, além das línguas Khoisan (*Kung!* ou *Kamusckele*, *Kazama*, *Kede*, *Kuissi*, *Kwepe*) distribuídas de forma desigual ao longo do país. Ainda não há dados conclusivos sobre a localização dessas línguas porque são povos nômades, localizados nas florestas angolanas.

Evidentemente, não se pode deixar de apontar que em Angola, existe a língua gestual entre a comunidade surda, a LGA (Língua Gestual Angolana), que é um sistema de sinais de ícone-cinético espaciais utilizados pelos surdos angolanos na comunicação de forma natural e espontânea (Sachizembo, 2022). A língua gestual ainda carece de formação de professores e ensino mais extensivo para ouvintes, para além da adoção de políticas linguísticas inclusivas.

A hipótese da existência de uma variedade angolana de português levou à profa. Dra. Eliana Pitombo Teixeira a realizar uma pesquisa de campo em Luanda, capital de Angola, com o apoio de estudantes universitários nativos, em que foi coletada uma amostra da língua falada do português luandense. Trata-se de entrevistas sociolinguísticas, que foram gravadas em 2008 e 2013, por meio de diálogo entre informante e pesquisadora. Os dados foram segmentados por faixa etária, sexo, escolaridade, língua materna e local de nascimento do informante. Como se

tratou de entrevista, houve todo um processo que iniciou desde a elaboração de roteiro, a culminância e a transcrição dos dados.

Os pronomes *tu/você* constituem a segunda pessoa do singular em língua portuguesa. Parte-se do princípio de que há um distanciamento entre *eu*, *tu* e *ele* e a presença da segunda pessoa revela um distanciamento mais próximo ao *eu* comparativamente a *ele*. Não há diálogo entre *eu* e *ele*. Mas entre *eu* e *tu* ou *você* é possível. Os usos dos pronomes *tu/ você* variam de variedade para variedade a depender da “padronização” aplicável em cada variedade, daí que se questiona: de que forma são utilizados os pronomes da segunda pessoa do singular *tu/você* na variedade angolana do português? Nesse caso, serão analisados fatores que podem influenciar nessa variação, como linguísticos (concordância ou não verbal) e sociais (grau de escolaridade, faixa etária, local de residência e sexo). Além disso, deve-se observar como os contextos de uso das variedades podem influenciar no uso das formas de tratamento sabendo que a adequação linguística leva o sujeito a escolher de forma estratégica os pronomes a serem utilizados de acordo com os reais objetivos que estão envolvidos no contexto do falante com o seu interlocutor.

Para ajudar no entendimento desse fenômeno, é preciso inicialmente apresentar uma breve descrição sobre como se desenvolveram as relações entre a língua portuguesa e as línguas africanas em Angola. De acordo com Endruschat e Schimidt-Radefeldt (2015), a Língua Portuguesa chegou ao território africano em 1415 com a conquista de Celta, situada no lado oposto de Gibraltar, por D. Henriques, o navegador passando ao longo da Costa africana, depois Cabo Verde até chegar à foz do rio Gâmbia. Já em Angola, os primeiros contatos entre os portugueses e o Reino do Congo se deram no longínquo ano de 1482, na foz do Rio Congo. Angola, sendo uma colônia portuguesa e com muitos recursos naturais e humanos tornou-se um local privilegiado para a colonização. Desta forma, foi a partir de Angola que saíram muitos escravizados para as américas (Naege, 2021). O país é caracterizado por uma diversidade linguística na qual as línguas angolanas convivem com a língua portuguesa com outras línguas transfronteiriças. Apesar da presença das línguas angolanas no território, é a língua portuguesa que vem ganhando cada vez mais falantes, tal como mostram os dados do INE (2025) e não pode, entretanto ser confundida com uma língua nativa de Angola, porque chegou por processos históricos. O português é Língua materna para 45% dos angolanos de acordo com INE (2025). Segundo Miguel (2008), esse protagonismo da língua do dominador em relação as outras línguas angolanas, resultou na interdição das mesmas no aprendizado formal tendo como justificativa a ausência de valor funcional por parte dos angolanos, a ausência de livros,

gramáticas e dicionários para além de ser promotor de divisão em grupos étnicos. A Língua portuguesa foi concebida como língua de ‘unidade nacional’ na ideologia vigente nas décadas 70 e 80.

A questão norteadora suscita hipóteses básicas a fim de pensar na discussão do fenómeno de variação dos pronomes *tu/você*. Primeiramente, espera-se que os fatores de valores semânticos possam determinar o uso dos pronomes *tu/você*, como, por exemplo, confiança, intimidade, distância/afastamento, superioridade/inferioridade e hábito. A depender de quem está conversando, podendo ser um amigo, parente (pai, mãe, filho ou filha) preferencialmente se utiliza o pronome *tu/você*, assim como, *senhor/senhora*. Além disso, observa-se o nível de escolaridade, em que os falantes angolanos recorrem a estratégias de uso.

Angola libertou-se do jugo português há 50 anos. Nesse período de meio século, o país passou por uma guerra civil, o que promoveu um grande processo migratório interno para a cidade de Luanda, capital de Angola, principalmente a partir da segunda metade do século XX. A população que migrou da zona rural para a zona urbana tem sido a grande difusora do português aprendido de forma emergencial, visto que há necessidade de sobrevivência na cidade com o uso da língua portuguesa. Neste sentido, o presente estudo tem como uma de suas hipóteses que o português angolano ainda está em formação, tendo como um dos pilares o contato entre línguas, mais especificamente entre o português e as diversas línguas locais.

A variação entre as formas de tratamento no português angolano reside na produtividade, no sentido prático, em que se utiliza um determinado pronome em detrimento de outro. Esse fato pode ser verificado na forma *tu* que está em decadência sobretudo entre os falantes não escolarizados, que preferem o uso do *você*, pronome cada vez mais produtivo entre os falantes escolarizados e não escolarizados. Essa explicação pode se dar porque o *você* sempre pressupõe relação de igualdade e menos de intimidade. O *tu* carrega resquícios entre os falantes escolarizados dos quais tiveram uma emersão linguística e cultural no Português europeu (Naege, 2021).

O português angolano ainda não possui estudos exaustivos sobre a variedade. Trata-se de uma variedade sem gramáticas impressas que sistematizam as particularidades do português local. Daí que urge a necessidade de estudar e apresentar características da variedade para que se possa criar instrumentos essenciais para a formalização da variedade. A importância do estudo do português angolano vem do seu passado de dominação portuguesa, que apesar do seu objetivo alcançado diante da resistência intensa por parte dos angolanos, a língua portuguesa,

passou a conviver com numerosas línguas africanas. A motivação para estudar o tema surge desde o período de iniciação científica, realizada ao longo de dois anos, com vínculo de bolsista FAPESB, em que foi possível analisar a variação entre as referidas formas pronominais no português angolano - variedade pouco estudada e documentada -, bem como dar visibilidade a práticas reais de fala, evidenciando como pessoas de sua comunidade de fala, no caso, Luanda, constroem identidades, estilos linguísticos e relações sociais.

Além disso, foi possível observar relações com o português brasileiro (PB). Então desde aquele momento surgiu uma inquietação até chegar na atual fase do projeto, que pressupõe um aprofundamento teórico e um direcionamento específico ao fenômeno em estudo. A realização da investigação provém da tentativa de estabelecer um estudo significativo sobre o português angolano contribuindo para os seus aspectos sócio-histórico-culturais trazendo como consequência projeção para a pesquisa científica e estimulando futuras pesquisas no campo desta investigação. A sua relevância é constituir um panorama atual das formas pronominais de tratamento existentes no território angolano (as mais usadas e as não utilizadas), descrevendo as expressões emergentes que não fazem parte das formas de tratamento considerada padrão influenciadas pelos diversos estratos sociais.

No âmbito desta dissertação, o estudo se diferencia de pesquisas anteriores se valendo do mesmo ineditismo já citado sobre a variedade angolana, quando a maioria dos estudos sobre as formas de tratamento em Angola sempre examinaram os sistemas gerais de tratamento, o emprego de *senhor(a)*, *doutor*, *mano*, *tia* e usos formais e informais em contextos socioculturais. Sendo assim, quase não se verifica pesquisa dedicada exclusivamente à variação entre *tu* e *você* em Luanda como fenômeno sociolinguístico, com recorte sistemático e análise de fatores condicionadores. Acrescenta-se o fato de observar dados reais de fala, ou seja, sujeitos em contextos sociais, evidenciando o uso espontâneo dos pronomes a partir de parâmetros que são os condicionadores sociais (idade, gênero, contexto de interação, proximidade). Por outro lado, grande parte dos trabalhos angolanos descreve usos a partir de análises semântico-pragmáticas, dados introspectivos ou textos escritos. Outro ponto, é que esta abordagem sociolinguística considera as dinâmicas identitária e socioculturais luandenses, valores semânticos de afastamento, proximidade, respeito, intimidade e confiança que *tu* \ *você* pode veicula.

2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

Nesta seção apresento informações sobre o contexto social e histórico de Angola, além de seus dados geográficos. Cumpre-se destacar ainda a descrição da realidade multilíngue de Angola por meio de seu contato linguístico.

2.1 ANGOLA: DADOS SÓCIO-HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Angola passou por um longo período de guerra civil primeiro contra a dominação portuguesa, que chegou ao fim em 1975 com sua independência e depois, com os movimentos nacionalistas pró-independência que lutaram entre si pelo controle político do país, o que perdurou até o ano de 2002. Esses movimentos foram: a FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola; o MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola; e, mais tarde, a UNITA – União Nacional para independência Total de Angola.

Antes de tudo para se entender o que foi o processo de guerra civil, é necessário falar sobre como se deu os primeiros contatos dos portugueses na África sobretudo em Angola. De acordo com Silva (2018), em 1482, Diego Cão comandou os primeiros lusitanos que ancoraram na foz do rio Zaire, com isso teve início a conquista da região, abrangendo a área que hoje se chama Angola. Além de interesses comerciais, fazia parte do plano português a evangelização e a expansão da língua portuguesa.

Segundo Luemba (2018), essa ocupação não foi abrupta, mas sim lenta e gradual passando por fases de sucessão até chegar na questão da língua:

Essas relações amigáveis tinham como agenda as trocas comerciais. Esta fase, a que podemos chamar de presença, decorreu maioritariamente na zona costeira. Mais tarde, com os interesses, para além das especiarias, surgiu a fase de penetração que foi

marcada por conflitos e a resistência. Após a penetração, seguiu aquela que pode ser vista como a fase de ocupação, em que os vários costumes/hábitos da potência colonial eram forçados para a aprendizagem, tendo entre estes o Português, que se tornou uma língua forte dentro das que coabitaram o atual território de Angola, fazendo com que se tornasse uma espécie de língua franca, visto servir para intermediar nas negociações comerciais (Luemba, 2018, p.15).

Nas décadas de 50 e 60 surgiram em Angola vários movimentos de libertação, sob diversas siglas que foram se transformando ao longo do tempo. É importante mencionar que além desses, a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização da Unidade Africana (OUA) foram decisivos para o processo de descolonização do continente Africano. A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) foi um movimento político criado em 1962, que teve como principal líder Holden Roberto e contou com o apoio do partido democrático de Angola (PDA). Esse movimento utilizava a questão racial como bandeira, sendo contra os brancos portugueses e anticomunistas. De acordo com Felgas (1968), os Estados Unidos forneciam apoio técnico anual e conselho técnico. O Zaire também fazia sua parte nessa ajuda.

Abaixo apresenta-se a localização de Angola com as províncias e a capital correspondente a cada uma. Angola encontra-se organizada em 21 províncias, que são as maiores subdivisões a nível nacional. Cada província angolana possui certo grau de autonomia garantida pela Constituição. O mapa 1 ilustra que Angola faz limite com quatro países da África e que suas línguas extrapolam os limites geopolíticos.

Mapa 1: Mapa de Angola com indicações de províncias e capitais



Fonte: Diário Oficial da República de Angola, 2024

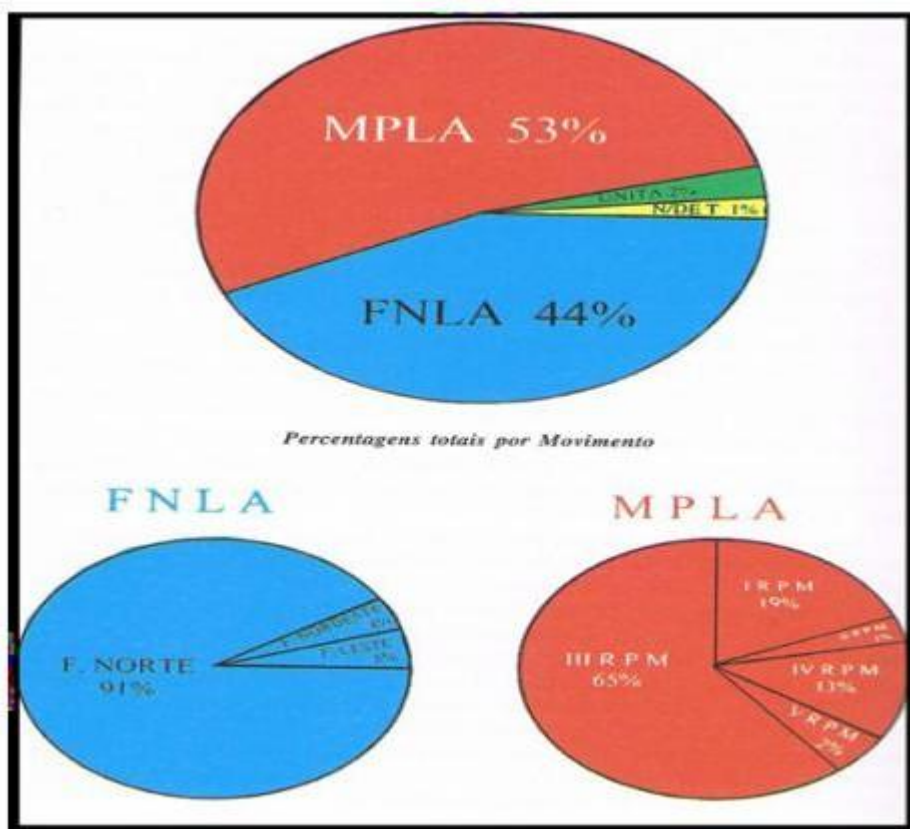
O outro movimento foi o Movimento Popular de Libertação (MPLA), organizado em 1956 e fruto da união do Partido de Luta Unida dos Estados Africanos de Angola (PLUA) e do Movimento para Independência de Angola (MIA). O MPLA foi liderado por Agostinho Neto que tinha como membros mestiços, assimilados e brancos. Conforme Silva (2018, p.6):

O MPLA adotava como projeto a criação de uma Frente Angolana de Libertação e um regime democrático que reunisse o maior número de partidos políticos, a sociedade civil, todas as etnias, as organizações religiosas, todas as camadas sociais angolanas e todos os angolanos sem distinções de sexo ou de idade.

Segundo Bittencourt (2008), o movimento possuía relações econômicas com a Argélia, Gana, Mali, Guiné-Conacri, Egito e Marrocos recebendo desses países formação técnica, armamento, apoios logísticos e financeiros. O movimento recebia apoio da China, da Tanzânia e da Zâmbia a partir de 1967 que foram de extrema importância para as operações do MPLA no leste de Angola. O movimento teve impulso fundamental no reconhecimento através da

União Africana (OUA) com o apoio da China e da URSS, ainda que existisse diferença ideológica entre essas duas nações. O gráfico 1 ilustra a porcentagem das atividades militares de quatro movimentos que buscavam independência em Angola.

Gráficos 1: Porcentagem das atividades militares dos movimentos em 1972

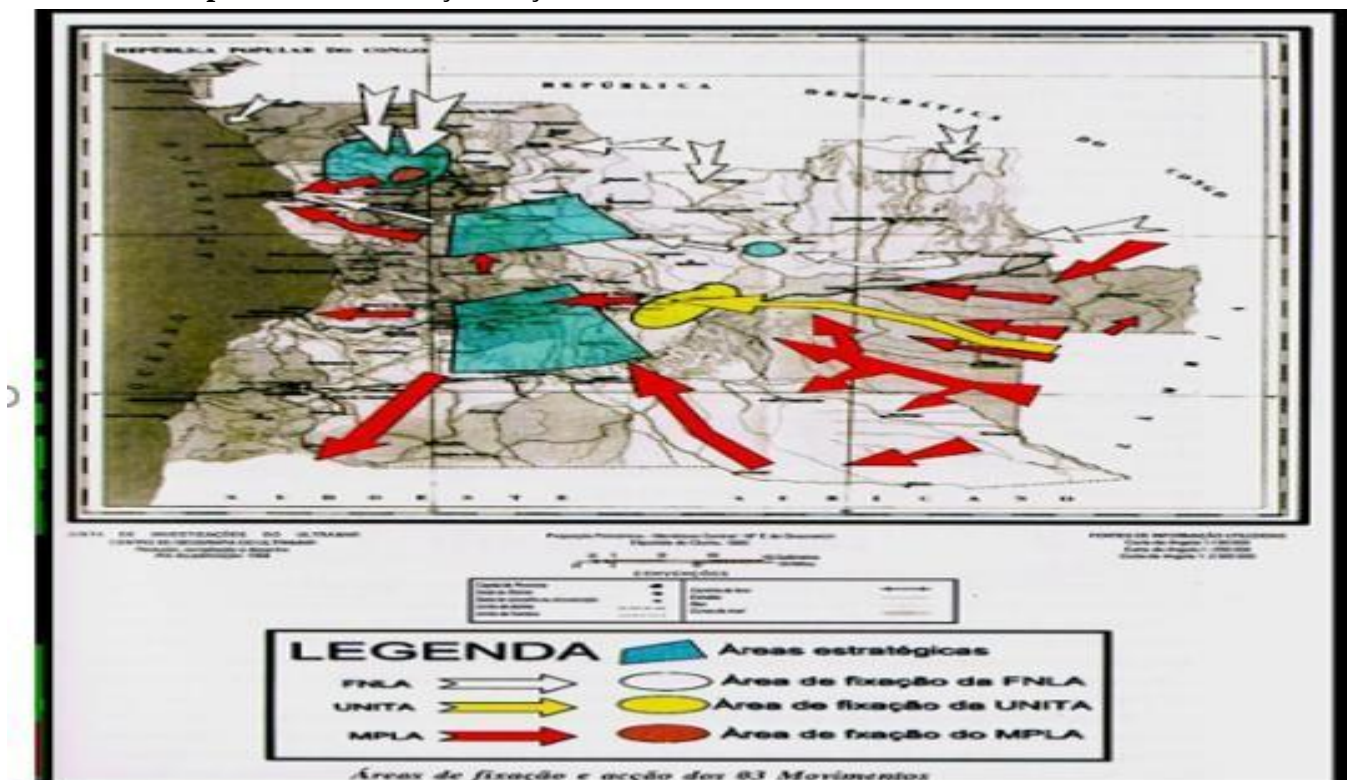


Fonte: CECA (2006, p.53)

Os gráficos acima representam os percentuais das atividades dos movimentos militares em 1972, a partir dos gráficos é pertinente trazer à tona o que Visentini (2012) apontou que, do ponto de vista geográfico, o MPLA reunia-se no Nordeste do país na região entre Luanda e Malange e no Leste, na fronteira com a Zâmbia, além do norte da região de Cabinda; a FNLA ocupava a região Nordeste do país com o Zaire, e uma pequena área no leste, na região de Luanda, também na fronteira com Zaire; a Unita localizava-se na região Centro-leste do país entre as forças do MPLA e do FNLA a Leste, e as forças portuguesas a Oeste. Depois dessa distribuição, a Unita se viu cercada e como saída Portugal propôs um acordo com Savimbi em 1971, o que ficou conhecido como Operação Madeira. O tratado era que os portugueses permitissem a permanência da Unita numa zona estabelecida para que ela pudesse fornecer informações aos portugueses sobre as movimentações dos outros grupos de libertação. Esse acordo culminou com a eliminação das bases do MPLA e da FNLA da zona militar leste.

O mapa 2 ilustra as áreas estratégicas e ação dos 03 movimentos de libertação: FNLA, MPLA e UNITA.

Mapa 2: Área de fixação e ação dos três movimentos



Fonte: CECA (2006, p56)

De acordo com Silva (2018), em 1968, foi criada a União Nacional para a Independência de Angola, entretanto a sua luta armada só iniciou em 1966, além disso, foi liderada por Jonas Savimbi. Seus principais membros eram das etnias do Sul: Ngangela, Cokwe e Ovimbundu. Segundo Silva (2018, p.7) “A UNITA, com sua base na Zâmbia, visava o apoio popular e a mobilização das massas, mas era militarmente muito fraca. Embora se declarasse maioria, a UNITA alterava sua posição ideológica de acordo com o apoio externo a ser recebido”. Faziam parte do seu projeto a liberdade, a independência nacional, o trabalho e procurava estimular a religião na sociedade, segundo Silva (2018). E diferentemente das outras organizações que contou com apoio firme de outros países, não conseguiu esse feito com países africanos como Argélia, Egito e Tanzânia e nem dos blocos socialistas. Somente a China e a Zâmbia forneceram apoio à UNITA.

Silva (2018) aponta que a luta em Angola, mais precisamente no norte do país, ocorreu em 15 de março de 1961, com ataques a várias fazendas e postos administrativos portugueses. Conforme Nunes (2002):

(...) No dia 15 de março de 1961, Angola acordou sobressaltada com notícias preocupantes sobre algo de muito grave que ocorria nos distritos de Uíge, Zaire e Cuanza Norte. Os portugueses tomaram, então, conhecimento da existência da UPA (União dos Povos de Angola), movimento independentista que, acoitado no Congo ex-belga e com o apoio de algumas organizações internacionais, cometia naquela região um generalizado massacre. Hordas enlouquecidas, armadas com catanas, assassinavam selvaticamente pessoas de todas as raças, credos e idades, destruíam as estruturas econômicas e viárias e incendiavam as fazendas e as povoações daquela tão vasta e rica região, fazendo do Norte de Angola um verdadeiro inferno. Desolação, casas fumegantes, estradas cortadas e cadáveres por todo o lado, eram só o que a observação aérea podia detectar. As populações aterrorizadas refugiaram-se nas matas, fugiram para os países vizinhos ou acolheram-se a alguns núcleos de resistência, como Carmona, Negage, Mucaba ou Quimbele, aguardando a chegada de socorros. Por seu lado, as autoridades militares reagiram às atrocidades com as poucas forças armadas disponíveis, que unidades metropolitanas reforçaram, e sustiveram o ímpeto da UPA. (NUNES, 2002, p. 8).

Em 1962, a Guerra Popular de Libertação do Povo Angolano, que já havia iniciado no ano anterior com a criação da 1ª Região Político-Militar do MPLA chegou a Cabinda, onde foi criada a 2ª Região Político-Militar. Essa guerra antecipou o que viria acontecer em 25 de abril de 1974 com a Revolução dos Cravos, ato liderado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA). O objetivo era derrubar o regime ditatorial do estado Novo implantado por Antônio Salazar em 1933. Nesse sentido, o governo do MFA apresentou um programa com o seguinte objetivo: democratizar, descolonizar e desenvolver. A revolução dos Cravos a fim de reconhecer o direito à independência, convidou os três movimentos de libertação angolanos: MPLA, UNITA e FNLA, para forma um governo de transição. Assim, houve a assinatura do acordo de Alvor em 15 de janeiro de 1975 entre o governo português e os três principais movimentos de libertação angolanos. Foi estabelecido um governo provisório de coalização, composto pelos três partidos, o qual duraria até a proclamação oficial da independência, ocorrida em 11 de novembro de 1975.

2.2 POLÍTICA LINGUÍSTICA DE ANGOLA

A situação da política linguística em Angola é muito complexa, causada pela política implementada pelos líderes independentistas. Antes da colonização, o território que hoje se chama Angola era habitado por povos falantes das línguas Khoisan. Os povos bantu chegaram mais tarde por processos históricos que consistiram no deslocamento de populações da África Central deslocando-se para região sul. No território que hoje se chama Angola já era habitado pelos povos khoisan, que são povos mais antigos da região.

Com a chegada do colonialismo português ocorreu uma integração forçada desta língua na vida das comunidades especialmente nas zonas urbanas. As zonas rurais continuaram falando as línguas de origem africana que dominavam grande parte do território. Durante a luta de libertação os guerrilheiros recorreram a língua portuguesa como meio de comunicação, uma vez que existia uma diversidade linguística que impedia a compreensão. Desta forma, o português assumiu a função de língua de unidade entre guerrilheiros provenientes de diversas etnias. Para além disso, o português assumiu a função de língua de cooperação entre os angolanos e os restantes países que utilizavam o português. Os primeiros contatos para as negociações da independência ocorreram em língua portuguesa, estratégia que facilitou o diálogo com guerrilheiros de Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Com o alcance da independência em 1975 foi decidido que o português seria língua oficial, mesmo que não tenha sido escrito na constituição aprovada por aclamação pelo comité central do Movimento Popular de Libertação de Angola. A constituição da República Popular de Angola (1975) não integrou o item “línguas” no documento desprezando assim a riqueza linguística presente no território falada pela grande maioria da população. A língua é muito importante porque é meio de comunicação e que merecia o seu espaço na carta mais importante do país. Neste contexto, o português tinha o estatuto de língua oficial sem que tenha sido escrito ou referenciado na constituição, o que leva a concluir que a oficialização de uma língua nem sempre ocorre quando a ideia for escrita na constituição. Este exemplo mostra que se os angolanos quisessem oficializar as mais de vinte línguas africanas poderiam o fazer, pois depende da vontade política do estado. Não é por acaso que até 2025, as constituições da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe não possuem um artigo que aborda a questão linguística.

A Política Linguística como campo científico disciplinar teve seu nascimento nos EUA e Europa segundo Severo (2013), tendo como marco evento organizado por William Bright na Universidade da Califórnia, em 1964. Em 1968, houve o estabelecimento do campo com a publicação do trabalho “Language problems of developing nations”, assinado por Fishman, Ferguson e Dasgupta (1968). Para a autora, essa fase inicial da Política Linguística no Ocidente se deu por tentativas de sistematização e racionalização de um modelo que deveria ser aplicado aos estudos de relação entre as línguas e seu funcionamento (político) nos limites do Estado. Entende-se por Política Linguística, segundo Cristine Gorski Severo (2013), como campo científico disciplinar que surgiu nos EUA e Europa e possui um caráter complexo e polissêmico, que se deve aos seus alvos e níveis de intervenção, e sua relação com o planejamento linguístico, este que por sinal, a autora considera não possuir uma posição estática, tendo em vista que ora

é produto da política linguística, ora é a própria política linguística. A heterogeneidade do campo ocorre também em relação aos diferentes contextos das tradições americana, europeia e soviético-russa, que não mantêm as prioridades e enfoque teórico-metodológicos. Severo (2013) ainda afirma que o outro traço indicador desse campo envolve tanto os contextos (nacionais, pós-nacionais), como os níveis macro, meso e micro de intervenção. Severo afirma que a Política Linguística está:

[...]voltado para uma prática de caráter estatal-legislativo, debruçando-se, por exemplo, sobre a oficialização de línguas, a escolha de alfabeto para a representação gráfica de uma língua, a hierarquização formal das línguas (línguas de trabalho, oficiais, nacionais, por exemplo), entre outros. O segundo eixo tem focado a implementação das decisões sobre a língua através de estratégias (políticas), como as políticas educacionais, com vistas a influenciar o comportamento dos sujeitos em relação à aquisição e uso dos códigos linguísticos (Severo, 2013, p. 451-452).

Segundo Calvet (2007), as origens da Política Linguística parte da necessidade do controle da língua, a sua padronização ou uso correto pelo poder político. Calvet afirma que a política linguística e o planejamento linguístico são conceitos antigos que englobam em parte essa prática antiga e que ambas são inseparáveis. O Planejamento Linguístico surgiu em 1959 num trabalho de Einar Haugen (1966) sobre os problemas linguísticos da Noruega. Este sistematizou quatro níveis envolvidos no planejamento linguístico da língua norueguesa:

seleção da norma, codificação/padronização da norma, implementação/aceitação e elaboração/modernização da língua pela disseminação de novos termos. Esses níveis foram posteriormente desdobrados por outros estudiosos em: práticas de planejamento de corpus (codificação, elaboração de alfabetos, gramatização, sistematização do léxico, manuais literários, entre outros), planejamento do status (designações e usos da língua pautadas por leis e decretos), planejamento das formas de aquisição (políticas de ensino e aprendizagem das línguas), planejamento de usos (políticas de divulgação e uso das línguas) e planejamento de prestígio (avaliação dos usos linguísticos) (Severo, 2023, p. 454).

A Constituição da República de Angola (2010) aponta no artigo 19º (Línguas), que a língua oficial da República de Angola é o português diferentemente da Lei Constitucional da República Popular de Angola de 11 de novembro de 1975, que não possui nenhum artigo voltado sobre a questão linguística no país. O artigo 19º (2010) que versa sobre as línguas estabelece que:

1. A língua oficial da República de Angola é o português.
2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional (Angola, 2010, p.12).

Além do artigo 19º, o artigo 21º (Tarefas fundamentais do Estado) da Constituição da República de Angola, alínea n também reforça a valorização e proteção das línguas angolanas a fim de garantir seu desenvolvimento como língua de identidade nacional e de comunicação.

Com essa preocupação, existe a Lei nº 17\16, que é a lei de bases do sistema de educação e ensino, que estabelece os princípios e as bases gerais do sistema de educação e ensino e que revoga a Lei n.º 13\01, de 31 de dezembro. Essa nova lei de bases do sistema de educação e ensino vai permitir a criação de condições pertinentes para aplicação de políticas públicas e dos programas nacionais, com o propósito de continuar assegurando o desenvolvimento econômico e social de Angola. Além disso, deve reafirmar a promoção do desenvolvimento humano, por meio de uma educação e aprendizagem ao longo da vida para todos os indivíduos. Desse modo, a presente lei possibilita a implementação de medidas para melhorar a organização, a funcionalidade e o desempenho do sistema de educação e ensino. Observa-se que apesar de as políticas linguísticas estarem presentes nas leis descritas acima ao oportunizar visibilidade às línguas nacionais no sistema de educação e ensino, muitas vezes não trata da realidade multilíngue local. Isso pode ser verificado no artigo 16:

Artigo 16º

1 – O ensino deve ser ministrado em português.

2 – O estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e generalização da utilização no ensino, das demais línguas de LBSE, bem como de linguagem gestual para os indivíduos com deficiências auditiva.

3 – Sem prejuízo do previsto no número 1 do presente artigo, e como complemento e instrumento de aprendizagem, podem ser utilizadas línguas de Angola nos diferentes subsistemas de ensino, nos termos a regulamentar em diploma próprio (LBSE, 2016, grifo nosso).

Então, admite-se que esse discurso linguístico presente na legislação nacional é contraditório, tendo em vista que ao mesmo tempo que reconhece a diversidade linguística local, essas leis criam mecanismos burocráticos que impedem o funcionamento das línguas locais em contextos educacionais. Bernardo e Severo (2018) ressaltam que essa situação está exemplificada no plano curricular usado em Angola, que comporta uma orientação portuguesa que não valoriza as línguas autóctones. Essa realidade vai de contramão a visão de Agostinho Neto, líder do movimento de independência angolana e primeiro presidente do país, em 1975. Ele era contra um ensino monolíngue acreditando em um modelo bilíngue, ao contestar a concepção de que o multilinguismo de Angola era um problema. Dessa forma, levando em consideração essa realidade multilíngue e pluridiscursiva, os autores apontam que o Estado deve ser responsável por oferecer autonomia às províncias para elaborar as suas próprias políticas linguísticas, como forma de garantir que as línguas locais fizessem parte do ensino angolano.

Portanto, o sistema educacional angolano falhou diante das necessidades de estabelecer um ensino mais inclusivo. Assim, Bernardo e Severo (2018, p.219) pontuam que:

A presença do monolinguismo no sistema de educação e ensino em Angola criou um estereótipo sobre as línguas nacionais que dificulta a tentativa de inserção dos indivíduos que têm as línguas nacionais como as de comunicação. Tal política excludente dificulta qualquer possibilidade de ascensão pública, marginalizando os sujeitos. Essa discriminação, promovida por políticas concretas que impedem a inclusão de valores linguísticos, culturais e de identidade plurais nos sistemas institucionais, intensifica o distanciamento entre o Estado e o povo.

Dessa forma, essa situação dificulta um cenário escolar cada vez mais inclusivo e plural contrariando a posição de Bolzan (2011), ao afirmar que a escola é o espaço, onde se deve proporcionar discussões sobre questões culturais e a tentativa de desconstrução de práticas estereotipadas e discriminatórias.

O Planejamento Linguístico corresponde a execução das determinações da Política Linguística. Neste caso, as línguas africanas faladas em Angola poderiam ser línguas de ensino por forma a que essas línguas sejam revitalizadas. Partimos da ideia de que todas as línguas faladas em Angola são importantes para as comunidades que as falam. As línguas do grupo khoisan ainda são marginalizadas e correm o risco de desaparecimento porque há falta de políticas e do planejamento.

Outro aspecto importante é com relação ao planejamento para as línguas de sinais que precisam de ser línguas de comunicação plena na sociedade especialmente na mídia angolana. As línguas de sinais deveriam fazer parte do currículo escolar para que haja integração e socialização dos alunos surdos e ouvintes. Nos hospitais, nas delegacias de polícia, nas instituições públicas deveria ter interpretes permanentes para atender as demandas comunicativas das pessoas surdas. O Planejamento Linguístico em Angola pode ser repensado para que possa incluir todas as línguas incluindo as que estão em vias de extinção (línguas do grupo khoisan).

Além disso, é importante que o Planejamento linguístico inclua a formação de professores em línguas locais para que a educação bilíngue seja possível de implementar. Não é possível pensar em uma educação bilíngue sem incluir a formação de professores porque só a atuação destes pode contribuir para a revitalização das línguas locais. No Planejamento Linguístico deve-se incluir a criação de instrumentos (gramáticas e dicionários) para a variedade angolana do português. O combate ao preconceito linguístico é fundamental para um

bom Planejamento Linguístico sem sequelas, uma vez que o preconceito linguístico inibe o desenvolvimento acadêmico e profissional dos cidadãos.

2.3 REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA NO SÉCULO XXI E O CONTATO LINGUÍSTICO

Conforme Nzau (2011), o continente africano é dividido em duas zonas distintas, que são: zona centro-norte e Centro- Sul. A primeira zona é composta pelo deserto do Sahara, com cerca de 8.600.000 km², que influenciada pela matriz socioantropológica, designa tanto a África Branca, no caso da influência racial, como África Muçulmana, em relação à influência religiosa. A segunda é a zona Centro-Sul, a África Negra, por apresentar uma população majoritariamente negra, com mais de 800 etnias diferentes. É nessa zona que se encontra Angola. O país possui de um lado, a língua oficial e, do outro, línguas autóctones ou nacionais (Nzau, 2011). Abaixo é apresentada uma descrição sobre essas línguas que compõe a realidade sociolinguística em Angola:

Língua oficial

Para Naege (2021), a língua portuguesa chega a Angola por meio dos contatos entre os portugueses e o Reino do Congo, no ano de 1482, possuindo objetivos mercantilistas e a expansão da própria língua portuguesa. Mesmo após a independência de Angola em 11 de novembro de 1975, a Língua Portuguesa foi um mecanismo importante para a construção da identidade angolana e foi consagrada pela atual Carta Magna da República de Angola (2010), em seu artigo 19º.

a) Línguas bantu

A palavra **bantu** resulta da soma do prefixo **ba** (prefixo do plural) + a palavra **ntu** que significa “pessoa” e em linguística africana designa todas as línguas faladas na região central e sul do continente, cujas características são marcadas pela presença de prefixos para as marcas do gênero, número, entre outras. São chamadas línguas bantu as mais de 600 línguas faladas em diversas regiões da África especialmente na África Central e Austral (Ntongo, 2022; Timbane, 2012). A palavra **bantu** é invariável, o que significa que não se pode aporportuguesar, colocando por exemplo **banta**. Foi Guthrie (1948) que estudou e classificou esse grupo de línguas e atribuiu o nome para esse grupo de línguas.

Guthrie (1948) afirma que o território angolano possui três zonas linguísticas do grupo bantu: as zonas **H**, **K** e **R**. E elas estão distribuídas da seguinte maneira:

Zona H: abrange o Norte e o Noroeste do país. Segundo Nzau (2011), nesta zona H, sobressaem dois grandes grupos etnolinguísticos, que são mbundu e baongo. No primeiro grupo, Kimbundu é a língua dominante numa área geográfica que abrange as zonas históricas correspondentes às atuais províncias de Bengo, Kwanza-Norte, Malanje e parte de Kwanza-Sul. Quanto ao segundo grupo etnolinguístico, a maior representante do grupo etnolinguístico da zona H é kikongo, que possui o maior número de falantes.

Zona K: Conforme aponta Nzau (2011), essa zona é responsável por cobrir a região leste, representada pelos lunda-cokwe e “ovingangela”, cujas línguas cokwe e “ngangela” são mais representativas. Essas línguas cobrem vastas regiões correspondentes, entre outras, às atuais províncias de Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico, Bié.

Zona R: ocupa o Centro-Sul, onde se podem encontrar vários grupos etnolinguísticos entre os quais ovimbundu, “ocindonga”, owambo, nyaneka-humbe, “ovingangela” e “herero”. Entretanto, umbundu é a língua mais representativa na parte sul do país, secundado, consoante a região, por nhaneca, herero, kwanyama e “cindonga”. Também nas zonas K e R há dialetização semelhante à da zona H.

De acordo Undolo (2014), as línguas bantu são documentadas desde meados do século XIX. A classificação dessas línguas se deu por critérios genéticos\tipológicos (Guthrie, 1948;

Greenberg, 1963; Grimes, 1996; Maho, 2008). Para Ngunga, (ibid., p. 26), apoiado em Greenberg (ibid.), nas línguas africanas existem quatro grandes famílias:

(i) Afro-asiática, com as seguintes subfamílias: Semítica,

Egípcia, Cushítica, Berber, Chádica;

(ii) Nilo-sahariana, com as seguintes subfamílias: Songhai,

Sahariana, Maban, Fur, Chari-Nilo, Koman;

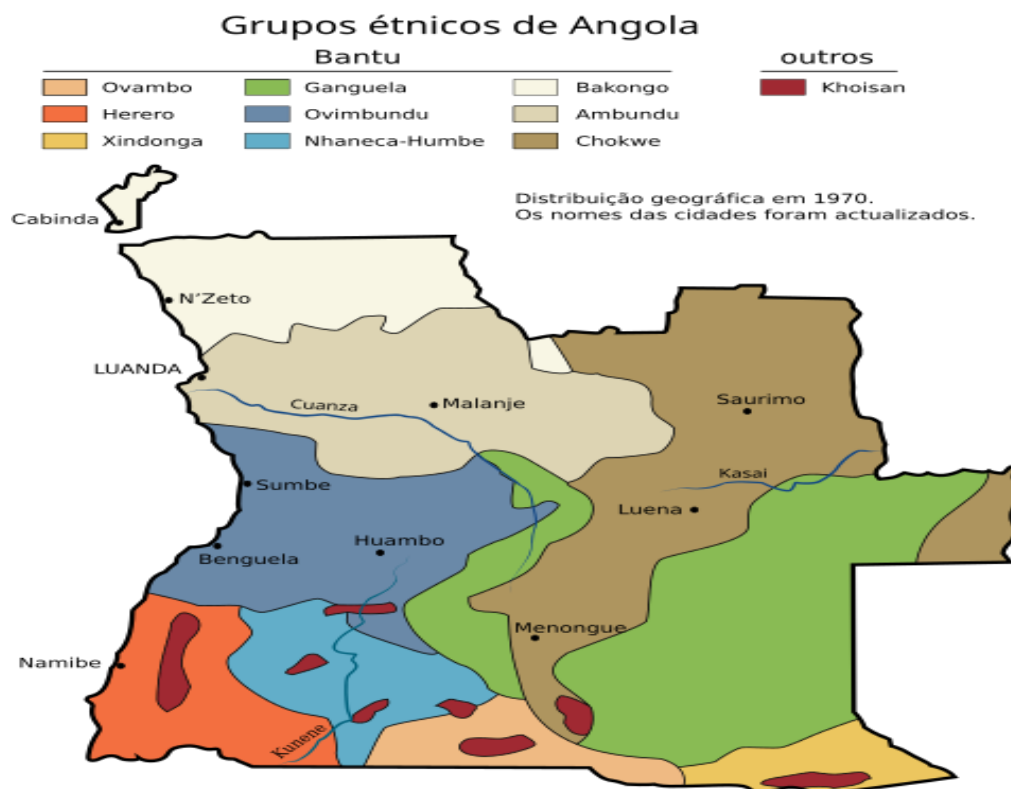
(iii) Kongo-Kordofaniana, com as seguintes subfamílias:

Níger-Kongo e Kordofaniana;

(iv) Khoi e San, com as seguintes subfamílias: Khoi, San,

Sandawe, Iraqw, Hatsa ou Hadza.

Mapa 3: Mapa dos Grupos Etnolinguísticos de Angola



Fonte: Nzau (2002, p. 57)

No caso das línguas bantu, elas pertencem à subfamília Níger-Kongo da família Kongo-Kordofaniana. Observa-se abaixo um esquema que ilustra a família linguística das línguas bantu tornando-se possível desconstruir a ideia de que *bantu* é a família linguística, mas sim um desígnio a todas as línguas faladas do Sul dos Camarões até a África do Sul, que têm semelhanças fonéticas, morfológicas, semânticas e lexicais.

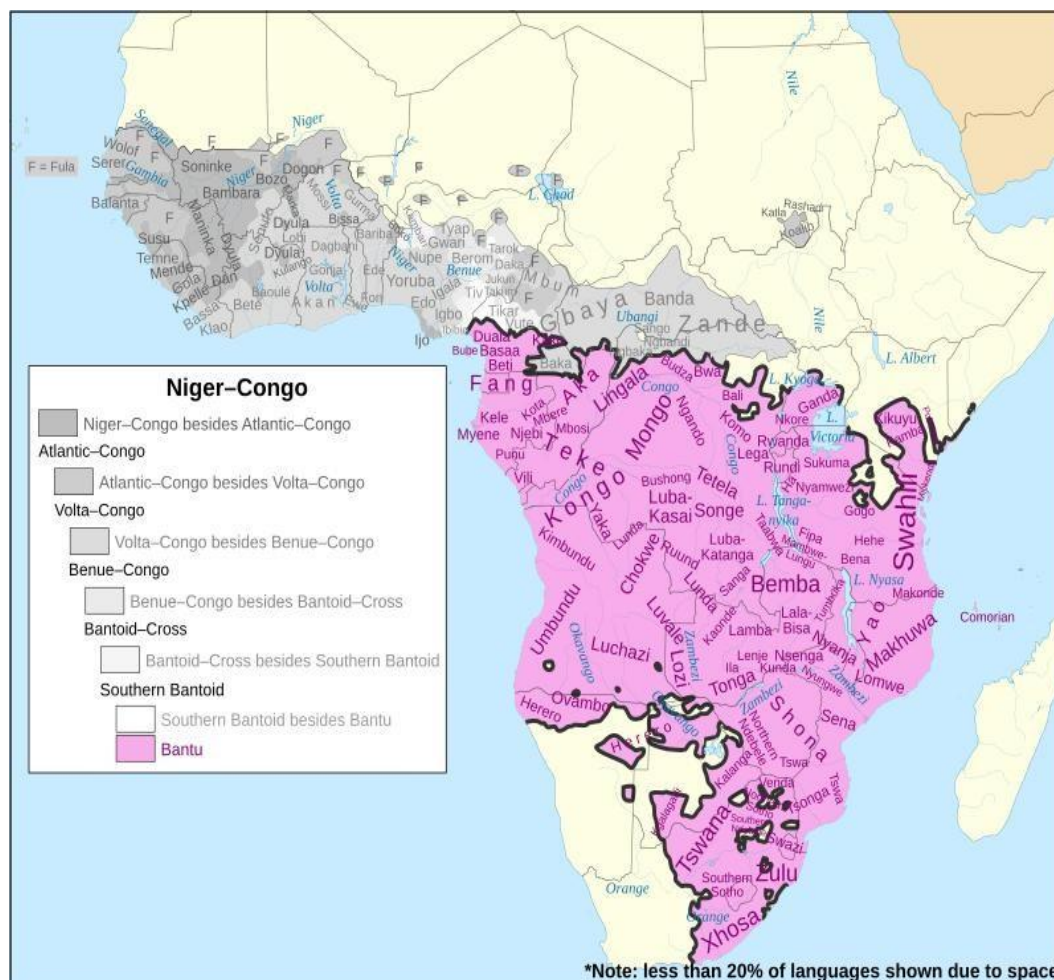
Quadro nº 1: Família linguística das línguas bantu



Fonte: Undolo (2014, p. 65)

Undolo (2014) aponta também que essas línguas bantu abrangem os seguintes territórios: Camarões, Gabão, Guiné Equatorial, República Centro-Africana, São Tomé e Príncipe, República Democrática do Congo, Angola, República do Congo, Ruanda, Burundi, Uganda, Quênia, Tanzânia, Zâmbia, Malawi, Moçambique, Zimbabwe, Namíbia, Botswana, Eswatini, Lesotho e África do Sul. O mapa abaixo ilustra esses territórios:

Mapa 4: Localização geográfica dos países africanos de línguas bantu



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Bantu_languages#/media/File:Map_of_the_Bantu_languages.svg

De acordo com Undolo (2014), as línguas bantu de Angola são as seguintes:

O Kikongo: ocupa principalmente as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge e Bengo (uma parte) e conta com quatorze variantes no território angolano: Vili, Yombe, Kakongo e Woyo na província de Cabinda; Solongo e Kisikongo na província do Zaire; Soso, Kango, Zombo, Suku, Pombo, Gwenze, Paka e koji na província do Uíge.

Kimbundu: é falado nas províncias de Malanje, Kwanza-Norte, Luanda, Bengo (uma parte) e Kwanza-sul (uma parte).

- Luanda na província de Luanda

- Ambundu, Ntemu e Kisama, na província do Bengo
- Hungu, Luangu, Dembu e Ambundu. no Kwanza-Norte
- Puna, jinga ou Ngola, Bando, Mbangala, Holo, Kari, Xinje,
- Minungu, Songo, Bambara e Sende na província de Maianje.
- Libolu, Kíbaia e Haku no norte da província de Kwanza-Sul.

O Umbundu: a sua área estende-se às províncias de Bié, Huambo, Kwanza-Sul e Benguela. Quinze variantes principais partilham esse espaço. Trata-se de:

- Víyeno (Bíeno) e Mbalundu na província do Bié
- Mbalundu, Wambu e Sambu na província do Huambo ;
- Sele, Sumbi, Pinda e Mbwi no Kwanza-Sul ;
- Cisanji, Lumbu, Ndombe, Hanya, Nganda e Cikuma, na província de Benguela.

O Cokwe (do grupo etno-linguístico Lunda-Cokwe) ocupa principalmente as províncias de Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico e Cuando-Cubango. Como língua, ela apresenta sete (7) variantes:

- Lunda, kioku, Mataba, Kakongo ou Badinga e Mai, na província da Lunda-Norte;
- Kioku, na Lunda-sul;
- Lunda-lwa-Shinde, Lunda, Ndembo, Kioku, na província do Moxico;
- Kioku nas províncias do Bié e Cuando-Cubango.

O Ngangela: É falado essencialmente nas províncias do Bié, Moxico, Cuando-Cubango e Huila. As suas variantes podem ser avaliadas em vinte dois (22):

- Lwimbi na província de Malanje ;

- Lwimbi, Ngangela, Ambwela, Engonjeiro, Ngomielo e Mbande

na província do Bié ;

- Lwena, Lwale, Lucaze, Mbunda, Ambwela, Ambwela-Mbande,

Kangola, Yakuma, Luyo, Nkoya e Kamashi, na província do

Moxico;

- Lucaze, Mbunda, Ngangela, Ambwela, Kamashi, Ndungo,

Nyengo, Nyemba e Aviro na província do Cuando-Cubango;

- Ngangela e Nyemba, na província da Huila.

O Nyanelca-humbi (grupo etno-linguístico Nyaneka-Humbi): As suas variantes ocupam toda a província da Huíla e uma parte da província do Cunene. Elas são onze (11):

- Mwila, Gambo, Humbí, Handa (mupa), Handa (cípungu),

Cípungu, Cilenge-Humbi e Cilenge-Muso, na província da Huíla;

- Humbí, Ndongwena, Hínga e konkwa, na província do Cunene.

O Ambo

É localizado nas províncias do Cunene e uma parte do Cuando-Cubango. As suas variantes principais (seis - 6) são as seguintes:

- Vale, Kafina, Kwanyama, Kwamatu e Ndombodola, na província do Cunene.

- Kwangar, na província do Cuando-Cubango.

O Herero

Os locutores dessa língua ocupam as províncias do Namibe e do Cunene. O Herero conta principalmente com seis (6) variantes:

- Ndimba, Shimba, Shavikwa, na província do Cunene;
- Kwanyoka, Kuvale, Kwendelengo, na província do Namibe.

O Oxindonga

Está presente na província do Cuando-Cubango e distingue três (3) variantes:

- Kusu, Nycngo e Sambio.

Depois de apresentar as línguas bantu, é necessário descrever sobre as línguas khoisan. De acordo com Kondja (2023, p.159):

Khoisan, é uma palavra que aglutina na sua estrutura morfológica duas unidades lexicais: Khoi (khoe) –pessoa, os pastores e agricultores indígenas–e San – caçadores-coletores, que vivem numa vasta região árida do deserto do Calaári, na África Austral, correspondendo às Repúblicas de Angola, Namíbia, Botswana e África do Sul

Estas línguas são caracterizadas por suas consoantes de clique distintas e historicamente têm sido associadas a comunidades de caçadores-coletores, embora muitos falantes também tenham migrado para países vizinhos como Namíbia e Botsuana. As línguas khoisan, de acordo com Kondja (2023, p.161) pertencem a três grandes famílias:

- ❖ **O Khoe (Khoekhoe)**-esta família compreende três grupos principais, nomeadamente: (i) o Kwadi, variedade extinta de Angola; (ii) o Khwedam (Khwe), falado na faixa de Caprivi ocidental, na República da Namíbia, e por um grupo muito diminuto do sudeste de Angola, na região de Mavinga e; (iii) o Khoekhoegowab (Hailóm, Nama e Damara), É o idioma mais falado de entre as línguas Khoisan, e são mais de 200.000 falantes conta com um sistema de escrita que data do final do século XIX(Jones, 2019);
- ❖ **O !Ui-Taa ou Tuu**—conta atualmente com dois remanescentes, (i) o !Xóõ; e(ii) o N|uu (ou #Khomani) do conjunto de dialetos desta família extintos. A língua N|uu ou #Khomani é falada por cerca de dez (10) pessoas na África do Sul e Botswana;
- ❖ **JU (!Khun ou !Xun)**—esta família JU é constituída por dois grupos linguísticos: (i) o Ju|'hoansi e; (ii) o !Khun ou !Xun, !Xung . Este grupo linguístico !Khun (também designado Khoisan do Norte).

Essas línguas do grupo khoisan estão em via de extinção no território angolano porque não há políticas linguísticas contundentes que visam o resgate, a revitalização e o ensino das mesmas. A inserção dessas línguas na educação angolana iria estimular a expansão e a transmissão para as novas gerações. Se isso não acontece, a tendência é de redução do número de falantes e a consequente morte das línguas ao longo do tempo. De referir que as línguas do grupo khoisan são línguas da cultura, das tradições, dos modos de ser e de estar e de identidade dos povos. As universidades particulares e públicas angolanas podem desenvolver um planejamento linguístico positivo promovendo a literatura e oratória nessas línguas, promovendo as atividades de extensão e pesquisa que visam descrever e produzir materiais do tipo, dicionários e gramáticas nessas línguas.

Lusakalalu (2005) estabelece que existem incertezas sobre a ausência de documentos sobre essas línguas em relação ao número de línguas do grupo de línguas khoisan, apesar de que elas representam uma das menores famílias linguísticas em termos numéricos da África Austral. Não existe línguas minoritárias, mas sim línguas minorizadas pela Política Linguística, uma vez que as línguas não são valorizadas pela quantidade de seus falantes, mas sim pelo valor real e simbólica que essas línguas representam para a comunidade de fala.

2.4 CONTATO LINGUÍSTICO EM ANGOLA

É importante salientar também os contatos linguísticos que aconteceram no território angolano, com destaque para os portugueses, que ocuparam o país por vias de contatos diplomáticos com os governantes locais (século XV), depois, por conquista militar (século XVI ao XIX) e colonização (finais do século XIX a 1975) (Pinto, 2015, p.255). Conforme aponta Inverno (2018), os contatos entre esses povos originaram uma reestruturação linguística significativa das línguas africanas e da língua portuguesa, resultando no desenvolvimento de um *continuum* no país de variedades do português que aponta para a variedade angolana do português. A autora utilizou os dados do RGPH-2014, porém será adotado os dados do recenseamento de 2024, que constitui o documento mais atual sobre a população de Angola.

A autora ressalta que conforme apontam os dados do INE (2016:99-100), independentemente de ser falado como L1 ou L2, o português é definitivamente a língua mais usada em casa pela maioria da população angolana principalmente nas zonas urbanas. Ela ainda afirma que, as línguas angolanas têm dimensão idêntica com as áreas de influência das

principais agregações de povos que as falam como L1. Além dessas áreas, graças aos sucessivos conflitos armados que aconteceram em Angola entre 1961 e 2002, provocando movimentações populacionais significativas; logo, é possível encontrar núcleos significativos de falantes também fora dessas áreas. Essas línguas angolanas após a independência foram denominadas de línguas nacionais (LN) e são reconhecidas perante a Constituição da República como “patrimônio cultural”.

Apesar de várias iniciativas legislativas com o objetivo ao seu estudo e promoção, porém só em 2011 foi aprovado o Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana (ELNOA). De acordo com o Ministério da Cultura, o ELNOA define como língua nacional, a riqueza cultural de uma comunidade que habita o mesmo espaço geográfico compartilhada ou não com outra comunidade. Sendo assim, o diploma classificava em 2011 como LN dez línguas bantu (cokwe, kikongo, kimbundu, ngangela, oxiwambo\ ovakwanyama, olunyaneka, umbundu, helelo, luvale e mbunda). Em contrapartida, sabe-se que Angola é um país multilíngue integrando diversas línguas do grupo bantu (cokwe, O Nyanelca-humbi, O Ambo, O Oxindonga e as respectivas variantes de cada uma delas) assim como, grupo de língua khoisan (khoi), língua vatwa (vatwa) e línguas de sinais. Essa proposta de lei das línguas de Angola, diz que língua nacional é:

é a língua que histórica e cronologicamente é originária do território que actualmente conforma a República de Angola ou que nele foi secularmente introduzido quer pela colonização portuguesa iniciada em 1482 (século XV), quer pelas sucessivas ondas de imigração bantu, entre os séculos IX e XIX, bem como a língua angolana de origem africana com maior abrangência territorial e maior número de falantes angolanos (Angola, 2025, p.4).

Na mesma proposta há considerações sobre as definições dos status sobre as línguas presentes em Angola. Estas são:

Língua Oficial: a língua utilizada no quadro das diversas atividades oficiais, designadamente, legislativas, executivas e judiciais de um Estado soberano ou território e definida pela Constituição para ser empregue no domínio público, no ensino e nas relações internacionais.

Língua Materna: é a primeira língua de comunicação que uma criança aprende no seio familiar, de forma natural, por interação com o meio, com os outros falantes e que geralmente corresponde a do grupo ou grupos etnolinguísticos (Angola, 2025, p.4).

À luz dessas considerações, torna-se pertinente observar em que medida os dados recentes do RGPH-2024 confirmam ou atualizam o quadro descrito por Inverno (2018), especialmente no que se refere à distribuição das línguas faladas pela população angolana. Ao se falar em contato linguístico, é necessário trazer os dados Recenseamento Geral da População e Habitação RGPH- 2024 de Angola tendo em vista que evidencia uma convivência entre o português e as diversas línguas africanas faladas por parcelas significativas da população de

Angola. O censo de 2024 representa a segunda operação censitária da população e habitação em todo o território nacional no período pós-independência, após o censo de 2014, e o primeiro digital, em todas as suas fases. Nesse sentido, os resultados definitivos do censo 2024 mostram que a população que reside em Angola em 19 de setembro de 2024 era de 36 604 681 habitantes, sendo 17 931 985 homens a representar 49 % da população total e 18 672 696 mulheres a representar 51%. Este quantitativo representa uma taxa de crescimento de 3,5 % no período intercensitário. Como afirma o INE 2024, a maioria da população mora na área urbana, com 23 991 388 habitantes do que 12 613 293 que fazem da parte da população rural, situação essa já mostrada por Inverno (2018), que observou os dados recolhidos do recenseamento de 2014. Em relação ao sexo, a população angolana continua sendo maioritariamente feminina quando as mulheres representam 51% do total da população residente no país, enquanto que homens correspondem a 49%. Informação significativa para esta pesquisa que trata de dados de fala de moradores de Luanda, o que reverbera possíveis hipóteses ao tratamento dos dados entre homem e mulher. Assim, ao analisar os dados do INE (2024), demonstra que o português é a língua oficial de Angola e é habitualmente falado em casa pela maioria da população, com maior prevalência para a área urbana. Contudo, observa-se a relevante presença das línguas africanas de Angola, sendo o Umbundu, com 17, 1% e o kimbundu, com 10,8%, constituindo as línguas maternas mais representativas após o português, afirma o INE (2024).

Esses resultados corroboram com a análise de Inverno (2018) que apesar de evidenciar o português é efetivamente a língua mais usada em casa pela maioria da população angolana, são as línguas de origem africana as mais antigas no território. Para a autora, muitas das línguas angolanas de origem africana são igualmente faladas como maternas além das fronteiras. Assim como, são também faladas em Angola línguas africanas (e europeias) vindas de países vizinhos pelos milhões de refugiados angolanos que regressaram à Angola depois da guerra civil, em 2002. É sabido que antes da independência de Angola, as línguas angolanas de origem africana eram pejorativamente designadas “dialetos” pela Administração Colonial Portuguesa. Entretanto, após a independência, passaram a designar-se línguas nacionais (LN). Diante desse fato, vale ressaltar a proposta de lei das línguas de Angola, da República de Angola- de março de 2025- que aplicada à língua oficial, às línguas angolanas de origem africana e à linguagem gestual, descreve definições, como a de Língua Angolana de Origem Africana: língua utilizada pelas comunidades pré-bantu de Angola que se estabeleceram no território; Línguas de Angola: “a língua utilizada pelos habitantes do território que configura a República de Angola, quer originariamente nele existentes, caso das línguas pré-bantu (Khoisan ou Khung e Vátwa)”

(ANGOLA, Proposta de Lei das Línguas de Angola, 2025); Língua Nacional, que segundo a proposta de lei das línguas angolanas (2025), é a língua que histórica e cronologicamente é originária do território que forma a República de Angola ou que nele foi introduzido seja pela colonização portuguesa iniciada em 1482, seja pelas sucessivas ondas de migração bantu, entre os séculos IX e XIX .

Ainda nesse contexto de contato linguístico, Inverno (2018) menciona a presença de Portugal e Brasil em Luanda, no século XIX, principalmente a partir da década de 1850, a fim de estabelecer novos povoamentos no Sul, na região das atuais províncias do Namibe e da Huíla. Essa presença massiva é reforçada por um conjunto de medidas de iniciativa real com o intuito de obter o controle e povoamento da totalidade do atual território, que conforme pontuado por Vansina (2001), terão obrigado a elite local afro-portuguesa a obter uma maior competência em português e, como consequência, tornar-se bilingue. No caso do português, Inverno (2018) afirma que, além das diferentes variantes trazidas pelos colonos portugueses e brasileiros, sendo essas objeto de reestruturação do Brasil (Inverno, 2004), textos citados por Lipski (2005) e Schuchardt (1888) atestam que já havia desenvolvido em Angola, um *continuum* de variedades do português que revelava um conjunto de traços linguísticos decorrente do contato com as línguas bantu, a maioria ainda hoje presente no português vernacular de Angola (PVA).

Inverno (2018) afirma que nesse contexto de contato linguístico, Portugal dá continuidade à sua política de povoamento durante as três primeiras décadas do século XX, com uma série de medidas que reforçam seu poderio colonial, ao aumentar significativamente o número de colonos europeus, acaba derrotando a resistência dos povos da Lunda e do planalto Central, publica um conjunto de legislação segregacionista que divide a população da colônia em assimilados e indígenas e faz do domínio da língua portuguesa condição essencial para acesso ao estatuto de assimilado. Ainda que insuficientes, essas normas para alterarem a ecologia linguística da colônia, foi suficiente para influenciar na aquisição de algum nível de proficiência em português por parte de indivíduos monolíngues e bilíngues em línguas africanas. Inverno (2018) reforça também, a partir de 1950, a imposição de Portugal a uma colônia de povoamento causado pelo (r)estabelecimento de colonatos agrícolas no interior e seguindo de um influxo massivo de colonos portugueses, razões que provocaram o surgimento da ecologia sociolinguística que, hoje, particulariza o território angolano.

Inverno (2008) argumenta que, o contato linguístico em Angola deve ser compreendido a partir de uma perspectiva histórica e sociolinguística que reconheça o caráter multilíngue estrutural da sociedade angolana. Além do mais, a especialista afirma que o discurso dominante

que apresenta Angola como um país essencialmente lusófono obscurece a realidade de que a maioria da população tem como línguas maternas línguas africanas, sobretudo do grupo banto, sendo o português, durante muito tempo, uma língua restrita a contextos específicos e socialmente marcados.

De acordo com Inverno (2008), Angola abriga dezenas de línguas africanas, que historicamente desempenharam e continuam a desempenhar um papel central na comunicação cotidiana da população. O português, embora detentor do estatuto de língua oficial, expandiu-se de forma desigual no território e entre os grupos sociais, consolidando-se inicialmente nos centros urbanos costeiros e entre elites administrativas e escolares (Inverno, 2008). Nesse sentido, o contato entre o português e as línguas africanas em Angola não pode ser interpretado como um fenômeno recente nem homogêneo. Inverno (2008) demonstra que, desde os primeiros contatos com os portugueses no século XVI, a situação linguística angolana caracterizou-se pela coexistência de múltiplas línguas, com predomínio das línguas africanas na vida social e familiar, enquanto o português assumia funções institucionais, comerciais e administrativas. Esse quadro favoreceu um contato prolongado e intenso entre sistemas linguísticos distintos, sem que houvesse, contudo, uma substituição imediata das línguas locais pelo português (Inverno, 2008).

Ao contrário do que ocorreu em outros espaços coloniais, como o Brasil, Inverno (2008) sustenta que não se reuniram em Angola as condições sociolinguísticas necessárias para a formação de um pidgin ou crioulo de base portuguesa. Isso se deve, entre outros fatores, ao bilinguismo relativamente difundido entre afro-portugueses, missionários e intermediários locais, bem como ao acesso nunca totalmente vedado dos africanos ao português. Assim, o contato linguístico em Angola resultou sobretudo em processos de empréstimo estrutural moderado e em mudanças graduais induzidas pelo contato, e não em uma reestruturação radical da língua portuguesa (Inverno, 2008). Então, entende-se que essa variedade, designada por Inverno (2008) como português vernáculo de Angola, apresenta traços linguísticos que refletem o contato prolongado com as línguas banto, como a variação na concordância nominal e verbal, alterações no sistema pronominal e estratégias sintáticas não previstas pela norma europeia. Tais características não devem ser interpretadas como desvios ou erros, mas como resultados sistemáticos de um processo de mudança linguística em contexto de contato, ainda em curso.

Araújo (2025) também tece considerações acerca desse contato linguístico desencadeado como já consabido pelo empreendimento colonial português, a partir do

momento em que transportou a língua portuguesa para o continente africano, possibilitando o surgimento de línguas crioulas, como ocorreu em São Tomé e Príncipe, em Cabo Verde e em Guiné- Bissau. Assim, além das variedades do português brasileiro e o português europeu, duas variedades conhecidas e extensamente estudadas, as variedades africanas de Angola e Moçambique não devem ser homogeneizadas de “português africano”. Cada uma delas possuindo suas particularidades e características lexicais, morfossintáticas e pragmáticas. A autora postula sobre o processo de transmissão linguística irregular (Lucchesi & Baxter, 2009) que ocorreu nas variedades africanas diante da colonização portuguesa.

Segundo Lucchesi & Baxter (2009), esse processo se dá quando a língua do dominante, chamada de língua de superstrato ou língua-alvo, exige de modo que os falantes das outras línguas que, no caso de Angola, são as línguas angolanas de origem africana, são forçados a adquiri-la em condições de coerção e sujeição. A partir disso, o falante adulto adquire a língua do dominador como L2, porém acaba sendo uma variedade emergencial, caracterizada por defecção consonantal e outras instabilidades a depender do contexto. Esse processo acaba sendo insatisfatório tendo em vista que as crianças das novas gerações que possuem os dados primários devido a aprendizagem nesse contexto limitado dispõem para aprender a sua língua materna provêm de versões da segunda língua, que apresentam lacunas e instabilidades em relação aos mecanismos linguísticos. Dessa forma, entende-se que, no caso angolano, a expansão do português ocorreu paralelamente à manutenção das línguas bantu como línguas maternas da maioria da população, sobretudo no período colonial e pós-colonial. Em Luanda, esse processo intensificou-se com a urbanização acelerada e a mobilidade populacional, favorecendo a aquisição do português como L2 por amplos contingentes de falantes, que posteriormente transmitiram essa língua às gerações seguintes em um ambiente de contato linguístico contínuo.

A alternância entre os pronomes *tu* e *você* no português falado em Luanda pode ser interpretada à luz desse processo. A consolidação de *você* como forma amplamente utilizada, de acordo com os resultados que estão adiante na seção 6, inclusive em contextos tradicionalmente associados ao uso de *tu*, bem como a recorrência de padrões de concordância verbal não canônica, sugere um enfraquecimento das distinções morfológicas de pessoa. Conforme apontam Lucchesi e Baxter (2009), a perda da flexão verbal de número e pessoa é uma característica universal das situações de contato massivo entre línguas e de todas as situações de aquisição defectiva de língua como L2 pelos falantes adultos.

As reflexões de Lucchesi e Baxter (2009) sobre a **Transmissão Linguística Irregular** fornecem um quadro explicativo consistente para compreender os efeitos do contato linguístico entre o português e as línguas africanas em contextos históricos marcados por aquisição não plena da língua dominante. No entanto, para além dos mecanismos de transmissão da língua, é igualmente relevante considerar os resultados estruturais desse contato em diferentes variedades do português. Nesse sentido, a proposta de Petter (2008) oferece uma ampliação interpretativa, ao focalizar as semelhanças linguísticas observadas em variedades do português formadas em contato com línguas africanas.

Petter (2008) propõe uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas, concentrando-se nas variedades de português faladas na África em contextos não crioulos. A autora chama atenção para o fato de que embora em Angola, Brasil e Moçambique tenham tido diferentes situações de contato, em épocas diversas, porém comum a presença do português e as línguas banto. Segundo Petter (2008), as diferentes situações de contato entre o português e as línguas banto produziram resultados semelhantes em níveis distintos da língua, como o fonológico, o lexical e o morfossintático. Esses resultados recorrentes indicam que o contato linguístico não gera efeitos aleatórios, mas tende a seguir padrões sistemáticos, condicionados tanto pelas características das línguas em contato quanto pelas condições sociais em que esse contato se estabelece.

Com base nessas semelhanças estruturais, Petter (2008) levanta a hipótese da existência de um *continuum* afro-brasileiro de português, no qual se situam as variedades faladas na África e no Brasil. O uso do termo *continuum* não pressupõe a existência de variedades homogêneas ou uniformes, mas aponta para um conjunto de variedades que, embora distintas, compartilham traços linguísticos comuns decorrentes de uma história semelhante de contato com línguas africanas. A respeito do nível fonético-fonológico, a especialista assevera que:

O padrão silábico das línguas do grupo banto é a sílaba aberta, CV. Embora se saiba que esta estrutura é o cânone silábico universal, pode-se admitir que a tendência a restabelecer esse modelo silábico decorra do contato com as LB. Tanto no português de Angola (PA), quanto no português de Moçambique (PM) e no PB as vogais, tônicas ou átonas, são bem articuladas e há epêntese de vogais (i ou e) para desfazer encontros consonantais: peneu, rítimo, pissiquiatria (Inverno, 2008, p.10).

Assim a autora coloca o nível fonético-fonológico como uma categoria universal que possibilita os contatos nas três variedades do português.

No contexto de Angola, esse estudo feito por Petter (2008) sobre a hipótese explicativa do contato sobre o português e as línguas africanas é produtivo quando a autora menciona o trabalho de Inverno (2005) que apresenta uma análise dos fatores sociolinguísticos e históricos do português vernáculo de Angola (PVA), analisando também a morfossintaxe do seu sintagma nominal (SN). A autora analisa os fenômenos linguísticos que incluem marcação de gênero e número, marcação de posse e a ordem de colocação e marcação de caso dos pronomes pessoais. Portanto, é apresentado a seguir os fatos linguísticos levantados pela autora no sintagma nominal (SN) do PVA (Inverno, 2005):

1- Marcação de número

O português europeu (PE) é caracterizado pelos valores de singular (um item) e plural (mais do que um item). A concordância de número é realizada através da inclusão do sufixo de plural a todos os determinantes e modificadores, como por exemplo:

Ex. (01) PE: “Todos estes livros novos são importantes” (Inverno, 2005, p.04).

No entanto, no português vernáculo de Angola (PVA), o núcleo do SN raramente recebe marcação de número. Em vista disso, Inverno (2005, p.4) conclui que: “A pluralidade é indicada pela adição do sufixo –s apenas aos elementos não-nucleares mais à esquerda no SN, especialmente no discurso de falantes mais velhos ou menos instruídos ou no discurso informal daqueles que são mais jovens ou instruídos.”. Dessa fora, abaixo estão exemplos elucidativos desse processo nas duas variedades:

Ex. (02) PVA: Vigia as criança_

PE: Vigia as crianças (Inverno, 2005, p.04)

À luz da proposta de Inverno (2005), Petter (2008), Lucchesi e Baxter (2009) e Araújo (2025), a variação entre os pronomes *tu* e *você* no português falado em Luanda pode ser interpretada como parte desse *continuum* afro-brasileiro. A recorrência de padrões variáveis de concordância verbal e a ampliação do uso de *você* alinham-se ao fato de que o contato com línguas banto contribuiu para a reconfiguração do sistema pronominal.

3. SOCIOLINGUISTICA VARIACIONISTA

Como já supracitado na introdução, a metodologia desse trabalho se baseia nos pressupostos da Teoria da variação e mudança linguística proposta por William Labov, considerado “o pai” da Sociolinguística Variacionista. Esta seção é dedicada especificamente ao debate sobre os princípios gerais da teoria, os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, além do mais, será apresentada uma discussão acerca da sociolinguística de contato, com o intuito de mostrar os contatos do português angolano com a língua portuguesa e, por fim, os conceitos de norma padrão, norma culta e ideologia serão enfatizados para evidenciar o tratamento que é dado a essa variedade africana dentro desses conceitos.

3.1 PRINCÍPIOS GERAIS DA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

É sabido que Labov (2008), questiona e propõe um novo olhar sobre a estrutura das línguas a partir do cenário caótico que existia com o estruturalismo e o gerativismo que pensavam a língua como uma estrutura autônoma separada de fatores externos e também como um fator inato respectivamente. Dessa forma, Labov (2008) tinha como ponto fundamental em sua proposta a presença do componente social na análise linguística e isso se deu graças aos seus trabalhos que buscavam descrever a heterogeneidade linguística e de encontrar um modelo capaz de dar conta dessa influência. Esse postulado teórico da Teoria da Variação e Mudança quer dizer que a variação linguística que Labov tanto defendia não se trata de um caos linguístico, mas que a variação pode ser sistematizada no tempo e no espaço. Um indicativo de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o fato de os indivíduos de uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas.

Labov (2008) através de seus estudos, com destaque, para a observação direta de uma mudança sonora na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts explica a mudança linguística ao evidenciar que esse processo parece envolver três problemas distintos: a origem

das variações; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. O ponto de partida dessa tripartição é a variação em uma ou mais palavras nas falas de um ou mais indivíduos. Essas variações que podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação ocorrem apenas uma vez e desaparecem quando surgem. Entretanto, algumas formas são constantes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas, e podem ser disseminadas para gerar formas novas que vão entrar em contraste com as formas mais antigas. Finalmente, uma ou outra das duas formas triunfa, e a regularidade é alcançada. O “pai da Sociolinguística” afirma ainda que nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Labov (2008) ainda reitera que até uma mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, exigindo dessa forma uma explicação.

O ponto de vista desse estudo sobre os ditongos realizado por Labov (2008) e que também constitui um princípio geral da teoria Laboviana é de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em consideração a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou seja, Labov (2008, p.21) afirma que: “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.”. De forma paralela a Labov, Sturtevan (1947, p. 74-87) também traz contribuição nesse processo de mudanças linguísticas que o contempla em sua dimensão social: “Antes que um fenômeno possa se difundir de palavra para palavra[...] é necessário que uma das formas rivais adquira algum tipo de prestígio”.

De acordo com o postulado de Labov (2008) sobre a influência da comunidade no processo de mudança linguística, nesta investigação realizado pelo autor, tem-se uma variável linguística definida pelos limites geográficos da ilha e que segue um padrão social característico da ilha, ou seja, as implicações sociais não podem ser negligenciadas. Segundo Labov (2008), a ilha de Martha Vineyard-município de Dukes, estado de Massachusetts- tem a vantagem de ser uma unidade independente, separada do continente por cerca de cinco quilômetros do Oceano Atlântico. Além disso, a ilha é social e geograficamente complexa para oferecer amplo espaço à diferenciação do comportamento linguístico.

Esse fato também é encontrado na referida pesquisa de mestrado, uma vez que conforme apontado por Nauege (2021), é produtivo o uso de *você* no português falado em Angola pelos mais diversos estratos sociais; ademais, outras formas de tratamentos são

verificadas no território, como senhor\a; tio\a; mano\a que de acordo com as relações sociais de parentesco, cortesia, intimidade, respeito ou humildades são utilizadas.

Conforme apontado por Labov (2008), os meios ou ainda instrumentos que são empregados para coletar os dados influenciam direta ou indiretamente nos dados coletados. Diante dessa afirmação, deve-se apontar que a entrevista individual gravada é o método básico para se obter uma vasta quantidade de dados confiáveis de uma pessoa porque reflete de forma fidedigna e em boa qualidade sonora o vernáculo.

A língua sendo um organismo vivo tende a variar e a mudar na mesma direção em que a sociedade caminha. Nesta perspectiva toda língua natural acompanha a evolução da sociedade e busca ajustar os modos de uso de acordo com os contextos de comunicação. Saber falar uma língua é saber ajustá-la aos contextos de comunicação que por sinais não são uniformes. Ajustar a norma aos contextos é fundamental para que haja uma comunicação mais plena respeitando os contratos estabelecidos pela comunidade de fala. Há elementos linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a variabilidade da língua. De acordo com Labov (2008), é inútil estudar a língua fora do seu contexto real porque é por meio dela que a sociedade se identifica, o que significa que os falantes têm uma identidade própria que se manifesta na e para língua. Em sociolinguística, variedade é equivalente ao dialeto. Os dialetos fazem alusão a variação linguística de uma comunidade de fala, enquanto que o idioleto revela as particularidades individuais dos falantes. Essa discussão é importante porque ninguém fala igual ao outro, por isso em o idioleto apresenta um exemplar único. Entende-se por idioleto, a forma de “representar a fala de uma só pessoa falando sobre um mesmo assunto para a mesma pessoa por um período curto de tempo” (Labov, 2008, p.225).

De acordo com Cezario & Votre (2009, p.142), a abordagem variacionista “baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidades e sistematicidades por trás do aparente caos na comunicação do dia a dia”. Os autores defendem que cabe a Sociolinguística “descobrir os contextos que favorecem a variação na fala de um mesmo grupo de falantes, entre grupos distintos de falantes divididos segundo variáveis convencionais” (p.143). A teoria da variação é também conhecida como Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Quantitativa ou Sociolinguística Laboviana.

3.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A presente pesquisa fundamentada teoricamente na Sociolinguística Variacionista que parte do pressuposto de que a heterogeneidade é característica constitutiva das línguas naturais e pode ser sistematicamente descrita. Conforme afirma Labov (2008, p. 9), “a heterogeneidade ordenada é uma característica inerente às línguas, não um defeito a ser eliminado”. Tomando esse princípio como ponto de partida, a análise da alternância pronominal *tu/você* em Luanda é compreendida como fenômeno estruturado, regular e socialmente motivado, e não como variação aleatória.

Um dos pilares da Sociolinguística Variacionista é o entendimento de que a variação linguística possui **regularidade interna**, ainda que à primeira vista pareça instável. Para Labov (2008), é possível **identificar padrões e condicionamentos** que explicam porque determinados grupos ou indivíduos utilizam certas variantes em contextos específicos. Assim, ao observar a variação entre *tu* e *você*, este trabalho identifica tendências que emergem do uso real da língua, articulando fatores linguísticos e sociais. No contexto de Luanda, essa heterogeneidade se manifesta em diferentes escolhas pronominais que refletem nuances de identidade, intimidade, hierarquia e relação interlocutiva. Ao reconhecer a variação como estruturada, esta pesquisa adota um modelo analítico que busca revelar as pressões internas e externas que atuam sobre o fenômeno pronominal (Coelho et al., 2015).

A abordagem Variacionista também enfatiza que a estrutura interna da língua exerce influência significativa sobre as escolhas dos falantes. Labov (2008) demonstra que variáveis internas, como paralelismo linguístico, tipo de discurso, função comunicativa e contexto sintático, podem condicionar a seleção de variantes. No caso da alternância *tu/você*, observa-se que determinadas configurações linguísticas — como sentenças imperativas, construções mais diretas ou termos de proximidade — podem favorecer o uso de *tu*, enquanto estruturas mais neutras ou contextos declarativos tendem a favorecer *você*. Essa perspectiva é essencial para analisar o comportamento pronominal em Luanda, visto que a escolha entre *tu* e *você* não decorre apenas de fatores sociais, mas também de **preferências linguísticas internas**¹, que precisam ser consideradas para uma descrição fiel do fenômeno.

¹ Grau de formalidade ou informalidade, estilo e gênero de discurso.

Outro princípio central da teoria é o da **avaliação social**, segundo o qual as variantes não são neutras: elas expressam significados sociais vinculados a identidade, estilo, prestígio ou tradição. Labov (2008, p. 16) destaca que “as variantes linguísticas carregam diferentes valores sociais e são avaliadas pelos falantes de acordo com seus significados na comunidade”.

Sob essa ótica, os estudos variacionistas demonstram consistentemente que fatores sociais como **idade, sexo, escolaridade, classe social, local de residência** influenciam o comportamento linguístico. Labov (2008) mostra que a variação ocorre de forma estratificada nas comunidades, revelando padrões sociolinguísticos que distinguem grupos sociais. Aplicado a esta pesquisa, esse princípio orienta a análise dos dados coletados em Luanda, permitindo observar, por exemplo, se falantes mais jovens utilizam *você* com maior frequência ou se falantes mais velhos mantêm o uso do *tu*. Também possibilita verificar se a escolaridade atua como fator de nivelamento ou diferenciação no emprego pronominal. Dessa forma, a estratificação social ajuda a explicar como o fenômeno se organiza dentro da comunidade.

Nessa perspectiva, o modelo Variacionista oferece ferramentas para identificar mudanças linguísticas em andamento, especialmente por meio da análise em tempo aparente (Labov, 1994). Considerando que a alternância *tu/você* tem sido objeto de amplas discussões no português brasileiro (Faraco, 2017; Scherre et al., 2015; Lopes; Cavalcante, 2011; Rumeu, 2020), a investigação dessa alternância em Luanda permite refletir sobre possíveis mudanças também na variedade angolana. Assim, se falantes jovens preferirem *você*, enquanto falantes mais velhos utilizarem predominantemente *tu*, pode-se interpretar esse comportamento como sinal de mudança, ainda que em estágio inicial. Do mesmo modo, a influência de padrões midiáticos e de circulação linguística transnacional pode apontar para transformações no sistema de pronomes de tratamento do português angolano.

A tradição variacionista no Brasil oferece sólida base comparativa para esta pesquisa. Estudos como Faraco (2017), que discute a formação histórica do pronome *você*, e pesquisas variacionistas conduzidas sobre o uso de *tu* em diferentes regiões brasileiras (Lopes; Cavalcante, 2011; Scherre et al., 2015; Rumeu, 2013; 2020) demonstram que a alternância pronominal reflete padrões complexos e multifatoriais. Ao dialogar com essas obras, esta pesquisa incorpora modelos analíticos consolidados, adaptando-os à realidade sociolinguística angolana. Esse diálogo teórico-metodológico amplia a compreensão da variação pronominal no espaço lusófono e posiciona o português falado em Luanda dentro de um cenário mais amplo, ainda pouco explorado na literatura científica.

Diante do exposto, a motivação pela Sociolinguística Variacionista se revela particularmente adequada para orientar a análise da alternância *tu/você* neste procedimento investigativo, uma vez que permite (Labov, 1972; Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Mollica; Braga, 2015).

- descrever a variação em sua complexidade estrutural e social;
- identificar fatores condicionadores internos e externos;
- observar tendências de mudança linguística;
- compreender a variação como parte constitutiva da identidade dos falantes;
- situar o português luandense em relação a outras variedades do português.

A abordagem variacionista fornece, portanto, um arcabouço metodológico rigoroso e coerente com os objetivos desta dissertação, permitindo que a descrição da alternância pronominal não se limite a percepções intuitivas, mas se apoie em evidências empíricas e análises sistemáticas.

Em conformidade com o que foi discutido na subseção anterior, a Sociolinguística se ocupa também da variação, sendo assim, chamada de sociolinguística variacionista. Na visão de Labov (2008), não existe comunidade de fala sem variação, que indica o carácter heterogêneo da língua o que foi e é comprovado por diversos estudos e pesquisas. Então, na comunidade de fala a variação é inerente, ou seja, não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem sequer um mesmo sujeito que admita a mesma expressão em diferentes situações de comunicação. Numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneidade estruturada seria prejudicial, além do mais, não há dois falantes que tenham a mesma linguagem, uma vez que é possível haver duas pessoas que tenham a mesma experiência linguística. O autor do livro “Padrões Sociolinguísticos” explica que essa afirmação se dá tendo em vista que na variação inerente, a variação é uma propriedade regular do sistema e o falante tem competência para lidar com regras variáveis. Para Labov (2008), a noção de regra variável implica uma relação entre duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre(m) a(s) outra(s) forma(s). Esse processo é condicionado por fatores externos (social) e internos (linguísticos). Diante dessa constatação, é pertinente abordar no contexto do português falado em Angola o uso de regras

variáveis que permitem que, em certos contextos sociais e linguísticos, o falante angolano utilize *tu* ou *você* ou alguma forma de tratamento nominal.

Além do contexto, Nauege (2021) explica que as formas de tratamento existentes em Angola, sejam pronominais ou nominais, tem como função essencial estabelecer a relação entre os interlocutores, levando em conta contexto e status de ambos. Dessa forma, a relação pode ser taxêmica ou proxêmica. A taxêmica se refere a valores semânticos taxémicos (+cortesia, +respeito, +humildade, +distanciamento) enquanto proxêmico, diz respeito às relações de proximidade semântica e espacial entre signos — ou seja, como o contexto e a distância (física, simbólica ou discursiva) afetam o significado (-distanciamento, - respeito, -humildade).

Voltando a Labov (2008), é importante dedicar uma atenção ao conceito de variação enquanto requisito do próprio sistema linguístico heterogêneo. Sendo assim, a ausência desse componente numa língua que serve a uma comunidade complexa seria disfuncional, raciocina Weinreich (ap. Labov, 2008). Na variação inerente, a variação é uma propriedade regular do sistema e o falante tem competência linguística para lidar com regras variáveis.

Por outro lado, é conveniente salientar que nem todos os fatos da língua estão sujeitos a variações. Existem regras categóricas e variáveis. Nesse prisma, Labov (2008) faz uma distinção ao colocar que aquela se refere a regras obrigatórias da gramática de uma língua funcionando da mesma forma para todos os falantes de uma comunidade linguística, portanto, não há variação. Já as regras variáveis, admitem mais de uma forma para expressar a mesma coisa. Para Labov, as regras variáveis têm condicionamentos sociais (idade, classe social, gênero, contexto formal/informal). Ademais, Labov (2008) estabelece uma outra distinção. Para ele, as regras variáveis têm uma função comunicativa (estilística, expressiva ou enfatizadora), na medida que as regras invariantes não têm essa função, servindo apenas para facilitar a expressão das seleções já realizadas. Na presente investigação, observa-se essas regras variáveis no uso dos pronomes *tu* ou *você*, o qual sua escolha depende de fatores de ordem externa, como o contexto, status e o papel que o sujeito exerce.

3.3 SOCIOLINGUÍSTICA DE CONTATO

Esta investigação também utiliza a teoria da Sociolinguística de Contato para embasar as discussões e dessa forma, assevera que “Na verdade, línguas entram em contato a todo o

tempo. Toda a língua é produto de contato entre línguas, e podemos dizer que os efeitos do contato vêm sendo objeto de pesquisa desde antes dos primeiros estudos científicos de linguística.” (Savedra et al., 2021, p. 3). A partir do momento que existem pessoas em interação, as línguas estão também em contato constituindo assim um processo natural e inevitável. Dessa forma, em se tratando de Angola com seu multilinguismo, o processo de contato foi bem significativo, uma vez que houve relações entre duas sociedades, a angolana e a portuguesa. Segundo Mingas (2000), a língua portuguesa e o kimbundu (língua bantu falada mais precisamente na capital Luanda) apresentam algumas diferenças linguísticas importantes, que estão na base de muitas alterações morfofonológicas e morfossintáticas. Para a autora, não seria possível analisar o fenômeno do contato entre essas duas línguas sem ter noção do caminho percorrido por cada uma delas. O processo de contato do português de Portugal foi intenso em Angola por causa do povoamento dos colonos e colonialistas portugueses que vieram em massa na tentativa de substituição dos povos autóctones, como também, na imposição de uma nova cultura, economia, instituição e, sobretudo, língua. Em decorrência, chegou um momento que o número de portugueses nascidos em Angola ultrapassou o número de nascidos em Portugal, como afirmara Mingas (2000). Então, esse multilinguismo característico de Angola foi propício para desenhar essa realidade social e decisivo para a imposição da língua portuguesa e consequentemente o contato linguístico entre as línguas locais e o português. Sobre essa teoria, afirma-se que:

A convivência entre duas ou mais línguas pode ocorrer tanto no plano individual, quando uma pessoa domina mais de uma língua, quanto no plano social, quando um mesmo ambiente (lar, comunidade, país...) reúne duas ou mais línguas. Nesse sentido, costuma-se fazer, nos estudos de Sociolinguística de Contato em âmbito nacional e internacional, uma distinção entre os termos Plurilinguismo, o qual se refere à dimensão individual, e Multilinguismo, o qual remete à dimensão social.¹ Com essa classificação, contudo, a teoria não faz diferença entre a quantidade de línguas faladas pelo indivíduo ou presentes em dada localidade, podendo os termos Plurilinguismo e Multilinguismo substituir “bilinguismo”, respectivamente, como um sinônimo (Savedra; Spinassé, 2021, p.105).

Naege traz uma abordagem sobre o contato do português com as línguas africanas perpassando o processo de colonização efetiva do território:

A Língua Portuguesa convive com numerosas línguas africanas de Angola, que pelo contacto secular já têm estado a influenciar na guinada daquilo a que chamaríamos de Português de Angola (PA), que em muitos paradigmas gramaticais se vai distinguindo do português padrão de Portugal (PE). Dado o grande número de línguas africanas que se fala no território de Angola, por razões de planificação e política linguísticas, coube ao Governo de Angola passar a designar estas de línguas nacionais, destaque-se: Umbundu, Kimbundu, Ki kongo, Cokwe, Fiote, Ngangela, Oshikwanyama, Nyaneka-Umbi, que sem prejuízo de o Português ser oficial também são muito importantes para a comunicação dentro do território angolano (Naege, 2021, p.125).

É pertinente apresentar a história do contato entre línguas no Brasil discutida por

Lucchesi afim de ajudar a pensar hipóteses sobre o contato de línguas do português angolano podendo trazer contrastes entre as duas realidades com caminhos distintos. Assim sendo, Lucchesi (2009) assegura que no Brasil o contato dos colonizadores portugueses com milhões de aglolas e quatro milhões de africanos trazidos para o país como escravizados é o principal padrão histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português brasileiro, o qual criou condições para a polarização sociolinguística do Brasil. Além disso, o processo de “transmissão linguística irregular” teve importantes consequências para a formação da realidade linguística brasileira. No que tange às línguas africanas nesse cenário, elas tiveram um papel mais relevante do que o elemento indígena, o que pode ser verificado abaixo:

Por essas razões, desde muito cedo, o empreendimento colonial brasileiro esteou-se na força de trabalho dos escravos trazidos da África. Já no século XVII, os africanos constituíam a força motriz do setor mais dinâmico da economia colonial, a cultura agroexportadora do açúcar, no Nordeste. Para além do trabalho braçal produtivo, os africanos eram empregados também em tarefas domésticas e muitos dos serviços urbanos (Lucchesi, 2009, p.58).

Em síntese, os africanos no século XVII constituíam uma força produtiva na cultura agroexportadora do açúcar no Nordeste. Para Lucchesi (2009), os africanos e seus descendentes crioulos garantiram a atividade produtiva do país; entretanto não alcançando os benefícios de uma cidadania.

3.4 CONCEITOS DE NORMA PADRÃO, NORMA CULTA E IDEOLOGIA

Consoante à Alvarez (2002), o conceito de “norma” numa interpretação genérica remete a ideia de regra, de modelo ou de um padrão de comportamento presente na vida em sociedade. Desde então, têm-se duas ideias principais: de um lado, a norma é vista como “modelo real de comportamento, como o que é ‘normal’ no sentido de ser regular ou modelarmente feito por membros de uma população” (Alvarez, 2002, p.201); por outro lado, conforme asseverou Gilberto (1996), o conceito de “norma” como padrão escrito, como algo considerado ser em comunidade. No século XIX, a sociologia deu oportunidade para que se percebesse que estes diferentes sentidos da noção de norma estavam conectados, porque se a sociedade apresenta regularidades, elas se fazem na ação entre indivíduos, grupos e classes que participam da vida social, ação inseparavelmente reguladora e prescritiva. Alvarez (2002) ainda pontua que essas regularidades não se manifestam de forma mecânica, mas são resultados da ação mais ou menos

consciente dos agentes sociais que buscam para si determinadas regularidades como prescrições para serem seguidas.

Nesse contexto, o autor menciona Émile Durkheim (1858-1917) com o fato social para mostrar as relações entre regularidade e prescrição, mas enfatiza sobretudo o caráter exterior e coercitivo das normas sociais consciências individuais. Durkheim (1858-1917) define os fatos sociais que são próximos da norma social, como modos coletivos de agir, de pensar e de sentir que preenchidos de regularidade, exercem sobre o indivíduo um poder coercitivo. Tais modos de conduta ou pensamento aparecem como exteriores ao controle do indivíduo. Alvarez (2002) afirma ainda que dentro dos parâmetros por Durkheim, a linguagem poderia ser analisada como uma norma social. Sob este ponto de vista, é apresentado como exemplo determinado idioma que o indivíduo fala, que se experimenta como algo que existe fora dele, enquanto uma realidade exterior que detém e impõe regras que devem ser aprendidas e seguidas, daí o caráter coercitiva.

Coexistindo com a norma social, existe a norma linguística que, para Faraco (2004), se caracteriza pelo uso comum das formas linguísticas pelos grupos sociais que se são distintas. Assim, na sociedade multilíngue como Angola, haverá várias normas linguísticas. Para Faraco (2004), a norma é fator de identificação do grupo. Dessa forma, o autor assevera que: “a norma, qualquer que seja, não pode ser compreendida apenas como um conjunto de formas linguísticas; ela é também (e principalmente) um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas.” (Faraco, 2004, p.39).

Nesse âmbito da norma, existe uma parcela da população que lida com a cultura escrita, esta pressupondo planejamento e organização é utilizada geralmente em situações formais de fala e escrita. Para designar os fatos de língua que este grupo social usa nesses contextos, é costumeiro usar a expressão norma culta que difere da norma-padrão. Faraco (2004), traz o sentido crítico do qualificativo *culta*: o termo diz respeito especificamente à cultura escrita. Portanto, a *norma culta* designa a norma linguística praticada em determinadas situações por aqueles grupos sociais que detêm prestígio social, normalmente pessoas altamente escolarizadas. Faraco aponta que:

Por outro lado, é interessante lembrar que essa designação foi criada pelos próprios falantes dessa norma, o que deixa transparecer aspectos da escala axiológica com que interpretam o mundo. Seu posicionamento privilegiado na estrutura econômica e social os leva a se representar como “mais cultos” e, por consequência, a considerar a sua norma linguística-mesmo difusa em sua variabilidade de pronúncia, vocábulo e sintaxe- como a melhor em confronto com as muitas outras normas do espaço social. (Faraco, 2004, p. 40)

Além da norma culta, a cultura escrita associada ao poder social desencadeou ao longo da história um processo excludente de valorizar apenas a norma europeia nas atividades verbais escritas, visando neutralizar e controlar a variação e mudança linguística. A esse processo de estabilização linguística pontuado por Faraco (2004) dá-se o nome de *norma-padrão* ou *língua-padrão*. Então, observa-se que essa questão da norma-padrão é muito complexa, uma vez que não envolve uma particularidade da língua de vocabulário e estruturas gramaticais. O que é evidente nesta área que é colocado por Faraco (2004) é um complexo entrecruzamento de elementos léxico-gramaticais e de natureza ideológica que definem o fenômeno de norma-padrão.

Essa questão não se encerra por aqui, quando se fala em padronização da língua, merece atenção à influência das ideologias. Embora a visão ideológica seja pertinente, ela por muito tempo não constituiu parte central da teorização linguística. Diante dessa discussão, vale ressaltar Joseph & Taylor (1990, p. 2) “Acreditamos que qualquer empreendimento que afirme ser não ideológico e neutro, mas que de fato permanece dissimuladamente ideológico e carregado de valor, é o mais perigoso por causa dessa sutileza enganosa.”

Entretanto, Milroy (2001) reitera que essas influências ideológicas encobertas em alguns aspectos do pensamento linguístico não são reconhecidas ou admitidas. Além disso, os falantes de línguas consideradas ‘importantes’ (ou seja, amplamente usadas) que utilizam a cultura escrita acreditam que elas existem em formas padronizadas. A partir disso, o autor salienta que dentro da dimensão interna da língua, o processo de padronização age promovendo invariância ou a uniformidade na estrutura da língua e chega a sugerir uma definição primária, que não é ideológica relacionado a estrutura interna ou a aparência física de objetos padronizados: “padronização consiste na imposição de uniformidade a uma classe de objetos” (Milroy, 2001, p.51). Observa-se que os objetos que estão sujeitos à padronização são, de forma natural, variáveis; tem-se a língua, como um exemplo significativo. Assim sendo, o autor citado declara que, a uniformidade ou invariância são fatores que definem uma forma padronizada de língua. Por outro lado, existem outros sentidos de “padrão”, um dos quais se referem à “medida de desempenho”. Diante do exposto, Milroy (2001) estabelece que este sentido envolve um julgamento de valor, uma vez que o padrão aqui é uma régua utilizada para medir níveis relativos de desempenho. Este conceito difere da “padronização” falada anteriormente, como uma caracterização que não é neutra sendo carregada de ideologia.

Em síntese, para Milroy (2001), embora as influências ideológicas não constituam o cerne da teorização linguística, deve ser dado um enfoque a esses estudos, tendo em vista que quando não há ideologia presente ou há uma falsa ideologia, o processo torna-se perigoso. A partir dessa noção, o referido autor tenta apresentar uma diferenciação entre os termos padrão e padronização. Assim, este pressupõe imposição de uniformidade a uma classe de objeto; sobre aquele, Milroy (2001) salienta que um dos sentidos mais usuais se referem a um parâmetro para medir níveis relativos de desempenho. Além desta, outra característica utilizada para definir uma variedade padrão é a categoria de prestígio.

4. OS PRONOMES TU\ VOCÊ NO PORTUGUÊS DE LUANDA (ANGOLA)

Nesta seção, é feita uma revisão literária com estudos a respeito da variação dos pronomes *tu\ você* no português falado em Angola. Contribuições como os de Nauege (2021) e Pitombo Teixeira (2008) são primordiais para o entendimento do fenômeno pronominal investigado que é indissociável da realidade sociolinguística de Luanda. Convém ressaltar que são investigações realizadas em períodos de tempo distintos de forma a mapear a frequência desses usos seja a forma que é mais utilizada ou não, quais situações influenciam na aplicação pelos falantes. Entretanto, as duas pesquisas são similares no que concerne à confirmação da riqueza multilíngue do território.

Teixeira (2008) atuou em um estudo sobre a frequência de uso do pronome *você*, como tratamento íntimo na fala de informantes que têm o português como primeira língua e bilíngues português/língua nacional, usuários da norma popular, e seu espraio no português coloquial de Luanda. Segundo a autora, na norma culta angolana, assim como na portuguesa, o pronome *tu* é usado como forma de tratamento íntimo, sendo empregado o *você* para marcar distância. Entretanto, a autora afirma o uso frequente desse pronome como tratamento íntimo, dessa forma, levando a crer que pudesse estar ocorrendo uma mudança em curso, o que não aconteceu, uma vez que os resultados não estão correlacionados com idade. É possível observar que nos seus dados há fatos esclarecedores sobre essa variedade pronominal, que são: a combinação do pronome *você* com a forma verbal de segunda pessoa, assim como é comum o

uso do pronome *tu* combinado com a forma verbal de terceira pessoa ou segunda pessoa indireta, aqui no Brasil. Nos seus resultados, a pesquisadora apresentou uma constatação antiga na norma portuguesa e que acontece na norma angolana, a de que o *tu* sempre foi utilizado para como pronome de tratamento íntimo, reservando o *você* para marcar distância. No entanto, a autora observou o uso frequente desse pronome como tratamento íntimo, o que a levou a levantar a hipótese de que poderia estar ocorrendo uma mudança em curso. Esta hipótese não foi confirmada: os resultados mostraram não haver correlação com idade.

A investigação de Teixeira (2008) bastante significativa possui similaridade com as realizações de Naege (2021) que trata sobre as formas de tratamento no português de Angola trazendo um contributo semântico-pragmático. O autor pontua que o *tu* está em decadência no contexto angolano declarando que: “verifica-se em sua substituição o uso de *você*, que veicula valores semântico-pragmáticos de igualdade, intimidade, empregue como FT de superior para inferior e aos poucos o seu emprego não é aceitável de inferior para superior.” (Naege, 2021, p.129). Essa verificação pontual se aproxima da investigação de Teixeira (2008).

A forma *tu* vai perdendo espaço no cenário das formas de tratamento no português angolano, é pouco usada pelos falantes restringindo apenas a próximos, íntimos, entre amigos, colegas e/ou entre pais e filhos. Naege (2021) considera que o referido pronome “sendo uma forma que carrega os valores semânticos de proximidade, +confiança, -afastamento, nem sempre -respeito (por que pode ser o *Tu* empregue entre pessoas que não são da mesma idade, mas são próximas)”. Sobre o *tu* no português de Portugal, Cunha & Cintra (1984) asseveram o seguinte:

No Português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria de intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão [] em certas famílias de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa (Cunha; Cintra, 1984, p.293, grifo nosso).

Então, a forma *você* ganhou cada vez mais espaço entre a população angolana manifestando como o pronome que é direcionado para se referir a segunda pessoa do singular, como mostra a afirmação seguinte:

Em Angola está generalizado o emprego de *Você* substituindo o *Tu* em quase todas as suas dimensões, veiculando os valores semânticos de + proximidade, -afastamento, +intimidade, + confiança, e até certo ponto, + respeito, por oposição ao *Tu* que embora não se use com frequência se tem consciência da sua existência como a FT que traduz melhor os valores semânticos -distanciamento, +proximidade, +intimidade,

+confiança, -afastamento, usando-se como FT igualitário ou de superior para inferior, contrastando com os valores semânticos atribuídos a Você no Português europeu (apenas para veicular valores de tratamento igualitário e de superior para inferior) (Naege, 2021, p.132-133).

O uso de *vocês* torna-se cada vez mais popular a ponto de ser utilizado em substituição do *vós*, pronome de tratamento que era apropriado para se dirigir ao rei. A razão para isso é que o *vocês* é cada vez mais produtivo em detrimento do *tu*. O uso explícito do *you* também pode ser atestado abaixo:

Muitos falantes, sobretudo aqueles cujo nível de escolaridade se situa entre os mais escolarizados, recorrem à estratégia da supressão pronominal, omitindo a FT *you* para atenuar o efeito (-distanciamento, - respeito, -humildade, + confiança, + intimidade, -afastamento, -delicadeza) quando se trata de um alocutário assimétrico, quer assimetria por superioridade, quer por inferioridade; estratégia desconhecida por falantes angolanos cuja escolaridade se situa entre os menos escolarizados, que optam sempre por uso explícito da FT *you* (Naege, 2021, p.135).

O quadro abaixo apresenta as formas de tratamento utilizadas no português angolano, sobretudo, o *tu* \ *you*, a frequência de ocorrência e o grau de escolaridade, observa-se também a ocorrência de formas de tratamento nominais emergentes em Angola típicas de falantes com baixa escolaridade:

Quadro nº 2: FT no Português de Angola

Pronominais		Ocorrência/uso	Grau de escolaridade
Singular	Tu	Decadente	+
	Você	Frequente	+/-
Plural	Vós	Decadente	+
	Vocês	Frequente	+/-
Nominais	Senhor/a	Frequente	+/-
	Senhores/as	Decadente	-
Outras FT nominais emergentes no PA			
Grau de escolaridade			
Tio/a, tios/as		Frequente	-
Mano/a, manos/as			

Fonte: Naege (2021, p. 135)

Sobre o uso do *you* tem-se que:

É dado assente ser produtivo o uso da FT *you*, no Português falado em Angola, pelos mais diversos estratos sociais, relegando para planos mais simétricos o uso do *Tu* como um resquício, cujo uso é notado predominantemente entre os falantes que tenham relações sociais, académicas e de parentesco muito próximas, muitos dos quais que tenham tido uma emersão linguística e cultural no Português Europeu, ou

tenham tido passagem por Portugal enquanto estudantes, migrantes habituados a esta FT pronominal (Naege, 2021, p.135-136).

Assim sendo, o *tu* está cada vez menos utilizado pelos falantes angolanos, sobretudo, os informantes não escolarizados, que preferem o uso de *você*, cada vez mais produtivo e utilizado por escolarizados e não escolarizados. Esta forma de tratamento é muito utilizada para marcar mais intimidade e menos distanciamento.

5. FORMAS DE TRATAMENTO EM ANGOLA E RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS LOCAIS

Esta seção busca discutir como as formas de tratamento são estruturadas e resignificadas no contexto angolano, considerando tanto as contribuições teóricas produzidas no Brasil e em Angola quanto as especificidades socioculturais que moldam as práticas de fala em Luanda.

Nas gramáticas tradicionais (Rocha Lima, 1972; Cunha & Cintra, 1985; Bechara 2001) não há divergência significativa quanto ao elenco dos pronomes pessoais sujeitos e a forma de apresentá-los caracterizando os pronomes pessoais como indicadores universais das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem/que se fala, admitindo formas no singular com correspondentes no plural. Em síntese o quadro é o seguinte:

Quadro 3: Os pronomes pessoais

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	Tu	Vós
3ª pessoa	Ele\ela	Eles elas

Fonte: elaboração própria

De acordo com Lopes (2007), esse leque de pronomes não inclui formas de tratamento, como *você\vocês*, sendo esta um dos fenômenos desta pesquisa e muito utilizada em Angola

em todas as dimensões discursivas, como afirmou Naege (2021), a forma pronominal de tratamento veicula os valores semânticos de + proximidade, -afastamento, +intimidade, +confiança, de forma oposta ao *tu* que apesar de não se usar com frequência é também uma forma pronominal de tratamento que traduz melhor os valores semânticos -distanciamento, +proximidade, +intimidade, +confiança, -afastamento. Com relação à forma *você*, as gramáticas normativas não apresentam uma posição coerente e unânime. Para autores, como Bechara (2009) e Rocha Lima (1972) este pronome é uma forma de tratamento de 3ª pessoa, já outros consideram ser uma estratégia de 2ª pessoa ou pronome de tratamento de 2ª pessoa (Cunha e Cintra, 1985, p.284).

Rocha Lima (1972) inclui *você* como pronome de 2ª pessoa do discurso, mas o acolhe como pronome de tratamento:

Há alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo as terminações da terceira. Tais são: *Você*, *Vocês* (tratamento familiar), *O senhor*, *a senhora* (tratamento cerimonioso), e acompanhados de seus plurais, os chamados “pronomes de reverência”: *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Santidade*, *Vossa Eminência*, *Vossa Reverendíssima*, *Vossa Magnificência* ... (Rocha Lima, 1972, p.158).

Já Cunha & Cintra (1985) apresentam *você* como um pronome de tratamento que é considerado um pronome pessoal.

Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*. Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2ª), esses pronomes levam o verbo para a 3ª pessoa (Cunha & Cintra, 1985, p. 303-304).

Cunha & Cintra (1985) redigem um tópico especial destinado ao emprego dos pronomes de tratamento *tu* \ *você*. Os autores afirmam que o pronome *tu* no português de Portugal é usado para expressar intimidade, sendo utilizado de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. Além do mais, o seu emprego tem se ampliado entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais (Cunha & Cintra, 1985). No português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se à região Sul, especificamente, ao extremo do sul do país e alguns pontos da região Norte. Os autores afirmam ainda que em quase todo o Brasil o referido pronome foi substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se utiliza fora do campo da intimidade, como tratamento de igual, para igual ou de superior para inferior. Esse valor aproximativo do *você* é constatado por Naege (2021) no território angolano, o que evidencia a influência linguística que recebeu de Portugal.

Cintra (1986) foi um linguista pioneiro no que diz respeito a realização da primeira descrição diacrônica, sistematização e classificação das formas de tratamento do português de Portugal segundo critérios morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Do ponto de vista morfossintático, o autor classifica as formas de tratamento em: pronominais (*tu*, *você*, *vocês*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria*); nominais (*o senhor*, *a senhora*, *o doutor*, *a doutora*, *a dona* + nome(s), *o senhor Ministro*, *o pai*, *o Carlos*, *a minha amiga*, etc.; verbais (“da simples utilização da desinência do verbo como referência ao interlocutor-sujeito, *Queres*, *Quer?* *Querem?*”) (Cintra, 1986, p.12-13). Como explica Naege (2021):

acresce à classificação morfossintática três planos ligados a valores semântico-pragmáticos de tratamento, (i) formas próprias da intimidade [*Tu*]; formas usadas no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implicam intimidade [*Você*]; (iii) formas chamadas “de reverência”, “de cortesia” por sua vez repartidas por uma série muito variada de níveis que correspondem a distâncias diversas entre interlocutores. [*V. Ex^a*, *o senhor*, *o senhor Doutor*, *o António*, *a Maria*, *o senhor António*, *a senhora Maria*, *a D. Maria*, etc.] (Cintra, 1986 apud Naege, 2021, p. 128-129).

Cintra (1986) enfatiza que a escolha de tratamento não é apenas gramatical, mas marcadora de identidades sociais e de relações de poder. Além do mais, analisa também variações regionais e históricas no mundo lusófono, apontando que o mesmo item (por exemplo “*você*”) pode carregar valores distintos conforme o tempo e o espaço. Cunha & Cintra (2014) afirma que os pronomes *tu*, *vós* e *senhor (a)* foram substituídos pelo pronome *você* para indicar intimidade ou não como já referidos anteriormente nesta mesma seção. Para o autor, no português brasileiro, existem duas formas de tratamento mais frequentes para se dirigir às pessoas: *você* (que é a forma utilizada como tratamento +/- (in)formal) e *senhor* (tida como tratamento formal).

As formas de tratamento são mecanismos linguísticos essenciais para a organização das relações sociais, uma vez que expressam cortesias, hierarquias e graus de proximidade. Para Braun (1988), os termos de tratamento constituem “uma chave para compreender valores culturais, estruturas sociais e dinâmicas de poder” (BRAUN, 1988, p. 14). A partir dessa constatação feita pelo referido autor, entende-se que as formas de tratamento ajudam a compreender o funcionamento da sociedade ao evidenciar os costumes, valores sociais e profissões dos sujeitos. Esses autores afirmam que o sistema pronominal é sempre sensível às mudanças sociais, o que explica a variação entre *tu*, *você* e outras formas nas línguas românicas. No âmbito africano, a variação das formas de tratamento é marcada pela coexistência de estruturas herdadas do português de Portugal com dinâmicas socioculturais locais. Gonçalves (2010) indica que, nas sociedades urbanas de Moçambique, escolhas pronominais como *tu* e

você não se restringem apenas à cortesia, mas também constituem “marcadores de identidade etnolinguística e de pertencimento urbano” (Gonçalves, 2010, p. 82).

Assim, como afirmou Naege (2021) e Kingui (2020), o uso do *você* tem se registrado em quase todos os campos conversacionais, chegando a afastar-se do campo da assimetria e do poder, numa tentativa de concorrência com o pronome *tu*. Kingui (2020) argumenta que no âmbito familiar, em Angola, o pronome *você* é utilizado pelas pessoas mais velhas, como avôs e avós, para se referirem aos mais novos, porém também os mais novos o utilizam para algumas pessoas mais velhas da família, assim caracterizando uma relação simétrica. Além do mais, no ambiente acadêmico e profissional, o *você* é utilizado pelo professor ao se dirigir a um estudante, assim como entre colegas, de chefe para subordinado(a), e raramente acontece o inverso. O autor ainda afirma que: “As suas formas pronominais correspondentes de complemento (in)direto da 3.^a pessoa foram substituídas pela 2.^a pessoa: te, ti, contigo, (a você). Entretanto, o *você*, em algumas zonas de Angola e quase todas do Brasil, equivale normalmente a *tu*” (Kingui, 2020, p.46).

Outra teórica trazida à discussão para contribuir com as formas de tratamento e as relações socioculturais de Angola é Teixeira (2008) que é considerada uma das pioneiras quando se fala em analisar o contexto angolano sobretudo as formas pronominais de tratamento *tu\ você*. A autora realizou uma investigação e pôde observar o uso frequente de *você* como tratamento íntimo, o que releva um fato inédito tendo em vista que na norma angolana e portuguesa este pronome sempre foi utilizado para marcar distanciamento, já o *tu*, utilizado como forma de tratamento íntimo. A autora acreditou que se tratava de uma mudança em curso, porém os resultados mostraram não haver correlação com idade. Em seus achados, a especialista apresenta exemplos que trazem o *você* com a combinação da forma verbal de segunda pessoa. Combinação comum na fala de informante falantes nativos das línguas nacionais, analfabetos ou até mesmo de nível fundamental, assim como é comum o uso do pronome *tu* combinado com a forma verbal de terceira pessoa ou segunda pessoa indireta, aqui no Brasil.

A discussão sobre as formas de tratamento no português falado em Angola ganha densidade interpretativa quando se considera a análise proposta por Pitombo Teixeira (2008), cujo estudo sobre o uso do pronome “*você*” em Luanda revela modos de organização sociocultural e dinâmicas relacionais que ultrapassam a simples seleção pronominal. Como observa a autora, o pronome *você* assume, em Luanda, valores que não se deixam apreender exclusivamente pela tradição normativa do português europeu ou brasileiro, apontando para um fenômeno híbrido, modulável e profundamente sensível ao contexto sociolinguístico local. Essa

constatação permite compreender que os pronomes de tratamento, longe de serem escolhas neutras, refletem o modo como os falantes angolanos constroem relações de respeito, hierarquia, proximidade e identidade em uma sociedade marcada por forte diversidade étnico-cultural e pela convivência histórica com múltiplas formas de polidez e autoridade.

Pitombo Teixeira (2008) defende que o pronome *você*, embora presente no português urbano de Luanda, não se configura como forma plenamente desmarcada, como tende a ocorrer no português brasileiro contemporâneo. Ao contrário, sua distribuição ainda está associada a nuances de distância moderada, respeito cotidiano e certa formalidade afetuosa, especialmente em contextos intergeracionais ou em interações onde se deseja evitar a brusquidão do *tu*. Essa interpretação é particularmente relevante para a análise sociocultural porque mostra que, mesmo em um espaço urbano em rápida modernização, como Luanda, persistem valores relacionais que privilegiam a cortesia e o equilíbrio entre deferência e proximidade. A presença de *você* como forma intermediária evidencia, portanto, um continuum de tratamento que não se encaixa completamente nos modelos clássicos de assimetria hierárquica (como o uso rígido de “senhor” ou “doutor”), tampouco coincide com um padrão plenamente simétrico e informal. A perspectiva da linguista amplia a compreensão de como os angolanos administram as distâncias sociais por meio dos pronomes. Ao evidenciar que o uso de *você* se dá dentro de um sistema relacional onde convivem práticas culturais locais – como o respeito ritualizado aos mais velhos, a valorização da autoridade comunitária e o papel social da família extensa –, a estudiosa nos fornece uma chave interpretativa capaz de explicar por que certas interações mantêm um tom moderadamente formal mesmo entre pessoas que convivem com frequência.

Em outras palavras, o estudo sugere que o português de Luanda não é apenas resultado do contato entre variedades da língua, mas também um território discursivo onde práticas socioculturais angolanas se reatualizam em formas linguísticas específicas. Essa observação permite articular que as formas de tratamento funcionam como marcadores de identidade social e como instrumentos de negociação de respeito em uma sociedade onde a construção da face pública é altamente valorizada. Outra contribuição significativa é a de que a variação pronominal em Luanda não é aleatória, mas orientada por fatores sociais como idade, posição hierárquica e contexto avaliativo da interação. Teixeira (2008) enfatiza que, em muitos ambientes institucionais, o emprego de *você* aparece como alternativa a “senhor”, atenuando sua carga hierárquica sem, contudo, romper com a marca de deferência. Essa percepção é fundamental para a presente dissertação, pois confirma que as formas de tratamento em Angola operam em uma zona de equilíbrio sociocultural, onde não há abandono das tradições de respeito, mas sim adaptação a novos modos urbanos de convivência. Assim, essa tendência

ilustra o movimento dinâmico da sociedade angolana, que integra elementos modernos e tradicionais sem que um anule o outro, produzindo práticas linguísticas próprias, frequentemente pouco registradas nas gramáticas normativas.

Essa discussão dialoga diretamente com a perspectiva clássica de Cintra (1986), para quem as formas de tratamento constituem indicadores sensíveis de distâncias sociais e de organização comunitária. Segundo o autor, as formas de tratamento refletem estruturas sociais profundas, o que permite compreender por que, em Angola, a escolha pronominal continua a expressar nuances de respeito herdadas tanto de tradições africanas quanto de influências coloniais. A análise indireta do pensamento de Cintra aplicada ao contexto angolano revela que o sistema pronominal não é mero resquício histórico, mas um instrumento ativo de construção da convivência social. Assim, quando Teixeira (2008) observa que *você* aparece em contextos onde, segundo a norma europeia, se esperaria o uso exclusivo de *tu*, ele evidencia, implicitamente, a capacidade dos falantes luandenses de adaptar a língua às necessidades comunicativas e relacionais da vida urbana contemporânea.

Além disso, a contribuição de Lopes (2003) para a compreensão deste fenômeno também é relevante, especialmente quando considera que as formas de tratamento funcionam como estratégias de polidez e como mecanismos de gerenciamento de face. A autora entende que os pronomes pessoais são escolhas socialmente motivadas, que variam conforme idade, hierarquia e grau de intimidade entre os interlocutores. Lopes argumenta que os falares urbanos tendem a flexibilizar essas escolhas, acomodando práticas híbridas e modos de convivência mais dinâmicos. Essa perspectiva ajuda a explicar por que, em Luanda, coexistem usos de *tu*, *você* e *senhor* de maneira menos rígida do que na norma europeia, mas ainda mais hierarquizada do que no português brasileiro contemporâneo. Dessa forma, essa coexistência confirma que as formas de tratamento em Angola constituem um sistema em movimento, capaz de reorganizar-se a partir do contato com diferentes tradições linguísticas e das transformações aceleradas de sua sociedade.

Faraco (2008), ao discutir a história social do português, reforça essa compreensão ao afirmar que a língua portuguesa se desenvolveu de forma plural e que seu funcionamento atual reflete trajetórias múltiplas e profundamente heterogêneas. Essa visão permite situar o português de Angola como resultado de um processo histórico singular, no qual se articulam elementos do português europeu, traços de línguas bantu, práticas de urbanização e experiências locais de sociabilidade. Assim, quando Teixeira (2008) identifica que o pronome *você* em Luanda carrega significados não previstos pela tradição normativa, ele confirma a tese de Faraco de que as variedades do português são moldadas por práticas culturais específicas, e não

apenas por padrões formais. A leitura depreendida é que essa convergência teórica fortalece a compreensão de que as formas de tratamento em Angola fazem parte de uma gramática social própria, na qual os falantes utilizam os pronomes não apenas para marcar relações formais, mas para construir identidades sociais e negociar posições em contextos comunicativos diversos.

A literatura sociolinguística africana contemporânea também reforça essa abordagem. Estudos sobre políticas de respeito e etiqueta linguística em comunidades bantu mostram que a deferência aos mais velhos, a valorização da hierarquia familiar e o cuidado com a face social são elementos estruturantes das formas de falar. Ao relacionar esses aspectos ao português de Angola, torna-se evidente que o uso de *você*, embora muitas vezes associado à modernidade urbana, ainda se insere em uma lógica mais ampla de respeito comunitário. Essa convergência entre práticas culturais africanas e estruturas linguísticas do português reforça que o pronome não é apenas uma forma intermediária entre *tu* e *senhor*, mas um recurso adaptativo que traduz maneiras angolanas de gerir relações sociais em um contexto altamente heterogêneo.

A reflexão sobre as formas de tratamento no português falado em Angola adquire maior profundidade quando se incorpora as contribuições de autores angolanos que têm se dedicado a compreender o funcionamento sociopragmático das relações de cortesia no país. Nesse sentido, o estudo de Naege (2021), dedicado às formas de tratamento de base pronominal e nominal, reforça que o português angolano não pode ser analisado como simples projeção das normas europeias ou brasileiras, uma vez que está imerso em dinâmicas culturais próprias, marcadas pela coexistência e interação constante entre o português e matrizes bantu.

O estudioso enfatiza que a escolha entre *tu*, *você*, *senhor/a* e fórmulas nominais como *tia*, *mano*, *kotá* ou *papá* constituem um sistema semântico-pragmático híbrido, no qual cada forma carrega índices sociais associados não apenas ao grau de intimidade, mas também à idade, ao estatuto social, à origem regional e aos valores culturais de respeito e deferência. Ao afirmar que no português angolano, a forma de tratamento nunca é apenas gramatical: ela é sempre cultural, o especialista chama atenção para a dimensão relacional que estrutura a interação verbal em Angola e esclarece por que as escolhas pronominais dos falantes luandenses frequentemente escapam das classificações dicotômicas usuais nos estudos lusófonos. Essa perspectiva dialoga com os dados observados no corpus desta investigação, nos quais a alternância entre *tu* e *você* se mostra altamente sensível a fatores interacionais, especialmente a presença de hierarquias etárias e relações de respeito moderado. Informantes jovens, por exemplo, utilizam *tu* com grande naturalidade entre pares, mas recorrem a *você* quando desejam enunciar proximidade controlada — isto é, uma intimidade que não ultrapassa certos limites de deferência. Essa leitura é coerente com as observações de Naege (2021), que demonstra que,

em muitos contextos urbanos de Angola, a escolha pronominal opera como mecanismo de equilíbrio entre solidariedade e respeito, evitando que o falante pareça excessivamente íntimo ou excessivamente formal.

Se as análises de Naege ajudam a compreender a dimensão semântico-pragmática interna ao português angolano, os estudos de Balsalobre (2015) ampliam essa leitura ao posicioná-la no contexto mais vasto das relações sociolinguísticas entre Brasil, Moçambique e Angola. A autora argumenta que as formas de tratamento constituem um campo privilegiado para observar a influência de processos históricos e socioculturais que conformaram os diferentes ramos da lusofonia africana, sobretudo pela presença de tradições bantu de cortesia linguística. Em seu estudo comparativo, Balsalobre demonstra que a circulação de vocativos nominais, diminutivos afetivos e formas híbridas de respeito não são meras particularidades locais, mas resultado de histórias de contacto, mobilidade interna e reconstruções comunitárias que moldaram as normas de interação nesses países.

Ao afirmar que as formas de tratamento revelam não apenas como se fala, mas como se vive e como se reconhece o outro, a autora sinaliza a dimensão profundamente relacional dessas escolhas linguísticas, o que se conecta diretamente às variações observadas em Luanda. As reflexões de Balsalobre tornam-se centrais para compreender o padrão híbrido que emerge no português luandense contemporâneo. Assim como em Moçambique, a convivência entre língua oficial e línguas bantu é diária, intensa e mutuamente permeável, e isso tem efeitos pragmáticos claros. Um desses efeitos é justamente a reconfiguração da função do *você*: longe de carregar apenas sentidos herdados das tradições portuguesa e brasileira, ele se torna uma forma intermediária, capaz de expressar cortesia moderada, solidariedade mitigada e respeito sem distanciamento excessivo.

Esse valor intermediário, identificado também por Teixeira (2008) em seus dados variacionistas, ganha explicação cultural mais robusta quando analisado à luz de autores africanos como Naege e Balsalobre, que demonstram como normas culturais de respeito, senioridade e equilíbrio relacional estruturam os modos de tratamento em Angola. Dessa forma, a variação *tu/você* não representa apenas um fenômeno linguístico, mas uma manifestação de processos sociais mais amplos, nos quais o português se ajusta às lógicas interacionais próprias da sociedade angolana urbana.

A triangulação entre Naege (2021), Balsalobre (2015) e esta pesquisa de mestrado permitem, portanto, consolidar a interpretação de que o sistema de tratamento em Luanda é altamente adaptável e socialmente significativo. Ele traduz uma visão de mundo orientada por valores de respeito mútuo, mas também de proximidade comunitária, onde o pronome é

mobilizado como ferramenta de afinação relacional. Essa perspectiva reforça a ideia de que a análise das formas de tratamento em Angola exige, necessariamente, uma abordagem sociocultural ampla, capaz de integrar tradição, contacto linguístico e dinâmicas urbanas contemporâneas — exatamente como recomenda a literatura africana especializada.

6. PORTUGUÊS NO ESPAÇO LUSÓFONO: DIÁLOGOS COM A VARIAÇÃO PRONOMINAL ANGOLANA

Nesta seção, apresento um panorama das pesquisas sobre as variedades do Português Europeu e do Português Brasileiro, destacando como esses estudos contribuem para compreender a dinâmica das formas de tratamento no português falado em Angola. Ao integrar resultados e descrições de diferentes espaços lusófonos, torna-se possível observar pontos de convergência e especificidades que ajudam a contextualizar a variação pronominal angolana no quadro mais amplo da língua portuguesa.

6.1 PESQUISAS SOBRE O PORTUGUÊS EUROPEU E CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Os estudos clássicos sobre formas de tratamento no português europeu destacam que o sistema pronominal não é apenas uma lista de variantes linguísticas, mas um conjunto institucionalizado de práticas de interação social. A gramática abrangente do PE (Mateus et al., 2003) e a análise de Cintra sobre formas de tratamento (Cintra, 1986) situam *tu*, *você* e as formas honoríficas num *continuum* que relaciona intimidade, status e registro. Importa enfatizar dois pontos que emergem dessas obras e que são relevantes para qualquer comparação com Luanda. Primeiro, o PE traz uma tradição normativa — tanto no discurso prescritivo quanto nas práticas cultas — conforme a qual *tu* é preferível em relações horizontais próximas, enquanto *senhor/a* permanece marcadamente empregue em contextos formais e institucionais; *você* tem um percurso mais ambíguo no espaço europeu, com usos regionais e variações de grau de cortesia que exigem análise situacional.

Segundo, o PE documenta a coexistência entre norma culta e práticas reais, isto é, entre o que as gramáticas e manuais declaram e o que os falantes efetivamente usam em interação cotidiana. Essa tensão entre prescrição e prática torna-se um ponto de partida útil: ao investigar

Luanda, o investigador precisa distinguir o “arquivo normativo” (o repertório herdado do português metropolitano) das estratégias pragmáticas adequadas às condições locais de comunicação. Mesmo no âmbito europeu, o sistema pronominal evidencia variação significativa. Estudos linguísticos e manuais para ensino de português indicam que *você*, em certas áreas ou faixas etárias, pode adquirir valores de cortesia ou neutralidade que não se confundem com a formalidade representada por *senhor/a*; em outras regiões, *tu* mantém forte presença no discurso familiar e comunitário.

Pesquisas recentes sobre *você* no PE mostram que a interpretação pragmática do pronome está fortemente condicionada pelo contexto local: em algumas situações, *você* é percebido como mais cortês do que *tu*; em outras, aparece como forma de redução da distância afetiva sem conotação de autoridade. Essa variabilidade interna é fundamental ao se estabelecer analogias com Luanda: se o próprio espaço europeu não apresenta um uso uniforme de *tu* e *você*, então a emergência de modalidades híbridas em contextos africanos torna-se um fenômeno paradigmático de reapropriação comunicativa, e não um simples desvio do “padrão”.

A literatura sobre o Português Europeu (PE) demonstra que a interpretação pragmática dos pronomes de tratamento os converte em verdadeiros índices sociais, capazes de sinalizar intimidade, respeito, distância relacional e até pertencimento regional. Cintra (1986), em estudo clássico, afirma que “as formas de tratamento exprimem relações de proximidade ou distância entre os interlocutores, marcando graus de intimidade, respeito ou hierarquia social” (p. 25), o que confirma que *tu* e *você* não operam apenas como unidades gramaticais, mas como dispositivos sociopragmáticos. De modo semelhante, Mateus et al. (2003) enfatizam, em citação indireta, que a seleção entre esses pronomes depende de fatores situacionais e das relações sociais envolvidas, integrando-se a um conjunto mais amplo de práticas comunicativas da comunidade linguística portuguesa. Historicamente, a sociabilidade urbana em Portugal consolidou um repertório rígido para contextos formais, especialmente em escolas, repartições públicas e instituições estatais.

Cintra (1986) observa que, no PE, *o senhor* e *a senhora* permanecem “marcas de formalidade, sobretudo em contextos públicos e institucionais” (p. 41), evidenciando a normatividade e a estabilidade dessas escolhas. No entanto, pesquisas mais recentes indicam que transformações sociais, como modernização, mobilidade urbana, globalização e expansão da comunicação digital, vêm tensionando esse modelo tradicional. Guilherme e Bermejo (2016) mostram que a circulação crescente de *você* em interações de atendimento e ambientes digitais revela “uma flexibilização das fronteiras entre formalidade e informalidade no português

européu” (p. 7), especialmente em interações comerciais, pedagógicas ou administrativas de menor rigidez. Kerbrat-Orecchioni (2006) reforça que sistemas de cortesia são sensíveis às transformações socioculturais e às novas ecologias comunicativas, o que explica o surgimento de usos atenuados de *você* no PE contemporâneo.

A partir desses estudos, torna-se evidente que, no PE, o pronome não funciona como elemento isolado. Conforme argumenta Kerbrat-Orecchioni (2006), o tratamento é sempre construído em conjunto com outros recursos, tais como vocativos, marcadores discursivos, entoação e gestualidade, que calibram o valor relacional das interações (p. 89). Essa visão é coerente com as observações de Cintra (1986), que destaca, em citação indireta, que os pronomes integram um sistema mais amplo de estratégias de cortesia e não podem ser analisados de forma autônoma. Assim, a escolha entre *tu*, *você* ou formas mais formais, como *o senhor*, deve ser lida sempre em articulação com os dispositivos discursivos que moldam a interação. Consequentemente, os estudos sobre o PE não constituem apenas um inventário de formas pronominais, mas oferecem um léxico de práticas sociocomunicativas que permite compreender como os falantes constroem relações de poder, proximidade e deferência.

Mateus et al. (2003, p. 343) observam que as formas de tratamento pertencem ao domínio da pragmática e refletem práticas socioculturais específicas da comunidade portuguesa, reforçando que a análise pronominal exige considerar normas sociais e expectativas interacionais. Essa perspectiva é central para pesquisas sobre o português falado em Luanda, pois evidencia que a alternância entre *tu* e *você* não se explica apenas por fatores internos da língua, mas por uma rede de estratégias comunicativas alinhadas a hierarquias, identidades e expectativas culturais, fenômeno que também se manifesta no contexto angolano, ainda que moldado por sua própria história sociolinguística. No caso específico do PE, estudos como os de Lindley Cintra (1986) mostram que o sistema pronominal europeu consolidou, ao longo dos séculos, um repertório formal relativamente estável, no qual o pronome **você** sofreu progressiva retração e especialização pragmática. Cintra observa que, na norma tradicional, **você** tende a ocupar espaços intermediários de formalidade, sendo percebido como menos cerimonioso do que o *senhor*, mas também menos íntimo do que *tu*. Essa distribuição reforça, ainda que de modo indireto, a existência de um padrão institucionalizado que historicamente orientou práticas escolares, burocráticas e interacionais no PE.

Pesquisas sociolinguísticas mais recentes também descrevem uma reconfiguração dos usos, impulsionada por transformações sociais, fluxos migratórios, circulação midiática e

mudança geracional. Oliveira e Duarte (2019), por exemplo, mostram que o PE urbano apresenta maior oscilação entre *tu* e *você*, sobretudo em interações comerciais, situações de atendimento ou contextos comunicativos mediados por plataformas digitais. Embora *tu* permaneça como a forma nuclear do tratamento informal, *você* reaparece como estratégia de cortesia mitigada ou de neutralidade, especialmente quando falantes desejam equilibrar proximidade e deferência sem recorrer a formas mais marcadas como o senhor. Esses resultados dialogam com análises de Mateus et al. (2003), que descrevem o português europeu como um sistema em que a escolha pronominal se articula a fatores contextuais e pragmáticos, constituindo um “jogo de posicionamento” entre falantes.

Contudo, tais contribuições, embora relevantes, não são suficientes para explicar integralmente a variação pronominal observada no português falado em Luanda. Isso porque a realidade angolana é atravessada por processos sociolinguísticos específicos, entre os quais o contato contínuo com línguas bantu, a reconstrução sociocultural pós-colonial, os efeitos da urbanização acelerada e a centralidade das redes familiares e comunitárias. Pesquisas como as de Naege (2021) demonstram que fatores como senioridade, estrutura de parentesco, posição social no grupo e dinâmicas de respeito intergeracional influenciam intensamente o uso de *tu* e *você*, configurando um sistema pronominal que não se deixa reduzir aos padrões europeus. Assim, embora o português europeu funcione como um padrão de referência histórica e tipológica, ele deve ser interpretado como uma espécie de “caixa de ferramentas” gramatical e discursiva (expressão aqui empregada metaforicamente), e não como modelo absoluto para análise dos dados angolanos. Em outras palavras, o PE oferece categorias, descrições e processos que podem orientar a investigação, mas não determina, por si só, os significados sociais dos pronomes em Luanda. A construção desses significados é local, emergente e situada, sendo moldada por práticas culturais específicas e por trajetórias históricas distintas daquelas do espaço europeu.

6.2 ESTUDOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SOBRE *TU* E *VOCÊ*: CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DA VARIEDADE ANGOLANA

Faraco (2017) evidencia que para os linguistas interessam estudar as formas de tratamento numa perspectiva mais pragmática (as condições de uso daquelas formas e suas

correlações com a variação linguística em geral) e diacrônica, que mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais. É com essas evidências que o linguista pontua o uso *você* sendo comum para o tratamento íntimo, enquanto *tu* é restrito a algumas variedades regionais. Sobre esse uso tão amplo do *você* no Brasil, o especialista menciona alguns dados importantes para um processo de reconstrução hipotética de tais fatos: a situação de uso de *Vossa Mercê* e suas variantes entre a população não aristocrática a partir dos fins do século XV. Além do mais, Faraco (2017) ressalta a participação do dialeto caipira, a variedade linguística usada pelos caboclos residente no interior de São Paulo. Nessa variedade, *vós* não ocorre, enquanto que *tu* é raro, porém quando realiza-se combina com a terceira pessoa do verbo; mas diferentes formas relacionadas com *Vossa Mercê* são usadas: *vosmecê*, *vossuncê*, *vassuncê*, *mecê*, *vancê*, *vacê*, *ocê* e *você*. Logo, entende-se que desde o início da ocupação europeia do Brasil, as formas majoritariamente de tratamento do interlocutor eram as diferentes variantes de *Vossa Mercê*. À vista do exposto, Faraco (2017) realiza uma leitura diacrônica do tratamento do *você*, mostrando como sua emergência e regramentação se articulam com transformações históricas e socioculturais (centralização política, transformação de hierarquias sociais, mudança de práticas de cortesia). Ele argumenta que o estudo das formas de tratamento exige sobreposição de perspectivas — histórico-gramatical, pragmática e antropológica — porque as formas pronominais não são apenas variáveis gramaticais, mas indicadores de mudança nas relações sociais e nas representações de status. O pesquisador afirma que a evolução de *Vossa Mercê* também afetou o sistema do tratamento íntimo, já que *você* ou substituiu *tu* ou criou um nível de formalidade entre *tu* e outras expressões formais.

Rumeu (2013) constitui outro aporte teórico ao analisar a variação *tu*\ *você* no português brasileiro ao analisar painéis de cartas familiares (família Pedreira Ferraz-Magalhães; também dialoga com estudos sobre a família Penna) para estudar a inserção do *você* no português brasileiro oitocentista e novecentista. A autora fazendo uma reflexão dessas forma de tratamento utilizando a categoria social gênero demonstra o comportamento do *você*, como o fato de o pronome resguardar o prestígio da Forma Nominal de Tratamento para a realeza que a originou demonstra assim o conservadorismo do português brasileiro. Por outro lado, questiona se o emprego de *você* (SOTO, 2001), em cartas-diário, pela Condessa de Barral, ao se referir ao imperador D. Pedro II e entre os amigos baianos Rui Barbosa e José Marcelino (senador e governador da Bahia), em cartas pessoais trocadas em 1904 e 19062 (MENON, 2006) - já não seriam indícios do acelerado processo de dessemantização sofrido pelo *Você* a

assumir, no Brasil, o inovador domínio da solidariedade? Rumeu (2013), por sua vez, contribui com um enfoque microsociolinguístico, analisando dados epistolares de séculos XIX e XX para compreender como a alternância entre *tu* e *você* foi socialmente estruturada no português brasileiro. Sua pesquisa indica que a mudança em direção ao *você* — enquanto forma de tratamento informal — apresenta forte marcação pela categoria social **gênero**, sendo as mulheres agentes centrais na adoção e difusão desse pronome em contextos familiares e íntimos. Ao mostrar que mulheres utilizavam *você* com maior frequência e consistência em cartas privadas, a autora demonstra que a mudança linguística não é neutra, mas orientada por grupos sociais específicos, cujas práticas comunicativas podem antecipar tendências linguísticas mais amplas.

Tanto Faraco (2017) quanto Rumeu (2013) convergem ao reconhecer que o processo de implementação do *você* é historicamente condicionado. Ambos sustentam que a variação pronominal não é um fenômeno aleatório: ela está inserida em uma rede de práticas sociais e ideológicas que moldam a escolha dos falantes. Se, para Faraco, a emergência do *você* acompanha a redefinição das relações sociais no Brasil, para Rumeu a difusão do pronome se ancora em grupos específicos, sobretudo mulheres, que desempenham papel de liderança na mudança. Assim, os dois autores reforçam a importância de observar como práticas sociais localizadas influenciam reorganizações de maior escala no sistema pronominal. Outro ponto de convergência é a centralidade da perspectiva histórica. Faraco (2017) fornece o panorama macro-histórico que explica a mudança; Rumeu (2013) apresenta evidências empíricas que concretizam esse processo em situações reais de uso. Para a presente pesquisa, essa complementaridade é essencial: o português falado em Luanda, embora partilhe traços históricos com o português europeu e influências brasileiras contemporâneas, desenvolveu percursos sociolinguísticos próprios, que podem ser mais bem compreendidos mediante articulação entre processos macro-históricos e práticas locais de uso.

Ao considerar a realidade linguística de Luanda, marcada por pluricentrismos, contato com o português brasileiro, reconfigurações rápidas do espaço urbano e forte circulação de mídias lusófonas, o quadro delineado por Faraco e Rumeu oferece ferramentas fundamentais para análise. A perspectiva de Faraco permite compreender que a alternância entre *tu* e *você* em Luanda não se explica apenas pela gramática normativa herdada do português europeu. Ela está enraizada em transformações sociais aceleradas ligadas à urbanização, à mobilidade social e às novas configurações de convivência no espaço citadino. Do mesmo modo, os resultados de

Rumeu sugerem que, em Luanda, grupos específicos podem estar liderando a adoção do *você*, ou a manutenção do *tu*, como símbolos de identidade urbana, geracional ou comunitária. Aliado a isso, a forte influência midiática brasileira em Angola — televisão, música, redes sociais — pode estar reforçando o *você* em determinados domínios discursivos, contribuindo para a convivência híbrida de formas de tratamento.

Nesse sentido, ao observar diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade no português de Luanda, torna-se possível investigar se há padrões semelhantes aos identificados no Brasil do século XX, como apontado por Rumeu, ou se a mudança segue caminhos distintos, a partir das dinâmicas socioculturais angolanas contemporâneas. A articulação entre Faraco (2017) e Rumeu (2013) fornece um quadro robusto para compreender que a variação *tu/você* é histórica, socialmente orientada e sensível a grupos e contextos específicos. Ao dialogar com essas perspectivas com o português falado em Luanda, evidencia-se que a análise deve considerar tanto os processos de longa duração que atravessam o espaço lusófono quanto as práticas locais que emergem de uma comunidade linguística em constante transformação. Assim, o estudo da variação pronominal em Luanda beneficia-se do diálogo entre a abordagem macro-histórica de Faraco e a análise sociolinguística fina de Rumeu, oferecendo um panorama complexo e interdisciplinar para a interpretação das formas de tratamento nessa variedade do português.

7. ASPECTOS METOLÓGICOS

O método utilizado no trabalho é o da Sociolinguística Quantitativa, também chamado de modelo teórico-metodológico da Teoria da variação, com base nas formulações de Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]) e por Labov (1972 [2008]). Esse é o modelo adotado em função de ser considerado teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição de uma comunidade de fala numa perspectiva variacionista. De acordo com, Cezario & Votre (2008), a Sociolinguística através da sua metodologia de análise da língua em situação real de comunicação pode medir o número de ocorrências de uso de uma variante e fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante.

Nesta seção apresento a metodologia utilizada no trabalho com a descrição do corpus adotado, a caracterização das entrevistas, projeto qual está sediado e os procedimentos metodológicos. Logo em seguida, evidencio as variáveis dependentes e as variáveis independentes linguísticas e sociais controladas.

7.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA: APRESENTAÇÃO\CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* a ser utilizado neste estudo é constituído por amostra de fala vernácula da cidade de Luanda, capital e maior centro urbano de Angola, e pertence ao banco de dados do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”. O projeto está sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tendo sido oficializado em 2009, por meio da portaria 036/2009 expedida por seu Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Portaria CONSEPEP/UEFS 13.04.2009). É também certificado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEFS), com o número de parecer favorável 140.511 e de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE: 04641412.7.0000.0053.

A Professora Dra. Eliana Pitombo Teixeira (aposentada da UEFS) realizou entrevistas sociolinguísticas em Luanda, contando com o auxílio de estudantes angolanos do curso de Letras da Universidade Agostinho Neto (localizada em Luanda). As gravações aconteceram nos anos de 2008 e 2013 na área urbana de Luanda com participantes naturais da capital e com

residentes advindos de diferentes regiões de Angola. As entrevistas são do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e, para documentar o vernáculo da comunidade de fala, o método das entrevistas consistiu na abordagem de narrativas pessoais, como memórias de infância, rotinas diárias, situações de perigo, entre outras. Tão logo as gravações chegaram ao Brasil, iniciou-se o processo de transcrições juntamente com estudantes de graduação e pós-graduação da UEFS (Cf. Teixeira; Araújo, 2017). A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEFS), com o número de parecer favorável 7.109.599 e de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE: 83267824.6.0000.0053.

O *corpus* foi constituído por dois tipos de amostras de fala, sendo uma de falantes de português como língua materna, totalizando 32 entrevistas, e a outra de falantes que têm português como segunda língua, composta por 24 entrevistas. Portanto, na pesquisa aqui projetada, serão utilizadas 56 entrevistas, todas já transcritas. A amostra de fala de Luanda foi estratificada de acordo com os seguintes critérios:

Quadro 4- Estratificação da amostra de fala do português falado em Luanda segundo as variáveis sociais

Sexo do informante	Masculino
	Feminino
Faixa Etária	Faixa I (jovem) - 18 a 35 anos
	Faixa II (meia-idade) - 36 a 50 anos
	Faixa III (idoso)- acima de 51 anos
Grau de escolaridade	Baixa ou nula
	Ensino Médio
	Culta (superior completo/incompleto)
Língua materna	Língua Portuguesa
	Línguas Africanas
Local de nascimento	Luanda
	Províncias

Fonte: elaboração própria.

Considerando que as entrevistas do *corpus* já foram coletadas e transcritas, as etapas subsequentes para a realização da pesquisa delineada serão as seguintes:

- a) levantar as ocorrências de *tu/você*;
- b) planejar o sistema de codificação, em que se definirá para cada fator das variáveis dependente e independentes um código;
- c) quantificar os dados: medição da influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação da regra por meio do Programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Para cada fator da pesquisa, será atribuído um valor numérico estatístico (percentuais e pesos relativos);
- d) analisar os resultados, verificando quais variáveis foram consideradas significativas por meio da interpretação dos resultados fornecidos pelo programa.

7.2 DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS

7.2.1 A variável dependente

Na Sociolinguística Variacionista, a variação é um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos, designados de variáveis independentes. Já o elemento interno pertencente a estrutura linguística que é observada é conhecida por variável dependente. Como já exposto, foi selecionado como variável dependente, as formas pronominais *tu/você*. Para essa variável, a hipótese levantada é a de que pode estar ocorrendo uma mudança em curso. Uma vez que o *você*, que antes era utilizado para marcar distanciamento; e o *tu*, para demonstrar intimidade, aquele, passou a ter uso frequente como pronome de tratamento íntimo entre falantes escolarizados e não escolarizados.

7.2.2 As variáveis linguísticas

No que se refere às variáveis linguísticas, esta pesquisa considerou fatores tradicionalmente apontados pela literatura como relevantes para a variação pronominal. Foram analisadas, inicialmente, a concordância entre sujeito e verbo, distinguindo-se os contextos de

concordância explícita (c) daqueles de não concordância (n). Além disso, investigou-se o tipo de sujeito, contrastando-se sujeito pleno (p) — com preenchimento pronominal — e sujeito nulo (0). As variáveis linguísticas apresentadas foram elaboradas e discutidas de acordo com trabalhos de Duarte (1995) Kato (2000), Labov (2001; 2008), Lucchesi; Baxter & Silva (2009).

7.2.3 As variáveis independentes (As variáveis sociais/ extralinguísticas)

No que diz respeito às variáveis sociais, esta pesquisa considerou fatores externos tradicionalmente reconhecidos pela Sociolinguística Variacionista como relevantes para a explicação da variação linguística. Foram analisadas a faixa etária, segmentada em jovem (j), meia idade (m) e idoso (i), variável amplamente associada a processos de mudança linguística em tempo aparente, conforme proposto por Labov (2008). Investigou-se também o sexo dos informantes, distinguindo-se feminino (f) e masculino (z), à luz de teóricos como, Labov (2001) e Paredes Silva (1996). Outra variável considerada foi a língua materna, categorizada em português (P) e línguas angolanas de origem africana (V), aspecto particularmente relevante no contexto angolano, marcado pelo contato linguístico e pelo multilinguismo (Inverno, 2018). A escolaridade foi estratificada em baixa ou nula (b), ensino médio (M) e culta (s) — ensino superior completo ou incompleto —, variável frequentemente associada ao grau de aproximação às normas de prestígio (Paiva; Scherre, 1999). Por fim, considerou-se o local de nascimento, distinguindo-se informantes naturais de Luanda (l) e de outras províncias (t), com o objetivo de captar possíveis diferenças decorrentes da mobilidade interna e da diversidade sociocultural que caracteriza o espaço urbano luandense.

8. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como já referido na metodologia, a investigação se baseia nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, segundo os quais a heterogeneidade linguística não constitui um desvio do sistema, mas um princípio estruturante da língua em uso (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Nessa perspectiva, a alternância entre os pronomes *tu* e *você* é tratada como uma variável sociolinguística, cujas realizações são condicionadas por fatores sociais,

discursivos e contextuais. O tratamento quantitativo dos dados permite identificar padrões sistemáticos de uso e estabelecer correlações estatisticamente significativas, conforme proposto por Labov (1972) e operacionalizado em estudos variacionistas posteriores.

8.1 DISTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS POR VARIÁVEIS

Concordância verbal

Tabela 01: Uso de tu\ você em relação a concordância verbal

Concordância verbal	Você		Tu		Total
	Aplicação	Porcentagem	Aplicação	Porcentagem	
Não concordância	31	93.9%	2	6.1%	33
Concordância	246	83.4%	49	16.6%	295
Total	277	84.5%	51	15.5%	328

Fonte: elaboração própria

Os resultados referentes à variável **concordância verbal** revelam um padrão bastante expressivo no corpus analisado. Observa-se que a forma verbal sem concordância canônica de 2ª pessoa apresenta **93,9%** de ocorrência de *você*, contra apenas **6,1%** de *tu*, ainda que esse fator represente apenas **10,1%** do total de ocorrências.

No que se refere aos fatores internos, a variável concordância verbal revelou-se relevante para a explicação da variação pronominal *tu\ você* em Luanda. Ainda que se esteja analisando a variação angolana do português, é importante ressaltar os aspectos da morfossintaxe da língua portuguesa no Brasil no que diz respeito ao contributo que essa variedade apresenta. Assim, como afirmam (Lucchesi; Baxter & Silva, 2009), a concordância verbal está no centro dos debates no que diz respeito ao contato entre línguas na formação da realidade linguística brasileira. Esta constatação se mostra presente também no português angolano ao verificar os resultados.

Observa-se que nessa variável há um predomínio maior pelo uso do *você* e a não concordância (93.9 %) é a preferência dos informantes luandenses. Embora a concordância

verbal seja muito utilizada, chama atenção a primeira categoria (não concordância) revelando que os falantes não estão utilizando apenas o português europeu como modelo para formas de tratamento, sendo esse padrão ocasionado pela colonização de Portugal, o fim tardio processo de colonização portuguesa e a independência de Angola que aconteceu em 1975. Esse resultado leva hipóteses de que a urbanização e a tecnologia estão cada vez mais influentes no território permitindo um uso linguístico diversificado. É importante citar um fator que pode influenciar nessa variação que é a presença das novelas brasileiras na vida dos angolanos. Nos corpora analisados, isso é bem marcante através de um informante chamado “Frederico Abilio Saluana” que diz assistir novelas do Brasil, chegando a citá-la que foi “Salve Jorge”, produção da Rede Globo. Em razão disso, a população angolana está preferindo as normas do português brasileiro que tem o uso do *você* com a forma verbal não marcada muito acentuado, observando uma tendência à simplificação morfológica, em que as marcas verbais de pessoa e número perdem saliência funcional.

Este conceito é afirmado por Lucchesi (2009) com a questão do processo de transmissão irregular de tipo leve que estaria na base da formação das atuais variedades populares do português do Brasil, que se caracteriza por exemplo pela simplificação morfológica, característica sempre pontuada no PB acontece também no português angolano devido às situações de contato entre línguas que ocorreram. Esse comportamento pode ser explicado tanto pela história instável do pronome *você* (Faraco, 2008), quanto pela influência do contato linguístico com línguas bantu, nas quais a concordância não se organiza em torno da pessoa pronominal. Do ponto de vista Laboviano (2001; 2008), há uma mudança em progresso porque com a forma inovadora (*você* + verbo não concordante) apresenta frequência elevada; já a variante conservadora (*você* + concordância) ainda resiste, com 83.4 %. Em síntese, esse resultado releva que o sistema não é caótico, mas variável e estruturado, condicionado por fatores sociais e linguísticos.

Tipo de sujeito

Tabela 02: uso tu\ você de acordo com o tipo de sujeito

Tipo de sujeito	Você		Tu		Total
	Aplicação	Porcentagem	Aplicação	Porcentagem	
Preenchimento	265	88.9%	33	11.1%	298
Nulo	12	40.0%	18	60.0%	30
Total	277	84.5%	51	15.5%	328

Fonte: elaboração própria

A variável linguística tipo de sujeito foi analisada a partir da distinção entre sujeito pleno, quando a posição de sujeito é preenchida por pronome pessoal, e sujeito nulo, quando o referente é recuperável exclusivamente por meio da flexão verbal ou do contexto discursivo. A Tabela 2 apresenta a distribuição dos pronomes *tu* e *você* em função dessa variável no português falado em Angola. Os resultados evidenciam uma forte associação entre o sujeito pleno e o pronome *você*. Dos 298 contextos de sujeito preenchido, *você* tem 265 ocorrências (88,9%), ao passo que *tu* registra apenas 33 ocorrências (11,1%). Esse padrão indica que, quando o falante opta pela realização explícita do sujeito, há uma preferência significativa pela forma *você*. Em contrapartida, nos contextos de sujeito nulo, observa-se um comportamento inverso. Dos 30 casos em que o sujeito não é foneticamente realizado, *tu* corresponde a 18 ocorrências (60%), enquanto *você* aparece em apenas 12 ocorrências (40%). Esses dados sugerem que o apagamento do sujeito favorece o uso de *tu*, configurando uma distribuição complementar entre as duas formas pronominais.

Do ponto de vista morfosintático, esse resultado pode ser interpretado à luz da maior integração de *tu* ao paradigma verbal de segunda pessoa, cujas marcas flexionais permitem a identificação do sujeito mesmo na ausência do pronome expresso, característica típica de línguas de sujeito nulo como o português (Duarte, 1995; Kato, 2000). Assim Duarte (1995), sustenta que a perda do princípio “Evite Pronome” tem como razão a redução do paradigma pronominal, tendo como efeito a perda da segunda pessoa direta, que é os pronomes *tu* e *vós*, e sua substituição pela segunda pessoa indireta, o *você*, que usa a morfologia de terceira pessoa, como causa principal da perda do sujeito nulo. Essas contribuições apesar de voltadas para o português brasileiro, ajudam a compreender o efeito da variável linguística tipo de sujeito no português angolano. Já *você*, historicamente derivado da forma nominal *Vossa Mercê*, mantém

concordância preferencialmente de terceira pessoa, o que tende a favorecer o preenchimento do sujeito como estratégia de explicitação referencial (Cintra, 1986; Faraco, 1996).

Para além disso, é necessário considerar os fatores sociopragmático e o contato linguísticos destacados por Inverno (2018), os quais apontam para a coexistência de padrões distintos no sistema pronominal: de um lado, o uso de *tu* associado a estruturas mais conservadoras de sujeito nulo; de outro, a expansão de *você* vinculada ao preenchimento do sujeito.

Faixa etária

Tabela 03: Uso de *tu**você* de acordo com a faixa etária

Faixa etária	Você		Tu		Total
	Aplicação	Porcentagem	Aplicação	Porcentagem	
jovem	100	71.4%	40	28.6%	140
meia idade	114	91.9%	10	8.1%	124
idoso	63	98.4%	1	1.6%	64
Total	277	84.5%	51	15.5%	328

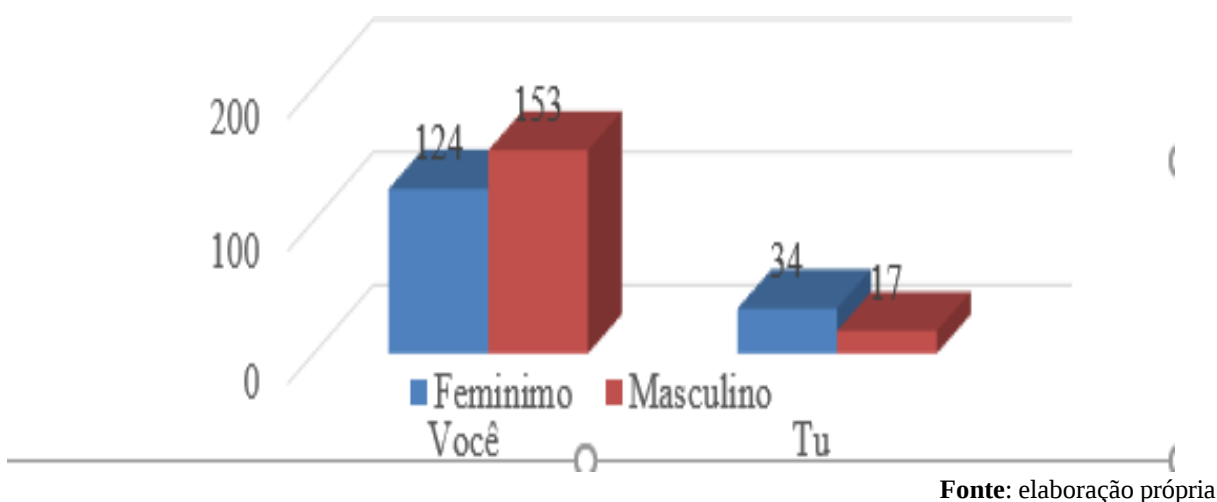
Fonte: elaboração própria

A variável social **faixa etária** foi controlada com o objetivo de verificar possíveis efeitos geracionais na escolha entre os pronomes *tu* e *você* no português falado em Angola. Para tanto, os informantes foram agrupados em três faixas: **jovens (j)**, **meia-idade (m)** e **idosos (i)**. A Tabela X apresenta a distribuição das variantes em função dessa variável, conforme os resultados gerados pelo Goldvarb X. Vale ressaltar que as faixas etárias utilizadas nesta investigação constituem uma designação dos corpora analisados, pertencentes ao acervo do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”. Assim, os jovens situam-se na faixa de 20 a 35 anos, com média de 28 anos; os informantes de meia-idade correspondem à faixa de 36 a 51 anos, com média de 43 anos; e os idosos compreendem os informantes com 52 anos ou mais, com média de 58 anos.

Os dados revelam que o pronome *você* é majoritário em todas as faixas etárias, porém com graus distintos de predominância, o que indica um efeito claro da variável etária na variação pronominal. Entre os jovens, dos 140 casos analisados, *você* ocorre em 100 casos (71,4%), enquanto *tu* aparece em 40 ocorrências (28,6%), configurando a faixa etária com maior produtividade relativa de *tu* no corpus. Na faixa de meia-idade, observa-se um aumento expressivo do uso de *você*, que atinge 114 ocorrências (91,9%) em um total de 124 dados, ao passo que *tu* se restringe a apenas 10 casos (8,1%). Esse padrão se intensifica ainda mais entre os idosos, grupo no qual *você* é praticamente categórico, com 63 ocorrências (98,4%), enquanto *tu* aparece de forma residual, com apenas um registro (1,6%). Esses resultados mostram-se semelhantes aos achados de Pitombo Teixeira (2008) quando o *você* é frequente como tratamento íntimo e fatalmente não há mudança em curso, que aconteceria se os indivíduos adultos preferissem formas antigas e, os mais jovens, formas novas; diferentemente do que se vê: o predomínio significativo do *você* nas três faixas etárias. Essa situação leva a crê que há uma variação estável (Naro, 2008), tendo em vista ainda que se presencie o uso majoritário do *você* em detrimento do *tu*, pronome da norma culta portuguesa, não há uma mudança linguística em progresso, ou seja, o pronome *tu* não foi substituído pelo *você*. Esses dados apresentam contrariamente as conclusões de Scherre e Naro (1998) ao postularem que as pessoas mais pressionadas pela idade que são sobretudo os jovens e, os de meia idade, por serem públicos profissionalmente produtivos, usam as formas de prestígio. O que não acontece de forma expressiva nos resultados desta pesquisa na variável sexo.

Sexo

Tabela 04: Uso do tu\ você de acordo com a variável sexo



A variável social **sexo** foi incluída na análise com o objetivo de verificar se diferenças socioculturais associadas a falantes do sexo feminino e masculino influenciam a escolha entre os pronomes *tu* e *você* no português falado em Angola. Na codificação dos dados, os informantes foram classificados como **feminino (f)** e **masculino (z)**. A Tabela X apresenta a distribuição das variantes pronominais segundo essa variável, conforme os resultados gerados pelo Goldvarb X. Os dados indicam que o pronome *você* é majoritário em ambos os grupos, embora com frequências distintas. Entre as falantes do sexo feminino, dos 158 registros analisados, *você* ocorre em 124 casos (78,5%), enquanto *tu* aparece em 34 ocorrências (21,5%). Já entre os falantes do sexo masculino, observa-se uma predominância ainda mais acentuada de *você*, que totaliza 153 ocorrências (90%), ao passo que *tu* registra apenas 17 casos (10%), em um total de 170 dados.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], sempre reconheceram fatores externos como fundamentais na compreensão dos fenômenos variáveis, sendo responsáveis pela variação e mudança linguística. Labov (2001) considera relevante a variável sexo a ponto de sua codificação ser importante na busca do entendimento do papel gênero (abordagem sociocultural). O autor assevera que a variável sexo apresenta efeitos sistemáticos na variação linguística, uma vez que mulheres tendem a empregar com maior frequência formas associadas ao prestígio, enquanto homens recorrem mais a variantes não padrão em estilos menos monitorados: “As mulheres demonstram maior sensibilidade do que os homens ao prestígio

associado às formas linguísticas padrão.”, Labov, 2001, p. 266. Esses princípios permitem interpretar a maior frequência relativa de *tu* na fala feminina como associada a valores pragmáticos de proximidade e solidariedade, enquanto a maior adesão masculina a *você* pode ser compreendida como alinhamento à variante socialmente estabilizada no português falado em Angola.

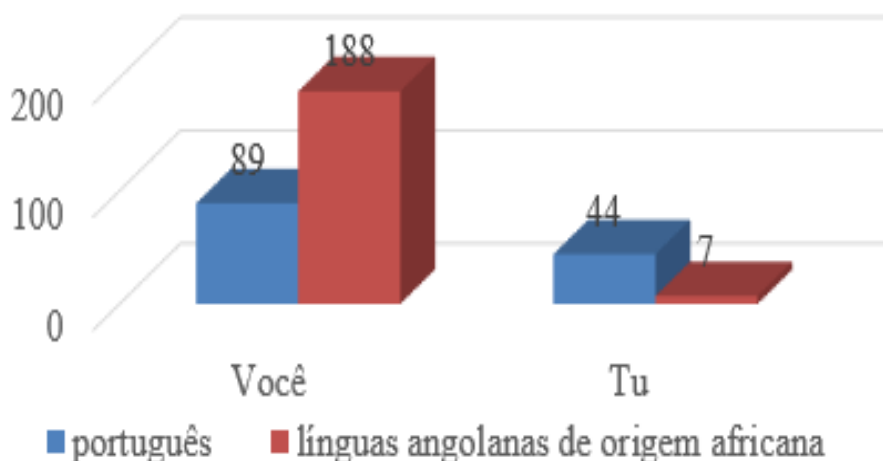
Do ponto de vista da sociolinguística, dizer que a variável sexo exerce um efeito relevante, ainda que não categórico, significa afirmar que homens e mulheres tendem a usar a língua de maneira diferente, mas que essa diferença não é absoluta. Em outras palavras, o sexo do falante influencia a escolha entre *tu* e *você*, porém não determina sozinho qual forma será utilizada, já que outros fatores linguísticos e sociais também atuam simultaneamente (Labov, 1972; Labov, 2001). Assim como afirmou Cintra (2016) e Naege (2021), herdado do português europeu, o pronome *tu* funciona como forma de tratamento que indica proximidade e intimidade, favorecida em interações marcadas por maior expressividade e menor distanciamento social. Assim, quando as falantes recorrem mais a *tu*, isso pode refletir estratégias discursivas de aproximação do interlocutor, e não necessariamente um afastamento da norma ou uma escolha aleatória. Portanto, a associação entre mulheres e maior uso de *tu* no português falado em Angola pode ser compreendida como resultado de padrões sociopragmáticos de interação, nos quais o gênero influencia a forma como os falantes constroem relações de solidariedade e proximidade por meio da linguagem, ainda que esse fator atue em conjunto com outras variáveis, como faixa etária, tipo de interação e contexto discursivo.

Nesse estudo, assim como em muitos de caráter sociolinguístico busca-se testar a hipótese Laboviana (Labov, 1990) de que as mulheres tendem a potencializar os processos de mudança linguística, sendo assim consideradas inovadoras. As evidências mostram que o público feminino apesar de utilizar menos o *você* que os homens, mostra-se adepto a forma considerada inovadora, a forma “não-padrão”, o que Labov (1990), chama de paradoxo do gênero. Em relação ao *tu*, as mulheres corroboram a hipótese de Labov (1990): as mulheres tendem a usar as formas que refletem a norma padrão, desviando-se das variantes estigmatizadas. É possível então presumir que as mulheres ao utilizarem mais que o homem o pronome canônico, o realizam com concordância verbal. Nas palavras de Paredes Silva (1996), sobre o emprego da variável *tu* e *você* na variedade carioca do PB falado, as mulheres não

preferem a exposição de uma construção sintática rechaçada pela norma gramatical: o emprego do *tu* sem concordância verbal.

Língua materna

Gráfico 02: Tu\ você de acordo com a língua materna



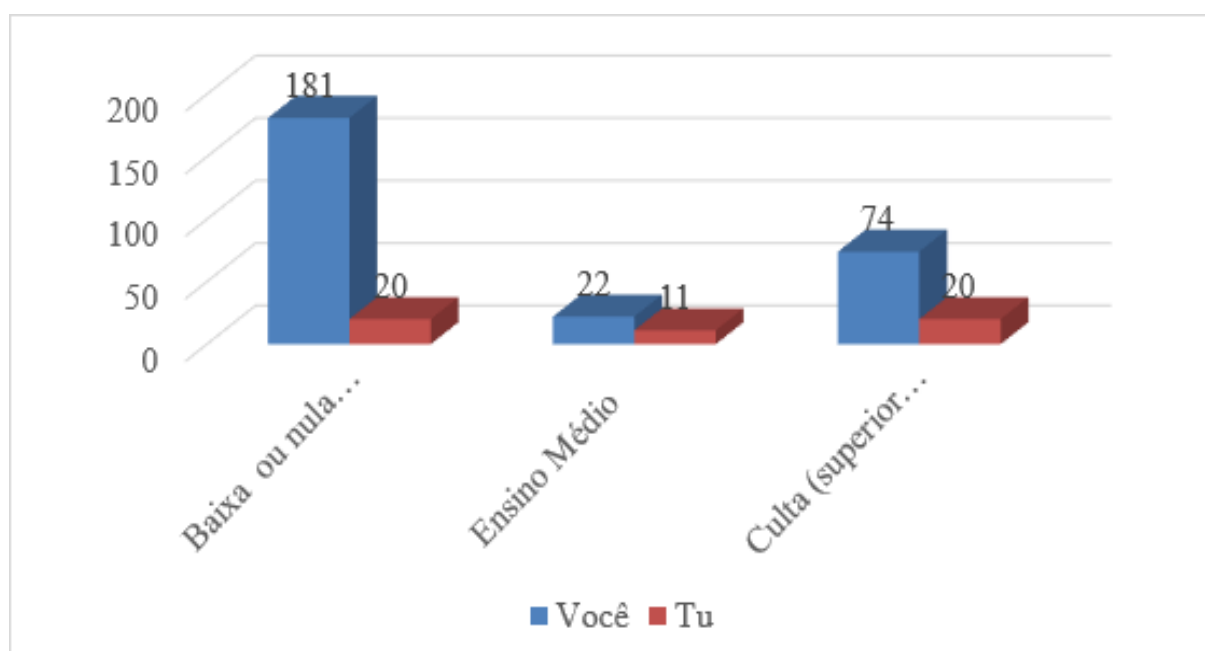
Fonte: elaboração própria

A variável social **língua materna** foi controlada com o objetivo de verificar a influência dos falantes na escolha entre os pronomes *tu* e *você* no português falado em Angola. Os informantes foram classificados em dois grupos: falantes com português como língua materna (P) e falantes cuja língua materna corresponde a línguas angolanas de origem africana (V). A Tabela X apresenta a distribuição das variantes pronominais segundo essa variável, com base nos resultados gerados pelo Goldvarb X. Os resultados revelam diferenças expressivas entre os dois grupos. Entre os falantes com português como língua materna, dos 133 casos analisados, *você* ocorre em 89 dados (66,9%), enquanto *tu* aparece em 44 ocorrências (33,1%). Esses dados indicam que, embora *você* seja majoritário, *tu* mantém uma presença significativa nesse grupo, sugerindo maior vitalidade dessa forma pronominal entre falantes que adquiriram o português como primeira língua. Em contraste, entre os falantes cuja língua materna é uma língua angolana de origem africana, observa-se um comportamento fortemente assimétrico. Dos 195 registros analisados, *você* ocorre em 188 casos (96,4%), enquanto *tu* registra apenas 7 ocorrências (3,6%), configurando um uso praticamente categórico de *você* nesse grupo.

De acordo com o Recenseamento Geral da População e Habitação de 2024 e, já mostrado na seção anterior, em Angola, 45% da população tem como língua materna o português seguindo do Umbundu (17,1%), e o kimbundu, com 10,8%. Diante desse fato, observa-se que o *tu* é mais falado com informantes de português como língua materna que o *tu* correspondente às línguas angolanas de origem africana, o que sugere pensar que no primeiro caso, à luz de Inverno (2018), *tu*, por ser pronome canônico de origem portuguesa e seja uma forma que pede marcação de concordância. Por outro lado, *você* apresenta concordância verbal de terceira pessoa, o que pode favorecer sua aquisição e uso por falantes que aprendem o português como segunda língua, uma vez que reduz a complexidade morfológica associada às formas verbais de segunda pessoa (*tu falas, tu vais*), frequentemente menos produtivas ou inconsistentes no português contemporâneo.

Escolaridade

Gráfico 03: Uso do *tu**você* de acordo com a escolaridade



Fonte: elaboração própria

Os informantes foram agrupados em três níveis: **baixa ou nula escolaridade (b)**, **ensino médio (M)** e **escolaridade culta (s)**, correspondente ao ensino superior completo ou incompleto. Os resultados mostram que o pronome *você* é majoritário em todos os níveis de escolaridade, porém com comportamentos distintos entre os grupos. Entre os falantes com baixa ou nula escolaridade, dos 201 dados analisados, *você* ocorre em 181 casos (90%), enquanto *tu* se manifesta em apenas 20 ocorrências (10%). Esse padrão indica uma forte preferência por

você nesse grupo, sugerindo que essa forma se apresenta como a variante mais funcional e generalizada no uso cotidiano. No grupo com ensino médio, observa-se um comportamento mais equilibrado. Dos 33 casos analisados, *você* ocorre em 22 casos (66,7%), enquanto *tu* se revela em 11 ocorrências (33,3%). Trata-se do nível de escolaridade em que *tu* apresenta sua maior frequência relativa, o que indica maior variabilidade pronominal nesse grupo. Entre os falantes com escolaridade culta, *você* mantém-se como variante majoritária, com 74 ocorrências (78,7%) em um total de 94 dados, enquanto *tu* surge em 20 registros (21,3%). Embora *você* predomine, a presença de *tu* nesse grupo sugere que essa forma não está ausente dos usos de falantes com maior escolarização, mas assume valores pragmáticos específicos.

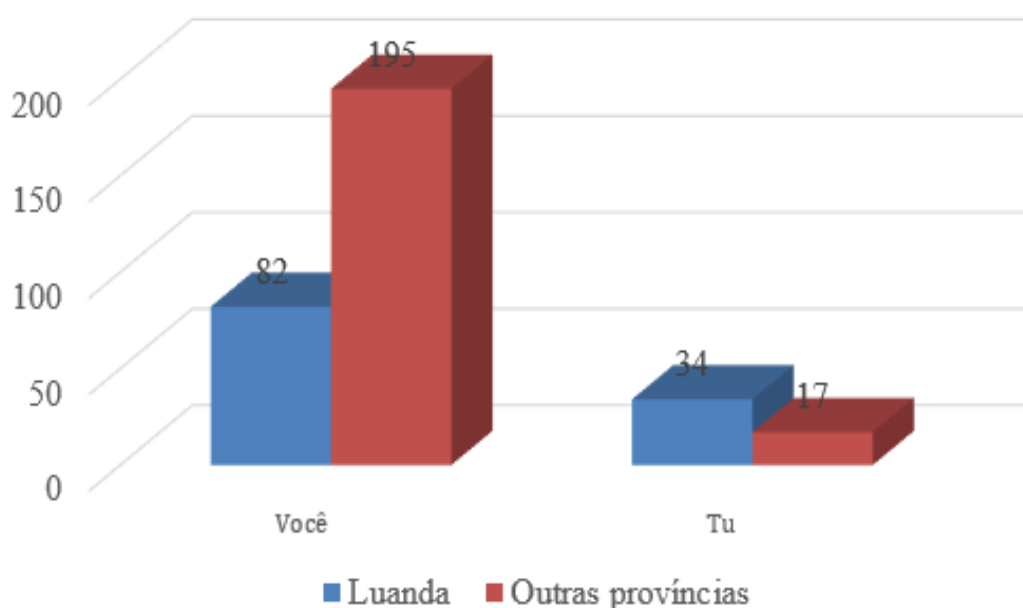
Estudos variacionistas no Brasil têm mostrado que a escolaridade exerce papel significativo na variação linguística. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.48), os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou influenciam no repertório sociolinguístico. Além disso, a autora afirma que esses fatores estão ligados a categoria socioeconômico, na sociedade brasileira. Outro trabalho que merece destaque é o realizado por (Paiva; Scherre, 1999) que ao mostrarem os efeitos da escolaridade nas investigações do PEUL, no Rio de Janeiro, pontua que essa variável suplanta as demais moldando a heterogeneidade linguística no uso do português carioca. Assim, afirma que os falantes mais escolarizados (com 2º grau) apresentam maior presença de marca de plural em todos os elementos do SN. Ademais, as especialistas refletem a possibilidade da influência da variável escolaridade refletir a ação da variável classe social. Segundo as autoras, se realmente essa hipótese acontecer, haverá consequências negativas, como a exclusão de indivíduos que não possuem determinadas variantes linguísticas. Nesse sentido, no português angolano, diante do predomínio do *você*, especialmente, a forma não marcada e amplamente difundida no português contemporâneo deve-se ter um cuidado para não promover o preconceito linguístico, com isso, é necessário que reconheçam essa variedade como legítima. A língua do falante angolano precisa atender suas vivências e realidade sociocultural (Balsalobre; Kanusse, 2020).

O comportamento do grupo com ensino médio, no qual *tu* atinge maior frequência, pode levantar hipóteses de ser uma fase de maior exposição a normas escolares e, ao mesmo tempo, de intensa circulação em redes sociais locais, o que favorece a coexistência de formas pronominais distintas. Já entre os falantes com escolaridade culta, a manutenção de *você* como variante preferencial está alinhada ao seu uso consolidado em registros institucionais e formais,

ainda que *tu* possa emergir em contextos discursivos específicos, associados à proximidade e à solidariedade.

Local de nascimento

Gráfico 04: Uso do tu\ você de acordo com local de nascimento



Fonte: elaboração própria

A variável social **local de nascimento** foi controlada com o objetivo de verificar se a origem geográfica dos falantes exerce influência na escolha entre os pronomes *tu* e *você* no português falado em Angola. Assim, os informantes foram agrupados em dois conjuntos: nascidos em Luanda (l) e nascidos em outras províncias do país (t). A Tabela X apresenta a distribuição das variantes pronominais segundo essa variável, com base nos resultados gerados pelo Goldvarb X. Os resultados evidenciam diferenças significativas entre os dois grupos. Entre os falantes nascidos em Luanda, dos 116 casos analisados, *você* ocorre em 82 casos (70,7%), enquanto *tu* aparece em 34 ocorrências (29,3%). Trata-se do grupo no qual *tu* apresenta maior frequência relativa, indicando maior variabilidade pronominal no espaço urbano da capital. Em contraste, entre os falantes nascidos em outras províncias, observa-se uma predominância expressiva de *você*. Dos 212 registros analisados, essa variante ocorre em 195 casos (92%), ao passo que *tu* se restringe a apenas 17 ocorrências (8%). Esse comportamento aponta para um uso quase categórico de *você* nesse grupo.

Do ponto de vista sociolinguístico, esses resultados sugerem que a variável local de nascimento exerce um efeito relevante sobre a variação *tu/você* no português falado em Angola. A maior frequência relativa de *tu* entre falantes nascidos em Luanda pode ser interpretada como reflexo das dinâmicas sociolinguísticas próprias de grandes centros urbanos, caracterizados por maior densidade populacional, diversidade de redes sociais e maior circulação de estilos linguísticos (Labov, 1972). Luanda, enquanto capital do país, concentra falantes com diferentes origens regionais e níveis de escolaridade, além de apresentar maior exposição a práticas linguísticas variadas, tanto locais quanto suprarregionais. Esse contexto urbano tende a favorecer a coexistência e a experimentação de formas pronominais distintas, o que pode explicar a maior vitalidade relativa de *tu* nesse grupo.

Por outro lado, a predominância quase absoluta de *você* entre falantes nascidos em outras províncias pode estar relacionada ao contato linguístico mais intenso com línguas angolanas de origem africana, especialmente em contextos em que o português é adquirido como segunda língua. Nesses cenários, *você* se configura como uma forma pronominal mais neutra e funcionalmente acessível, favorecida por sua concordância verbal de terceira pessoa e por seu uso generalizado em diferentes contextos comunicativos (Cintra, 1986; Inverno, 2018; Naro; Scherre, 2007).

8.2 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS E TERMINOLOGIA DA ANÁLISE VARIACIONISTA

A descrição e a interpretação dos resultados apresentados nas rodadas do GoldVarb X fundamentam-se no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, cujo desenvolvimento está diretamente associado aos trabalhos pioneiros de Sankoff e Labov (1979), bem como às sistematizações posteriores propostas por Guy (1988) e Tagliamonte (2006). Esses autores defendem que a variação linguística não é aleatória, mas organizada por meio de regras variáveis, cujos efeitos podem ser modelados estatisticamente a partir da análise conjunta de fatores linguísticos e sociais.

Após a análise das rodadas realizadas, apresenta-se a seguir a melhor rodada selecionada pelo programa que é a 27. Para Tagliamonte (2006), a melhor rodada do procedimento *stepping-*

up é registrada ao final da análise *stepping-up* e novamente quando a regressão é concluída, juntamente com a melhor rodada do procedimento *stepping-down*. O programa implementa um modelo de regressão logística baseado na noção de regra variável. Nesse procedimento, o ajuste do modelo aos dados ocorre por meio de uma análise *step-up/step-down*, isto é, um processo passo a passo de regressão múltipla. Conforme descreve Tagliamonte (2006), inicialmente o programa executa a regressão no modo *step-up*, no qual os grupos de fatores são progressivamente incluídos no modelo; em seguida, realiza-se o procedimento *step-down*, em que os grupos menos relevantes são progressivamente retirados. O primeiro passo desse ajuste consiste em identificar o grupo de fatores que provoca a mudança mais significativa no modelo quando é acrescentado ou subtraído em relação aos demais, sendo todos os grupos testados com o objetivo de determinar qual deles aumenta de forma mais significativa a verossimilhança do modelo (Tagliamonte, 2006).

Uma vez definida a melhor rodada, a interpretação dos resultados baseia-se nos pesos relativos atribuídos a cada fator. Conforme esclarece Tagliamonte (2006), esses pesos variam entre 0 e 1: valores mais próximos de 1 indicam que o fator favorece a aplicação da regra, enquanto valores mais próximos de 0 indicam que o fator a desfavorece. No entanto, a autora ressalta que a leitura dos pesos não deve apoiar-se exclusivamente no ponto de corte de 0,50. Embora valores acima de 0,50 sejam frequentemente interpretados como favorecedores e valores abaixo como desfavorecedores, o critério mais adequado para a interpretação dos resultados é a posição relativa dos pesos dos fatores entre si, o que permite compreender de forma mais precisa o efeito de cada contexto no condicionamento da variação.

Em relação ao knock-out, o autor defende que significa simplesmente que há um valor de 0% ou de 100% em uma das células da análise. Não é possível realizar uma análise por regra variável quando ocorre qualquer um desses casos, pois isso indica que os dados, tal como estão configurados, não apresentam variabilidade. Na maioria dos casos, os *knockouts* podem ser tratados por meio de sua remoção ou por meio de uma recodificação, feita de maneira linguisticamente fundamentada. Vale destacar que nas rodagens dos dados desta pesquisa, não houve presença de casos categóricos de *Knockouts*, uma vez que se houvesse, seria aqui informado, já que fornecem uma informação linguística importante (Oliveira, 2014).

8.2.1 ANÁLISE RODADA 27 (*Best stepping up run: #27*)

A rodada 27 apresenta **input de 0,961**, o que indica uma probabilidade geral bastante elevada de aplicação da variante analisada no corpus. Esse valor sugere que, de modo global, a variante é fortemente favorecida no conjunto dos dados, sendo os grupos de fatores responsáveis por modular essa tendência geral por meio de efeitos de favorecimento ou desfavorecimento relativos (Tagliamonte, 2006).

INTERPRETAÇÃO DOS GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS

De acordo com a ordem dos Grupos selecionados durante o procedimento *stepping-up*, apresenta-se os grupos de fatores selecionados: Groups selected while stepping up: 5 2 6 3 4 1.

RUN MODELO: RUN # 27 • Input = 0.961

Best stepping up run: #27

Grupo 5 (6) - Língua materna

P – Português

V – Línguas angolanas de origem africana

Tabela 05: Língua materna

FATOR	PESO RELATIVO	INTERPRETAÇÃO
P	0.208	Forte desfavorecimento
V	0.714	Forte favorecimento

Fonte: elaboração própria

V é um dos fatores mais fortes de todo o modelo.

O **Grupo 5** foi o primeiro a ser selecionado pelo procedimento *stepping-up*, o que indica que se trata de um dos grupos mais relevantes do modelo. Observa-se que o fator **V** apresenta peso relativo de **0,714**, configurando um **forte favorecimento** da variante, ao passo que o fator **P** apresenta peso de **0,208**, indicando **forte desfavorecimento**. O peso elevado atribuído a **V** posiciona esse fator entre os mais fortes de toda a rodada, evidenciando seu papel central no condicionamento da variação

Grupo 2(3) - tipo de sujeito

p - sujeito pleno – preenchimento com pronome

0 – sujeito nulo

Tabela 06: Tipo de sujeito

FATOR	PESO RELATIVO	INTERPRETAÇÃO
p	0.542	Favorecimento moderado
0	0.158	Forte desfavorecimento

Fonte: elaboração própria

O fator 0 atua como forte restrição à variante.

No **Grupo 2**, o fator **p** apresenta peso relativo de **0,542**, caracterizando um favorecimento moderado, enquanto o fator **0** apresenta peso de apenas **0,158**, atuando como forte restrição à ocorrência da variante. Essa assimetria interna ao grupo indica que a presença do fator **0** limita de maneira significativa a aplicação da regra variável.

Grupo 6(7) – Escolaridade

b- Baixa ou nula

M- Ensino Médio

s - Culta (superior completo/incompleto)

Tabela 07: Escolaridade

FATOR	PESO RELATIVO	INTERPRETAÇÃO
b	0.676	Favorece
M	0.082	Bloqueio quase total
s	0.327	Desfavorece

Fonte: elaboração própria

O fator **M** apresenta peso extremamente baixo, indicando forte restrição estrutural.

O **Grupo 6** revela forte assimetria entre seus fatores. O fator **b** apresenta peso relativo de **0,676**, favorecendo a variante, enquanto **s** apresenta peso de **0,327**, desfavorecendo-a. Destaca-se, contudo, o fator **M**, cujo peso extremamente baixo (**0,082**) indica um **bloqueio quase total da aplicação da regra**, sugerindo a presença de uma restrição estrutural relevante no sistema linguístico analisado.

Grupo 3(4) - Faixa etária

j- jovem

m- meia-idade

i – idoso

Tabela 08: Faixa etária

FATOR	PESO RELATIVO	INTERPRETAÇÃO
j	0.298	Forte desfavorecimento
m	0.552	Favorecimento
i	0.814	Favorecimento muito forte

Fonte: elaboração própria

Há um gradiente claro de favorecimento, com **i** como o fator mais favorável do grupo.

No **Grupo 3**, observa-se um **gradiente claro de favorecimento**, típico de variáveis ordenadas. O fator **j** apresenta peso de **0,298**, configurando forte desfavorecimento, enquanto **m** apresenta favorecimento moderado (**0,552**) e **i** apresenta peso elevado (**0,814**), sendo o fator mais favorável do grupo. Esse padrão gradual sugere que a variável atua de forma escalonada no condicionamento da variante

Grupo 4 (5) Sexo

f- feminino

z – masculino

Tabela 09: Sexo

FATOR	PESO RELATIVO	INTERPRETAÇÃO
f	0.345	Desfavorece
z	0.644	Favorece

Fonte: elaboração própria

O fator z favorece claramente a ocorrência da variante.

O **Grupo 4** apresenta oposição clara entre seus fatores. O fator **z**, com peso relativo de **0,644**, favorece a ocorrência da variante, ao passo que **f**, com peso de **0,345**, a desfavorece. Tal distribuição reforça o papel diferenciador desse grupo no modelo estatístico.

Grupo 1 (2) Concordância verbal

c – concordância entre sujeito e verbo

n – não concordância entre sujeito e verbo

Tabela 10: Concordância verbal

FATOR	PESO RELATIVO	INTERPRETAÇÃO
n	0.820	Favorece fortemente
c	0.458	Desfavorece levemente

Fonte: elaboração própria

O fator n aumenta significativamente a probabilidade da variante.

Por fim, no **Grupo 1**, o fator **n** apresenta peso relativo de **0,820**, caracterizando **forte favorecimento**, enquanto o fator **c** apresenta peso de **0,458**, configurando leve desfavorecimento. Esses resultados indicam que o fator **n** aumenta significativamente a probabilidade de aplicação da variante, atuando de forma consistente no modelo.

Por outro lado, no procedimento de regressão logística realizado no GoldVarb X, o **Grupo 7 (local de nascimento)** foi eliminado na etapa de **stepping-down**, após os testes de permanência no modelo. Essa eliminação indica que, quando considerado em conjunto com os demais grupos selecionados, o fator **local de nascimento** não apresentou efeito significativo sobre a aplicação da variante analisada. A exclusão da variável “local de nascimento” durante o procedimento *stepping-down* pode indicar que seu efeito é secundário ou mediado por outras variáveis sociais mais relevantes no modelo, fenômeno recorrente em análises multivariadas (Tagliamonte, 2006; Naro; Scherre, 2007).

8.3 ANÁLISE DE EXEMPLOS DO CORPUS

Concordância verbal

O comportamento evidenciado pelos pronomes *tu/você* pode ser ilustrado a partir dos exemplos a seguir:

Ex. (03): “se *você* não pegar mesmo pra ir...” (inf: F, 22 anos, Luanda).

Ex. (04): “Por que, por que *você* criando um filho” (inf: F, 22 anos, Luanda).

Ex. (05): “Quais são os lugares lá no Muxicu que *tu* conhece?” (inf: F, 22 anos, Luanda).

Ex. (06): “mandam *tu* descer” (inf: M, 43 anos, Luanda).

Ex. (07): “Se *tu* não educares ou se” (inf: M, 32 alunos, Luanda).

Os exemplos (03) e (04) ilustram o emprego recorrente do pronome *você* por uma informante jovem (22 anos), residente em Luanda. Observa-se que o pronome ocorre em contextos discursivos distintos, mas mantém-se como forma preferencial de referência à segunda pessoa do singular. Esse comportamento sugere que, entre falantes jovens do meio urbano luandense, *você* tende a funcionar como pronome não marcado de tratamento, independentemente do tipo de construção sintática ou do conteúdo pragmático do enunciado. Tais dados corroboram a hipótese de expansão do uso de *você* em detrimento de *tu*, já apontada por estudos sobre variedades urbanas do português (Pitombo, 2008; Balsalobre, 2015; Naege, 2021).

Um fato interessante que corrobora com os resultados acima foi destacado por Mingas (2000, p.73): “...à ausência de acordo entre o pronome em função de sujeito e o predicado”. A autora destaca que essa particularidade acontece no kimbundu² em função de só existir uma única forma verbal para todas as pessoas. A nível de compreensão veja o exemplo dado por Mingas (2000, p. 73) para o verbo comer no presente e pretérito de indicativo e em seguida retoma-se a discussão:

Quadro 05: A (não) concordância verbal no quimbundo

kimbundu	Língua Portuguesa
Presente	
eme ngidya	Eu como
eye udyá	Tu comes
mwene udyá	Ele come
etu tudyá	Nós comemos
Pretérito do indicativo	
eme ngadyá	Eu comi
eye wadyá	Tu comeste
mwene wadye	Ele comeu

Fonte: Mingas (2000)

² De acordo com o Recenseamento Geral da População Angolana de 2024, é a segunda língua angolana- depois do Umbundu- de origem africana mais falada no território, com 10,8% de falantes.

Os morfemas **ng-** e **u-** marcam a função de sujeito dos pronomes pessoais; **-i-** e **-a-** são morfemas de presente e pretérito, respectivamente. Por outro lado, nota-se que as formas verbais da segunda e terceira pessoas em kimbundu são formalmente idênticas (Mingas, 2000). Assim, de acordo com as conclusões de Mingas (2000) e Pitombo Teixeira (2008), no Brasil, é mais usual o *tu* com verbo na terceira pessoa, ao passo em Angola os falantes de baixa ou nula escolaridade costumam usar com frequência o pronome *você* com a desinência verbal da segunda pessoa, como mostram abaixo os exemplos retirados dos corpora analisados nesta pesquisa.

Ex. (08): “Não, *você* não podes gostar de me porque” (inf. F, 28 anos, Luanda).

Ex. (09): “*você* já tens sua namorada” (inf. F, 28 anos, Luanda).

Ex. (10): “Como *você* podes a falar dela” (inf. F, 28 anos, Luanda).

Por outro lado, na visão da referida autora, não existe no kimbundu, uma forma de tratamento cerimonioso para a terceira pessoa do singular, como acontece no português de Portugal, levando o sujeito luandense a optar entre *tu* e *você*. Ademais, abaixo está representado alguns exemplos extraídos de Mingas (2000) para atestar a ausência de “acordo” que também está presente nos resultados desta investigação do mestrado. A autora compara frases do português falado em Luanda (PA) ao de Portugal (PE):

Quadro 06: Concordância no português de Luanda e português de Portugal

PORTUGUÊS DE LUANDA	PORTUGUÊS DE PORTUGAL
Eu sou mulher mas <i>você</i> não brincas comigo	Eu sou mulher mas <i>tu</i> não brincas comigo
<i>Você</i> tens estudos de quê?	Que estudos tem <i>você</i> tens <i>tu</i> ?
Esta maka passou no ano que <i>você</i> nasceste	Esta maka aconteceu no ano em que <i>tu</i> nasceste

Fonte: Mingas (2000)

Sobre a combinação do *você* com a forma verbal na segunda pessoa, como mostram os exemplos 8, 9 e 10, com o intuito de confirmar as conclusões acima, Pires (2022) afirma que essa frequência está intimamente ligada a escolarização e à língua materna do participante, o

que resulta a pensar que quanto mais escolarizado, menor é a probabilidade deste tipo de ocorrência, ainda que não se possa ignorar os 78.7% dos resultados dessa pesquisa de falantes do ensino superior que optaram pelo *você*.

O exemplo (05) evidencia o uso do pronome *tu* seguido de forma verbal na terceira pessoa do singular (*tu conhece*), configurando um caso de desalinhamento entre pronome e flexão verbal. Esse processo pode ser entendido como proveniente da instabilidade nos paradigmas verbais e pronominais no português discutido por Faraco (2007), que afirmou a generalização de expressões de referência ao interlocutor que deixavam de se combinar com a segunda pessoa verbal, passando a combinar com a terceira. Esse padrão está cada vez mais em uso no português angolano sobretudo na fala de jovens, o que mostra inovação para marcar talvez uma aproximação significativa que poderia não acontecer de forma plena com a forma canônica (*tu* como desinência de segunda pessoa). Tal comportamento aproxima-se do observado em variedades do português brasileiro, nas quais a concordância de segunda pessoa se encontra enfraquecida ou neutralizada.

No exemplo (06), o pronome *tu* não estabelece relação de concordância verbal, uma vez que ocorre como sujeito de um verbo no infinitivo, em construção do tipo *mandar* + *SN* + *infinitivo*. Nesse caso, observa-se o emprego do pronome *tu* na fala de um informante de meia-idade (43 anos), sugerindo que, embora *tu* ainda se mantenha em uso no português falado em Luanda, sua realização ocorre frequentemente dissociada da flexão verbal de segunda pessoa. Além disso, a presença de *tu* em fala de um informante mais velho pode indicar um padrão etário diferenciado, tendo em vista que nos resultados, mostrou-se que são os falantes mais jovens que utilizam o *tu*.

No exemplo (07), observa-se a construção canônica mostrando que nos resultados é realizada por 16.6% dos informantes, o que caracteriza o maior percentual da forma pronominal *tu*, indicando que mesmo com a forte predominância do *você*, *tu* com concordância possui recorrência expressiva principalmente com falantes luandenses do português como L1. Sua recorrência ainda se deve aos valores semânticos de +proximidade, +confiança, -afastamento que veicula (Naege, 2021).

Tipo de sujeito

Sobre a variável que observa a presença explícita ou implícita do sujeito, evidencia-se alguns exemplos representativos abaixo com a respectiva análise:

Ex. (11): “mas nunca vais considerar que fala bem o Português” (inf: M, 43 anos, Luanda)

Ex. (12): “você não tem namorada” (inf: F, 22 anos, Luanda)

Ex. (13): “vem fazer o pedido” (inf: F, 28 anos, Luanda)

Ex. (14): “você que estais a falar, tá tudo muito bem” (inf: F, 28 anos, Luanda)

O exemplo (11) ilustra o uso do pronome implícito *tu*, associado à flexão verbal canônica de segunda pessoa do singular (*vais*). Esse padrão, observado na fala de um informante de meia-idade, evidencia a permanência de traços conservadores do sistema pronominal no português falado em Luanda. Tal comportamento sugere que, embora a forma *você* venha se expandindo, o paradigma tradicional de *tu* + 2ª pessoa verbal ainda se mantém produtivo em determinados perfis etários, corroborando a hipótese de coexistência de variantes em um sistema linguístico em variação (Labov, 2008).

Além disso, Balsalobre (2015), em seus dados sobre a realização pronominal em Angola e Moçambique, apresenta que em aquele, a ausência de pronome é mais produtiva com 79,1% do que 20,9% que corresponde a presença de pronome. A autora dentro dessa categoria de realização ainda investigou a ausência de acordo com o tipo de pessoa, chegando à seguinte conclusão: ausência de pronome + desinência verbal de 3ª pessoa, tem-se 60%; já ausência de pronome + desinência verbal de 2ª pessoa, há 19,1%. Desse modo, o primeiro resultado é muito recorrente no território e se assemelha com os dados desta pesquisa, em que se observou muitas construções assim. Balsalobre (2015) explica que, nas variedades angolana e moçambicana do português, o sistema linguístico apresenta uma morfologia flexional verbal mais produtiva, ou seja, as terminações dos verbos indicam de forma clara a pessoa do discurso (1ª, 2ª ou 3ª pessoa). Por causa disso, não é sempre necessário expressar o sujeito por meio de pronomes (como *eu*, *tu*, *você*), já que a informação sobre quem realiza a ação pode ser recuperada apenas pela forma verbal. Trata-se, portanto, de um sistema em que o **sujeito nulo** é mais frequente e funcional. A especialista destaca que as dicotomias formal *versus* informal e poder *versus* solidariedade justificam escolhas entre diferentes formas verbais e pronominais. Nesse sentido,

em contextos formais ou hierárquicos, tende-se a usar: **ausência de pronome**, com verbo na 3ª **pessoa**, ou formas de tratamento como *o senhor / a senhora*. Já em contextos informais ou de maior proximidade, observa-se a ausência de pronome, mas com verbo na 2ª pessoa, ou uso explícito dos pronomes tu e você.

Ex. (12): “você não tem namorada” (inf: F, 22 anos, Luanda)

No exemplo (10), observa-se o emprego do pronome *você* com verbo na terceira pessoa do singular (*tem*), configuração amplamente atestada na fala de uma informante jovem. Esse uso reforça a interpretação de *você* como forma não marcada de referência à segunda pessoa no português falado em Luanda, sobretudo entre falantes mais jovens. Tal padrão aproxima-se do observado em variedades urbanas do português brasileiro, nas quais *você* assume estatuto predominante no sistema pronominal (Lopes, 2004; Faraco, 2017).

Ex. (13): “vem fazer o pedido” (inf: F, 28 anos, Luanda)

O exemplo (11) ilustra o uso implícito *você* associado à flexão verbal de segunda pessoa do singular (*vem*), o que geralmente é comum no português luandense por ser uma forma não marcada, ou seja, forma mais comum e usada em muitos contextos discursivos. Como já salientado, nas palavras de Balsalobre (2015), essa construção é recorrente em contextos informais ou de maior proximidade.

Ex. (14): “você que estais a falar, tá tudo muito bem” (inf: F, 28 anos, Luanda)

Esse exemplo evidencia o uso do pronome *você* ocorre associado à flexão verbal de segunda pessoa do singular (*estais*). Esse tipo de combinação aponta para um processo de instabilidade e reanálise do sistema de concordância, no qual pronomes e marcas verbais passam a circular de forma não alinhada. De acordo com Naro e Scherre (2007), Tal fenômeno é interpretado pela sociolinguística variacionista como resultado de regras variáveis em competição, e não como desvio ou erro linguístico.

Faixa etária

Os dados do Goldvarb X indicam que a variável etária exerce forte influência na escolha pronominal, com aumento progressivo do uso de **você** à medida que se avança nas faixas etárias. Entre os jovens, o pronome *você* apresenta 71,4% das ocorrências; entre os falantes de meia-idade, esse percentual sobe para 91,9%; e entre os idosos, atinge 98,4%, evidenciando uma distribuição claramente estratificada por idade. A seguir, seguem alguns exemplos que ilustram esses resultados:

Ex. (15): “você consegue ir numa discoteca agora já não tem mais isso” (inf: F, 28 anos, Luanda)

O exemplo (13), produzido por uma informante jovem, evidencia o uso do pronome *você* com flexão verbal de terceira pessoa (*consegue*), padrão amplamente atestado nessa faixa etária. Embora o grupo jovem ainda apresente alguma concorrência com *tu* (28,6%), conforme indicam os dados do Goldvarb X, observa-se que *você* já se configura como a forma majoritária, o que sugere um processo de mudança linguística em curso, liderado pelos falantes mais jovens.

Ex. (16): “vais colher violência” (inf: M, 32 anos, Luanda).

O exemplo (14) revela o emprego de uma forma verbal canônica de segunda pessoa (*vais*), associada ao pronome *tu* implícito, na fala de um informante jovem-adulto. Esse dado confirma que, apesar da predominância de *você* entre os jovens, ainda se observa a manutenção de traços conservadores do sistema pronominal.

Ex. (17): “você já se sente uma... a satisfação” (inf: M, 55 anos, Luanda).

No exemplo (15), observa-se o uso categórico do pronome *você* na fala de um informante idoso. Esse comportamento está em total consonância com os dados quantitativos, que apontam 98,4% de ocorrências de *você* nessa faixa etária. O caráter praticamente categórico dessa forma entre os idosos sugere que *você* se encontra plenamente estabilizado como forma não marcada de referência à segunda pessoa no português falado em Luanda.

Ex. (18): “quando tens tem alguém” (inf: M, 43 anos, Luanda).

O exemplo (16) apresenta o uso da forma verbal *tens*, associada ao pronome *tu* implícito, na fala de um informante de meia-idade. Embora essa faixa etária apresente alta frequência de *você* (91,9%), os poucos casos de *tu* indicam que essa forma ainda permanece como uma variante escolhida pelo informante.

Sexo

Os resultados do Goldvarb X indicam que a variável sexo exerce influência relevante na escolha entre os pronomes *você* e *tu* no português falado em Luanda. Observa-se que os informantes do sexo masculino apresentam maior frequência de uso do pronome *você* (90%), em comparação às informantes do sexo feminino (78,5%). Em contrapartida, o pronome *tu* ocorre com maior incidência entre as mulheres (21,5%) do que entre os homens (10%).

Ex. (19): “*você* pode trazer e pra ser bem conhecida na frente de toda família” (inf. M, 56 anos, Kwanza- Norte)

No exemplo (19), observa-se o uso do pronome *você* com flexão verbal de terceira pessoa (*pode*), produzido por um informante do sexo masculino. Esse dado reflete o comportamento predominante desse grupo nos resultados quantitativos, nos quais os homens apresentam maior adesão ao uso de *você*. Tal padrão sugere que, entre os falantes masculinos, *você* encontra-se mais fortemente estabilizado como forma não marcada de referência à segunda pessoa.

Ex. (20): “vais levas tua mulher com o tempo quando vocês ter condições” (inf. F, 28 anos, Luanda)

O exemplo (20) evidencia o uso de uma forma verbal associada ao pronome *tu* (*vais*), produzida por uma informante do sexo feminino. Esse comportamento é coerente com os dados do Goldvarb X, que indicam maior frequência de *tu* entre as mulheres. A presença dessa variante pode ser interpretada como um indício de maior conservação de formas tradicionais ou de maior sensibilidade a normas locais de interação (Labov, 1972; Labov, 2001; Rumeu, 2013).

Ex. (21): “não podes mandar parar” (inf. M, 43 anos, Luanda)

Embora os dados quantitativos apontem menor frequência de *tu* entre os homens, o exemplo (21) demonstra que essa variante ainda ocorre na fala masculina. Esse dado confirma que a variação não é categórica, mas probabilística, e que mesmo grupos com forte preferência por uma variante podem empregar a forma concorrente em contextos específicos.

Ex. (22): “Quando *você* não está presente o grupo recolhe o fascículo” (inf. F, 48 anos, Luanda).

No exemplo (22), observa-se o uso do pronome *você* por uma informante do sexo feminino, o que demonstra que, embora as mulheres apresentem maior frequência de *tu*, *você* permanece amplamente produtivo nesse grupo. Esse comportamento reforça a ideia de que a variação pronominal não reflete escolhas individuais aleatórias, mas tendências estatísticas condicionadas por fatores sociais.

9. OUTRAS FORMAS DE TRATAMENTO OBSERVADAS NO CORPUS

Embora o foco desta pesquisa recaia sobre a variação entre os pronomes *tu* e *você*, os corpora analisados revelaram a ocorrência de outras formas de tratamento empregadas pelos falantes. Tais formas, embora menos frequentes, são relevantes para a compreensão dos usos das preferências de tratamentos e quais contexto sociocultural está envolvido no português falado em Luanda. Por não constituírem o objeto central deste estudo, essas ocorrências são aqui registradas de maneira descritiva e sucinta. À luz de Nauege (2021) serão ilustradas algumas dessas formas em entrevistas dos corpora analisados do Projeto “Em busca das Raízes do português brasileiro”.

Informante: Josefa Pinto Tavares

Sexo: Feminino

Idade: 21 anos

Naturalidade: Luanda

Primeira língua: Português

Escolaridade: Superior Incompleto

VÓ

DOC: Sim... Que forma de tratamento você usa para falar com seus irmãos?

INF: Nós usamos o tu.

DOC: Tu. Usa você pra quem?

INF: Eu uso você mais para os meus professores, os senhores mais velhos, inclusive os meus avós, os meus tios, eu não trato por tu, mas sim por você. O brasileiro normalmente... eu vou comparar com o Brasil porque o nosso português assemelha-se mais com o de Portugal. Então, a única... O único português que eu vejo pra comparar é o do Brasil e o brasileiro trata você: você não fez isso, você não fez aquilo... Mas é, eu vou tratar você, não trato você. Uso o tratamento você, mas de forma mais respeitosa...

DOC: *De forma mais?*

INF: *...Respeitosa. Se eu falar com meu avô, por exemplo, “você não fez isso!” ele vai dizer... no mínimo, ele vai dizer o quê “estás a falar com quem? Com teu amigo? Teu primo?”. Eu não digo não. Eu digo “vó, posso ir consigo ao cinema, posso sair consigo, vó falta misto... vó posso nadar?” Uso o termo vó...*

DOC: *Não usa você com seu avô?*

INF: *Não, não. Eu uso... É o que eu disse, eu uso o tratamento por você mas de forma mais jeitoso...*

Observa-se a presença da forma de tratamento nominal **vó** utilizada por essa informante para se referir aos avós, evidenciando um tom de respeito. A informante diz utilizar o *você* para se referir a professores, avós e tios, não preferindo o *tu* para esse fim. O que chama atenção é que a moradora de Luanda diz usar o *você* para “senhores mais velhos”, como seu avô, no entanto faz uma ressalva nesse uso. Para ela, o *você* é utilizado para se dirigir a esse parentesco carrega marcas de mais respeito. Dessa forma, entende-se que a forma do *você* por ela utilizado deve remeter ao tratamento cerimonioso do século XIX, e não a forma inovadora que expressa intimidade, confiança e menos distanciamento, conforme aponta Naege (2021).

PAPI e PAPÁ

Outra forma encontrada na entrevista dessa mesma informante para se referir a um parentesco que, nesse caso, é o pai. Verifica-se que ela continua não tratar um membro familiar de mais respeito por *tu*, por ser uma forma que carrega intimidade.

INF: *Não de uma forma mais direta. O tu eu uso mais com os meus pais. Eu às vezes também não trato por tu, eu gosto de chamar de [ININT] **papi**, é... Às vezes, chamo meu velho, ele fica irritado porque ele diz “eu tenho 47 anos, não sou velho” então não uso tratamento diretamente. É... Como por exemplo, não trato meu pai... Eu não uso os termos “tu vai me levar ao cinema?” não, eu digo “**papá**, podes levar-me ao cinema?” tenho trabalho, “**papá**, podes me levar?”, “**papá** podes isso...?” Não tratar diretamente o tu.*

SOBA

O termo soba parece nos corpora para designar uma autoridade tradicional. Seu uso evidencia a influência de elementos socioculturais locais no sistema de tratamento do português falado em Luanda.

DOC: Você acha que... Eu observei aqui que, pelo menos na tradição, na literatura, que a pessoa mais velha sempre é bem respeitada, não é? Você acha que continua assim?

*INF: Continua... Nós temos uma tradição aqui, eu sou angolana, tenho descendentes (ascendentes) portugueses, tenho uma segunda nacionalidade, mas eu não concordo muito com a tradição daqui do nosso país. Porque são tradições muito... há umas que, por exemplo, o lado cultural, como a comida, a dança, ainda tenho o prazer de analisar e reter desses aspectos algo construtivo. Mas a nossa tradição, como que... como por exemplo, o **soba**, o senhor mais velho aqui é chamado de **soba** e caso, por exemplo, tu uses o rio de uma aldeia fora da cidade, nossa tradição não pesa muito aqui na capital porque aqui na capital nós chegamos a ser aculturados por Brasil e Portugal, mas nas províncias vê-se que o povo sente ou receia muito o **soba** que é o chefe da tribo, devido... Porque tu faz algo contra este homem, eu acredito que eles trabalham com forças ocultas, tu és penalizado. Eu tive o prazer de passar por um rio, onde é chamado Põe... Este rio, tudo que cai neste rio não volta a subir, é uma tradição que se fez ali, é...*

TIO

Outra forma de tratamento encontrada que se assemelha ao uso no Brasil para se referir ao parentesco tio, assim como pessoas desconhecidas, como foi o caso dessa ocorrência.

Informante: Paulina Ana Beatriz

Idade – 31 anos

Escolaridade - 2ª. Classe

Língua nativa – kikongo

Naturalidade – Zaire

DOC: – Que forma de tratamento que a tia dá a um desconhecido? Chama por senhor, chama por você, tu?

*INF:– Não, chamo: **Tio! Tio! Tia!** Vem aqui ver o que eu tenho pra lhe dar. Justamente, tinha um zungueiro que tava a passar na minha rua. Ela tava bem apertada mesmo. Eu tava lá fora de pé com a minha vizinha. A minha vizinha entra e eu fiquei lá no portão a chamar o meu filho pra vir tomar banho. Então, o outro tava a passar, ela tava a passar, me viu, chegou, me cumprimentou: Boa tarde, tia. Eu disse: Boa tarde. E ela disse: Tia, por favor, quero só ir no teu quarto de banho. Eu disse: Não, meu quarto de banho, entra na sala, é a primeira porta à esquerda. Ela entrou, fez a necessidade maior, fez tudo. Ela saiu foi lá pra me agradecer, pra me dar dois pacotes de Omo . Eu disse: Não.*

De acordo com seu estudo sobre as formas de tratamento no português de Angola, Naege (2021) afirma que os informantes quando querem se dirigir a um adulto optam pelas seguintes formas: *Tu* (30%), *Tio* (40%), *Senhor* (20%) *Você* (10%) e não houve caso de *Mana/Maná*. Agora, quando se dirigem a um adulto desconhecido indicam *você* com 10% como sendo adequada, *Senhor* com 20%, *Mano/maná* com 30% e *Tio/tia* com 40%. Segundo o autor, esta forma que antes era própria para designar o grau de parentesco está crescendo para exprimir valores de (+) respeito e (–) familiaridade, para tratar um adulto desconhecido.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a variação dos pronomes tu/você no português falado em Luanda (Angola) descrevendo o uso da segunda pessoa do singular na variedade linguística utilizada em Luanda a partir de entrevistas com moradores por meio de um estudo em tempo aparente. Foi observada a variação linguística entre pessoas com “nula” ou “baixa escolaridade” e as variedades usadas por pessoas com escolaridade alta, analisando quais formas de tratamento variam, as mais recorrentes ou não e as emergentes entre os falantes angolanos, para assim, constatar de que forma são utilizados esses pronomes pelos falantes. Essas entrevistas, gravadas entre os anos 2008 e 2013, pertencem ao acervo do Projeto Em busca das raízes do português brasileiro (CONSEPE, 0036/09), que foi concebido e coordenado pela Profa. Dra. Eliana Sandra Pitombo Teixeira de 2010 a 2016. Como se trata de uma pesquisa sociolinguística, a metodologia de coleta de dados foi realizada nos moldes de Labov observando o vernáculo nas narrativas de experiência pessoal dos moradores, os quais respondiam perguntas sobre sua língua pessoal, profissão, escolaridade, fator social que os deixam muito à vontade, tendo em vista que relembavam histórias antigas envolvendo seus familiares, além disso, eram feitas perguntas sobre meios que utilizavam para se manterem informados e outros assuntos. A relevância da investigação residiu na oportunidade em contribuir com estudos sobre a variedade do português angolano, esta que, por sinal, ainda não possui trabalhos exaustivos colocando-a no rol de pesquisas sobre a variedade. Assim sendo, busca-se traçar contornos da norma linguística do português luandense, sendo esse o representante do português angolano. Dessa forma, oportuniza-se abrir caminhos para trabalhos vindouros sobre o português de Angola sobre variados fenômenos.

Para compreensão dos resultados, foi traçado alguns percursos. Nesse sentido, para que houvesse a explicação e evidência do uso desses pronomes é preciso discutir as razões sócio-históricas de Angola que implicam nos contatos linguísticos presentes no território. Essa tarefa foi feita inicialmente ao abordar o contexto de guerra civil que houve contra Portugal, que chegou ao fim em 1975 com sua independência, assim como os movimentos nacionalistas pró-independência que lutavam contra o colonialismo português. Ademais, não se pode falar em uma país do sul global sem pontuar a política linguística, território esse marcado por posições de subalternidade e objetificação, no caso, de Angola, essa situação influenciou no favorecimento de uma política linguística que não legitima as línguas nacionais, então, desse modo, é urgente uma política inclusiva e de justiça de social.

Através da metodologia da sociolinguística variacionista ou teoria da variação considerada a mais eficaz para coleta e codificação de dados pretende-se obter evidências sobre quais\ como os fatores linguísticos e extralinguísticos interferem no comportamento da variável dependente. De qualquer forma, a investigação colabora com os estudos da variação e mudança linguística em situações de contato no português angolano. Por fim, com esses estudos, acredita-se na valorização da identidade, cultura e território angolano, especialmente, o luandense, uma vez que se busca apresentar divulgação de mais estudos sobre essa variedade.

Os resultados evidenciam que a alternância entre *tu* e *você* não ocorre de forma aleatória, mas é sistematicamente condicionada por um conjunto de variáveis linguísticas e sociais. Esta pesquisa sendo guiada por trabalhos consagrados da Sociolinguística pôde controlar variáveis internas (concordância e realização do sujeito) e externas, as chamadas sociais (faixa etária, escolaridade, sexo, língua materna e local de nascimento). De modo geral observou-se uma tendência ao favorecimento do pronome *você* em determinados contextos sociais e discursivos, o que aponta para uma possível expansão dessa forma no português falado em Luanda. Já o pronome *tu*, por sua vez, mostrou-se restrito a contextos específicos, a exemplo, da variável preenchimento de sujeito, em que o *tu* se mostrou mais produtivo em relação ao apagamento (60%) do que *você* relevando um fato recorrente por estudos (Balsalobre, 2015) carregando justificativa na morfologia flexional do verbo. O resultado expressivo de *você* comprova para o uso inovador desta forma pronominal que marcava um tratamento cerimonioso (originou-se do *vossa mercê*) e deixou de marcar necessariamente respeito, formalidade ou distância, passando a funcionar como pronome pessoal neutro de 2ª pessoa, podendo assim ser colocado como um caso de dessemantização.

No que diz respeito às variáveis sociais, fatores como língua materna, escolaridade e faixa etária mostraram-se relevantes para a compreensão do fenômeno. Sobre a língua materna, houve uma incidência maior do *você* com falantes das línguas angolanas de origem africana (96.4 %), no entanto *tu* mantém sua presença nesse grupo com os falantes do português como L1. Vale salientar que este grupo foi o primeiro a ser selecionado na rodada do programa Goldvarb X, tratando-se de um dos grupos mais importantes a ponto de ter um forte favorecimento de 0.714 no fator mais produtivo. A variável faixa etária teve um peso relativo muito forte entre os idosos, público que mais optou pela forma *você*, 0,814- favorecimento muito forte, ainda que seja majoritário em todas as faixas etárias; entretanto são os jovens que mais utilizam o *tu*.

Mas há que acrescentar que nas culturas bantu, os mais velhos não podem ser chamados pela segunda pessoa (tu/você/vocês) porque isso é sinal de falta de respeito e consideração. A idade é fundamental para a organização social. Todas as atitudes comportamentais são baseadas na faixa etária. Exemplos: a) Quando se chega num lugar a ocupação das cadeiras obedecerá a faixa etária. B) Quando se serve a comida na mesa, a ordem para servir é pela idade; c) Para falar numa reunião familiar, a ordem da fala é pela idade. Os conselhos e orientações são passadas de geração em geração com base na faixa etária. Isso significa que é pressuposto que os mais velhos tenham experiência para transmitir aos mais novos.

Desta forma, nas culturas dos povos bantu o uso de *tu/você* parte dos mais velhos para os mais novos e jamais o contrário, pois esse sentido implica falta de respeito. Por vezes, há momento em que se recorre a terceira pessoa do singular (ele/ela) para evitar o uso de *tu/você*. Por exemplo, num diálogo entre o pai e filho. Não se pode falar: “tu me deste a laranja”, mas sim deverá dizer “o papá me deu a laranja”. É neste caso, em que a preferência seria a terceira pessoa do singular ao invés da segunda que seria aceite em outras culturas.

Ademais, verificou-se que determinados contextos semânticos e pragmáticos favorecem o uso de *tu* e *você*, o que reforça a pensar que a variação entre essas formas pronominais não envolve apenas aspectos morfossintáticos, mas também valores discursivos e interacionais. Esses achados corroboram com discussões compreendem os pronomes de tratamento como elementos sensíveis às dinâmicas sociais e às relações de poder, proximidade e formalidade (Naege, 2021).

Este trabalho contribui, assim, para o avanço dos estudos sobre o português angolano, ainda pouco descrito sob a perspectiva variacionista, ao oferecer uma análise empírica fundamentada em dados de fala espontânea. Além disso, amplia a discussão sobre a variação dos pronomes de segunda pessoa no domínio do português, demonstrando que os padrões observados em Luanda apresentam especificidades que merecem atenção no panorama das variedades do português. Nesse sentido, pesquisas posteriores podem ampliar o corpus analisado por meio de gravações de novas entrevistas afim de registrar novas tendências de uso do *tu\ você* devido a questões de urbanização e tecnologia e, quiçá outras formas nominais registradas nos corpora desta pesquisa.

Além do mais, incluir outras variáveis, a exemplo de tipo de frase (afirmativa, negativa, interrogativa e imperativa), função sintática da variante, paralelismo formal, efeito gatilho,

tempo fora da comunidade, outras variáveis sociais, como gênero e redes de interação. Estudos comparativos entre o português angolano e outras variedades africanas, como a de Moçambique ou brasileiras também se mostram promissores para aprofundar a compreensão desse fenômeno. Conclui-se, portanto, que a variação entre *tu* e *você* no português falado em Luanda constitui um fenômeno complexo e sistemático, refletindo mudanças linguísticas em curso e dinâmicas sociais próprias do contexto luandense.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. Pesquisas com dados do português falado em Luanda-Angola: Algumas Considerações Metodológicas. In: ARAÚJO, Silvana et al. (org.). **Lusofonia afro-brasileira: Questões sócio-históricas e linguísticas**. Campinas: Editora Pontes, 2025, p. 15-43.
- AFONSO; ANICETO; GOMES, Carlos de Matos. **A Guerra colonial**, Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- ALVAREZ, Marcos. Sociedade, norma e poder. In.: BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. SP: Loyola, 2002. p.201-215.
- ANGOLA. Constituição. **Diário da República- Órgão Oficial da República de Angola**. I série, N^a1. Angola, 1975.
- ANGOLA. **Constituição da República de Angola**. Luanda: Assembleia Nacional, 2010.
- ANGOLA. **Diário da República, Lei de bases do sistema de educação e ensino**. Luanda: Imprensa, 2016.
- ANGOLA. Presidente da República. Decreto Presidencial n.º 270/24, de 29 de outubro de 2024. **Diário da República**, Luanda, I Série, 29 out. 2024.
- ANGOLA. **Instituto Nacional de Estatística (INE)**. *Recenseamento Geral da População e Habitação: RGPH 2024*. Luanda, 2025a.
- ANGOLA. Ministério da Cultura. **Proposta de Lei das Línguas de Angola**. Luanda: Ministério da Cultura, mar. 2025b.
- BALSALOBRE, Garcia Sabrina Rodrigues. **Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento**. 2015. 345 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa-- Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, São Paulo, 2015.
- BALSALOBRE, Garcia Sabrina Rodrigues; KANUSSE, Elias Flores. Língua portuguesa em Angola: breve discussão sobre a situação de seu ensino na Província do Namibe. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 11, n. 32, p. 606–631, 2020.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BERNARDO, Ezequiel Pedro José; SEVERO, Cristine Gorski. Políticas Linguísticas em Angola: Sobre as Políticas Educativas In(ex)clusivas. **Revista da Abralín**, Paraná, v. 17, n. 2, p. 210-233, 2018.

BITTENCOURT, Marcelo. “**Estamos juntos!**” O MPLA e a Luta Anticolonial 1961-1974. Volumes I e II, Kilombelombe, Luanda, 2008.

BOLZAN, Ourora Rosalina. **Cultura e Escola**. Santa Catarina: Unochapecó, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. São Paulo: Parábola, 2004.

BRAUN, Friederike. Terms of Address: **Problems of Patterns and Usage in Various Languages and Cultures**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

BROWN, Roger.; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. (ed.). **Style in Language**. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2007.

COMISSÃO PARA O ESTUDO DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA (CECA) / ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (EME). Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África, 1961-1974: **Aspetos de Actividade Operacional**, Volumes I, II e VI. 1.^a ed. Lisboa: EME, 1988.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, Mario Eduardo et al (Org.). **Manual de linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da.; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da.; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. **DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 47–76, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma, uso e variação**. São Paulo: Parábola, 2008b.

FARACO, Carlos Alberto. **O tratamento você em português**: uma abordagem histórica. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

FELGAS, Hélio. **Guerra em Angola**. Lisboa: Livraria Clássica, 1962.

FISHMAN, Joshua A.; FERGUSON, Charles A.; DASGUPTA, Jyotirindra. (Org.). **Language problems of developing nations**. New York: Wiley & Sons, 1968.

GONÇALVES, Perpetua. Para uma sociolinguística africana: contacto de línguas, mudança e variação. **E-cadernos CES**, n. 8, 2010. p. 72-92.

GREENBERG, Joseph Harold. **The Languages of Africa**. Bloomington: Indiana University, 1963. v. 25.

GUTHRIE, Malcom. **The Classification of Bantu Languages**. London: Oxford University Press/International African Institute, 1948.

GRIMES, Barbara Faye. Ed. **Ethnologue**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1996.

HAUGEN, Einar. **Language conflict and language planning**: the case of modern Norwegian. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

INE- Instituto Nacional de Estatística. **Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014**. Luanda: INE- Instituto Nacional de Estatística. Gabinete Central do Censo Subcomissão de Difusão de Resultados, 2016.

INVERNO, Liliana. Português vernáculo do Brasil e português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística. In: FERNÁNDEZ, Miguel. et al. (org.). **Los criollos de base ibérica**. Madrid; Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 201–213.

INVERNO, Liliana. **A transição de Angola para o português vernáculo**: estudo morfossintático do sintagma nominal. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

INVERNO, Liliana. **Contacto linguístico e mudança no português de Angola**. Lisboa: Colibri, 2008.

INVERNO, Liliana. O português em Angola: dinâmicas urbanas e sociais. **Papéis em Linguística**, 2016.

INVERNO, Liliana. Contato Linguístico em Angola: retrospectiva e perspectivas para uma política linguística. In: Paulo Feytor Pinto & Sílvia Melo-Pfeifer (orgs). **Políticas Linguísticas em Português**. Lisboa: Lidel, 2018. P. 82-105.

JOSEPH, Earl Joseph & TAYLOR, Talbot John (orgs) . **Ideologies of Languages**. Londres: Routledge, 1990.

JONES, K. (2019). Contemporary Khoesan Languages of South Africa. In **Critical Arts: South-North Cultural and Media Studies**. 20p. Routledge:Taylor and Francis Group.

KATO, Mary. **A evolução da noção de sujeito no português**. Campinas: Unicamp, 2002.

KATO, Mary Aizawa. **A gramática do português falado: variação e mudança**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KONDJA, José Evaristo. Khoisande Angola: Descrição e análise comparativa do vocabulário das variantes (línguas)! Khun (Khoisan) da província do Cunene. **Njinga & Sepé:Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco doConde (BA), vol.3, nº1, p.156-184, jan.-jun. 2023

KUKANDA, Vatomene. Diversidade linguística em África. **Africana Studia**. Portugal, nº 3, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 101-117, 2000.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marco Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEWIS, Michael Paul.; SIMONS, Gary Francis.; FENNING, Charles. Languages of Angola. **Ethnologue: Languages of the world**, 18ª Edition. Dallas, Texas: SIL International, 2015.

LIPSKI, John. **A History of Afro-Hispanic language**: Five Centuries, Five Continents. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Sujeito nulo e sujeito expreso no português. **Revista da ABRALIN**, 2004.

LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A variação *tu/você* no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 24, p. 137–165, 2016.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre língua no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41 -71.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUSAKALALU, Pedro: **Línguas e Unidades Glossonímicas**. Luanda: Nzila, 2005.

MAHO, Jouni Filip : **NUGL Online**. The online version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages, 2008.

MENDES, Amélia. **O português urbano de Angola**: dinâmicas sociolinguísticas. Lisboa: Colibri, 2019.

MENDES, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Silvia; BRITO, Cristiana. Formas de tratamento no português angolano: perspectivas de contato e variação. **Revista de Estudos Africanos**, v. 12, n. 2, p. 80–99, 2020.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 49–87.

MINGAS, Amélia A. **Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda**. Luanda: Cachinde, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília. Variação linguística e ensino. In: MOLLICA; BRAGA (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9–26.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NAUEGE, João Muteteca. As formas de tratamento no português de Angola: contributo semântico-pragmático. In: TIMBANE, A.A.; SASSUCO, D. P.; UNDOLO, M. (Org.). **O português de Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. 1ª edição. São Paulo: Editora opção, 2021.p. 124-141.

NARO, Anthony Julius. A mudança linguística em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43–60.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, Antônio Pires. **Angola, 1966-74: vitória militar no Leste**. Ed. Tribuna da História. 2002.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu**. Maputo: Imprensa Universitária Eduardo Mondlane, 2004.

NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (Orgs.). **The Bantu Languages**. Londres: Routledge, 2003.

NTONDO, Zavoni. **Manual de Linguística Bantu**. 1. ed. Luanda: Mayamba Editora, maio 2023.

NZAU, Domingos Gabriel Ndele. **A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o estudo da sua nacionalização**. 204 f. (Tese de Doutoramento). Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 15, no. especial, p. 201–232, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição. Variação e gênero. In: MOLLICA; BRAGA (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

PEDRO, João. Dinâmica das formas de tratamento no português veiculado em Angola. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco do Conde, v. 1 (nº Especial), p. 322–340, 2021.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **Papia**, São Paulo, v. 17, p. 9-19, 2008.

PINTO, Arlindo. **História de Angola-** da Pré- História ao início do século XXI. Lisboa: Mercado de Letras, 2015.

PIRES, Queneth. Sobre as formas de tratamento no português em Angola: o caso de você. Portugal: **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Porto, vol. 17- 2022- 95-115. P. 95- 115, 2022.

PORTUGAL. **Estatuto dos indígenas portugueses das províncias da Guiné, Angola e Moçambique**. Decreto-Lei n. 39.666, de 20 de maio de 1954. Diário do Governo, Lisboa, 1954.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

RUMEU, Márcia. **A variação pronominal no português brasileiro: gênero, sintaxe e mudança**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 545–576, 2013.

SACHIZEMBO, João. **A Língua Gestual Angolana (LGA):** uma introdução. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 1, p.668-669, jan;/jun.2022.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X** – a multivariate analysis application. 2005. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 15 agosto. 2025.

SANTOS, Abimael Ferreira. **A variação entre as formas nominais gerúndio e infinitivo gerundivo no português falado em Luanda-Angola:** um estudo sociolinguístico. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães.; CHRISTINO, Beatriz; SPINASSÉ, Karen Pupp; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. **Cadernos de Linguística**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 01-28. 2021.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística.**(Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509523, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. O sistema pronominal do português e suas mudanças. **DELTA**, São Paulo, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A concordância verbal no português brasileiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

SCHURCHARDT, Hugo. (1888). On creole Portuguese. In: MARKEY, Thomas (ed.). **The Ethnography of Variation: Selected Writings on Pidgins and Creoles**, pp. 59-72. Ann Arbor: Karoma.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(S) Linguística(S) E Questões De Poder. Revista **Alfa**, São Paulo, vol57 (nº2): p.451-473, 2013.

SILVA, Carlos. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. **Neari em Revista**, [S.l.], vol.4, N.5, p. 1 – 15, 2018.

SILVA, António Kingui. **Formas de tratamento no português de Angola**. Estudo sociolinguístico. 2020. 246 f. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada, Évora, 2020.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da. **A colocação dos pronomes clíticos no português falado em Luanda-Angola**: um estudo sociolinguístico e sócio-histórico. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vera Lúcia de R. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. p. 1–16.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **Diálogos entre Brasil e Angola**: o português d'aquém e d'além mar. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

TIMBANE, Alexandre. Os empréstimos do português e do inglês na língua xichangana em Moçambique. **Revista Linguagem Estudos e Pesquisas**, Catalão-GO, vol. 16, n. 2, p. 29-55, 2012.

UNDOLO, Marcio. **Caracterização da Norma do Português em Angola**. 2014. 330 f. Tese de doutoramento em Linguística, Universidade de Évora, Évora, 2014.

VANCINA, Jan. Portuguese vs Kimbundu: Language use in the colony of Angola(1575-c.1845). **Bull, Séane. Acad. R. Sci. Outre- Mer Mede. Zitt. K. Acad. Overzesse Wet**, vol.47:p. 267-281, 2001.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **As Revoluções Africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

WEINREICH, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].